U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

À margem do Rio: arquitetura como dispositivo no combate à segregação socio espacial

Marta Santos de Sousa

M

2025

U.PORTO

Marta Santos de Sousa. À margem do Rio: arquitetura como dispositivo no combate à segregação socio espacial

À margem do Rio: arquitetura como dispositivo no combate à segregação socio espacial

Marta Santos de Sousa

FACULDADE DE ARQUITETURA

M.FAUP **2025**

À MARGEM DO RIO

arquitetura como dispositivo no combate à segregação socio espacial

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA
Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Marta Santos de Sousa

Sob orientação do
Professor Doutor Álvaro António Gomes Domingues

Apresentada a 8 julho 2025, Porto.
Presidente: Prof. Doutora Teresa Manuel Almeida Calix Augusto
Arguente: Doutor Nuno Duarte Loureiro Flores

Classificação: 20 | 20 valores.

RESUMO

A segregação socio espacial é um dos grandes desafios estruturais das cidades contemporâneas, ao mesmo tempo reflexo e mecanismo de perpetuação das desigualdades históricas. Na cidade do Rio de Janeiro, esta realidade manifesta-se de forma contundente, onde a fragmentação territorial e a distribuição desigual de bens comuns limitam o acesso de grande parte da população ao pleno *direito à cidade*. Diante deste cenário, esta dissertação propõe uma reflexão sobre o papel social da arquitetura na construção de uma cidade mais justa, analisando de que forma, quando aliada a políticas públicas e intervenções sociais, pode atuar enquanto dispositivo no combate dessas desigualdades.

Mais do que uma procura por respostas e soluções absolutas, pretende-se, sobretudo, levantar questões sobre as diferentes ferramentas, estratégias e dimensões da arquitetura na contribuição de uma cidade mais inclusiva e una. Através da análise crítica de políticas urbanas e intervenções espaciais, confrontam-se intenções e impactos, discursos e práticas, evidenciando os desafios e as possibilidades de uma atuação verdadeiramente comprometida com a equidade.

Neste percurso, torna-se evidente que, embora a arquitetura tenha o poder de reconfigurar dinâmicas urbanas, a sua atuação isolada é insuficiente. Uma transformação efetiva e sustentável requer abordagens multidisciplinares, continuidade, diálogo e a participação ativa daqueles que habitam e constroem a cidade diariamente. Entre contradições e possibilidades, esta dissertação observa uma cidade onde a exclusão ainda se impõe, mas onde a resistência e a reinvenção continuam a redefinir os seus territórios.

ABSTRACT

Socio-spatial segregation is one of the great structural challenges facing contemporary cities, serving both as a reflection and a mechanism for perpetuating historical inequalities. In the city of Rio de Janeiro, this reality is particularly evident, where territorial fragmentation and the unequal distribution of common goods restrict large portions of the population from fully exercising their *right to the city*. In light of this scenario, this dissertation explores the social role of architecture in building a fairer city, analyzing how, when combined with public policies and social interventions, it can function as a device in combating these inequalities.

Rather than seeking for absolute answers and solutions, the aim is to to raise questions about the various tools, strategies, and dimensions of architecture in contributing to a more inclusive and cohesive city. Through a critical analysis of urban policies and spatial interventions, intentions and outcomes, discourse and practice are confronted, highlighting both the challenges and the possibilities of a truly committed approach to equity.

Along the way, it becomes evident that although architecture has the power to reshape urban dynamics, its impact remains limited if acting alone. Achieving effective and sustainable transformation requires multidisciplinary approaches, continuity, dialogue, and the active participation of those who inhabit and shape the city on a daily basis. Between contradictions and possibilities, this dissertation examines a city where exclusion still prevails, yet where resistance and reinvention continue to redefine its territories.

NOTA PRÉVIA:

Esta dissertação foi redigida em língua portuguesa, ao abrigo do Novo Acordo Ortográfico, salvo as citações que utilizem o Antigo Acordo Ortográfico. Sempre que necessário, procedeu-se à tradução livre das citações em línguas estrangeiras, de forma a garantir uma leitura mais fluída, excluindo, no entanto, as citações em variantes da língua portuguesa. As imagens apresentadas foram igualmente tratadas sempre que pertinente, sendo a sua autoria devidamente referenciada, sempre que possível.

SUMÁRIO

RESUMO 2
ABSTRACT 3
NOTA PRÉVIA 4
SUMÁRIO 5
MOTIVAÇÃO 7
INTRODUÇÃO 9

REFLEXÕES INICIAIS 14
Humanismo, Arquitetura e Cidade 15

CAPÍTULO 1 18
Periferias 21

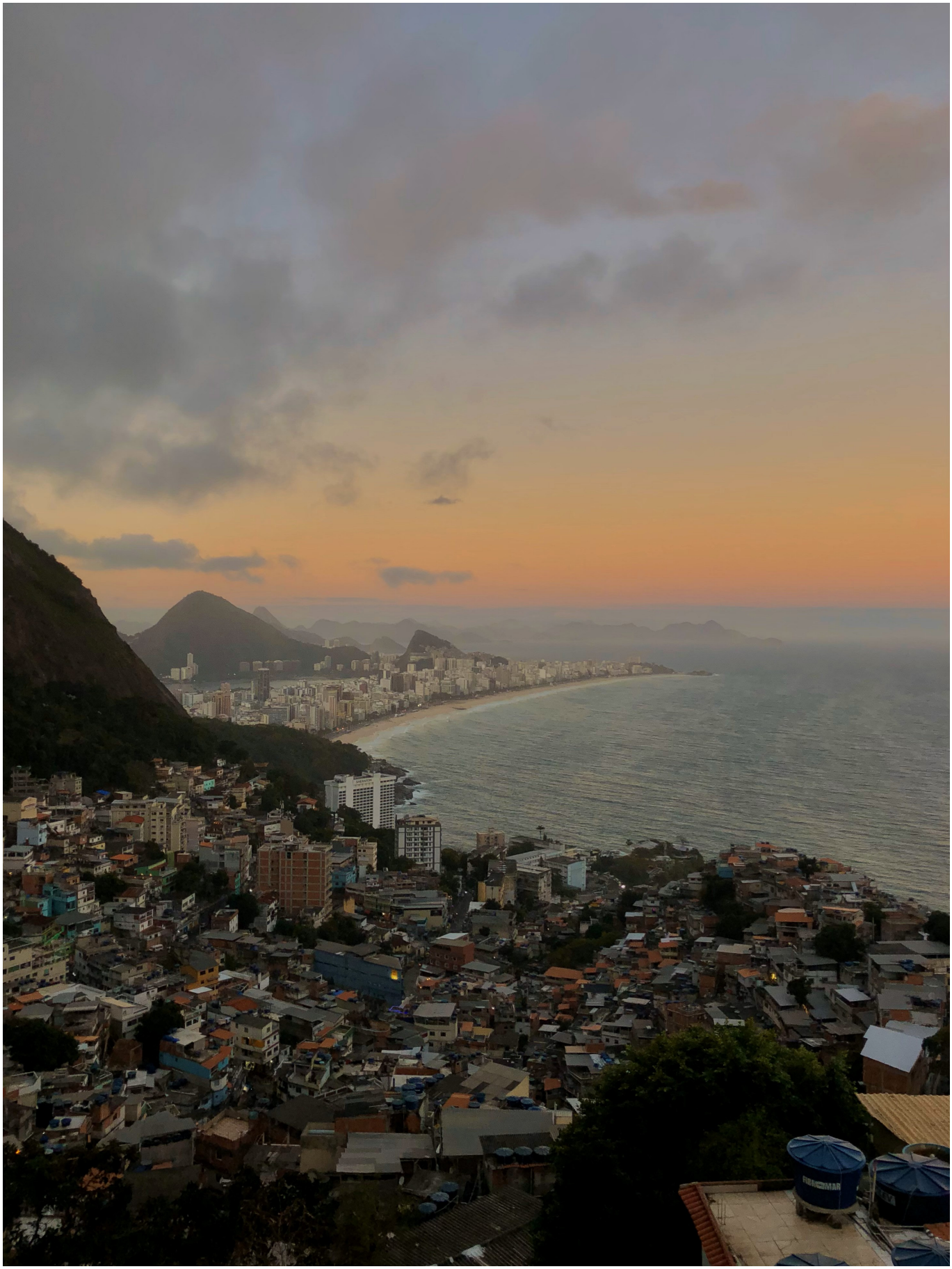
NO RIO DE JANEIRO 27
Áreas de Planejamento 28
Do início 32
História Intermitente 35
Políticas de Urbanização de Favelas 40
entre o Discurso e a Prática 56

CAPÍTULO 2 60
O Espaço 63
Espaço Público e Espaço Coletivo 64
Espaços Comuns 67
Descentralização e Democratização 70

CIEPs 73
Galpão Bela Maré 95
(des)semelhanças 109

REFLEXÕES FINAIS 110

AGRADECIMENTOS 114
BIBLIOGRAFIA 116
ICONOGRAFIA 120
ANEXOS 131



[1] LAJE DA TIA ANDREA
Favela do Vidigal. Rio de Janeiro.
Fotografia da autora. 2022.

MOTIVAÇÃO

Embarcar rumo ao desconhecido tem sempre um misto de arrepio e emoção. Foi isso que senti ao entrar no avião em 2022, com destino ao Rio de Janeiro, cidade onde iria viver durante um ano. A antecipação, o fascínio, a esperança de encontrar conforto e casa numa outra realidade, que haviam florescido em mim nos meses anteriores, de repente, tomaram conta da minha imaginação.

Da janela avista-se o mar, e depois terra. Aterramos. É surreal! Os morros, as praias, o Cristo Redentor que, de braços abertos sobre a cidade, nos acolhe à chegada. As primeiras impressões são avassaladoras, indiscritíveis. As ruas movimentadas e escaldantes, a diversidade de sons, cores e cheiros, tudo nos deixa um pouco atordoados, mas felizes.

Os primeiros dias são uma fonte de emoções e descobertas. Mas esses dias transformam-se em semanas, e depois em meses, e a vastidão da cidade começa a ganhar contornos familiares. O sorriso acolhedor do porteiro, as vizinhas que já nos sabem o nome. O supermercado caótico onde o megafone dos descontos e os *bips* da caixa nos passam agora despercebidos. O 485, *ônibus* fiel que nos leva à faculdade, vagueando e sacudindo-se pela cidade. O Posto 7 na praia de Ipanema, onde nos esquecemos dos desafios do dia, onde a *moça* do açaí e o senhor dos biquínis nos mimam, uma e outra vez. O tacho cheio da Tia Andrea, que nos recebe com carinho na sua modesta casa no Vidigal, detendo uma das melhores vistas sobre a cidade.

As pequenas rotinas, os rostos e os lugares já conhecidos convertem a estranheza inicial numa sensação de pertença, acolhendo-nos e tornando a cidade em casa.

Este trabalho nasce da vontade de continuar no Rio de Janeiro, mesmo já não estando lá. Cresce com a necessidade de entender as dificuldades e os problemas da cidade e das pessoas que nela habitam, numa tentativa de compreender como pode a nossa profissão, enquanto arquitetos, talvez, facilitar certos aspetos das suas vidas.

É uma visão construída a partir da minha deambulação, das minhas experiências, dos lugares que visitei e conheci, mas também dos que fiquei por conhecer, do que fiquei por entender. É um olhar *gringo*, porém crítico, sobre aquilo que vivi e que não vivi, num revisitar de memórias e numa pesquisa agora mais profunda e atenta a todas as facetas desta cidade.

É, acima de tudo, uma reflexão da importância do outro na cidade, da sua individualidade e autonomia, nisto que deve ser a casa de todos, num processo de extinção de barreiras sociais que vêm sendo construídas e perpetuadas por muitas gerações, continuando a causar tantas desigualdades e injustiças.

“Ninguém sabe melhor que tu, sábio Kublai, que nunca se deve confundir a cidade com o discurso que a descreve. E contudo entre eles há uma relação.”

(CALVINO, Italo. 2015. P63.)

INTRODUÇÃO

Cidade maravilhosa, de sensações coloridas, musa de mil e uma canções, poemas, histórias e encontros. Cidade que, aos olhos de quem passa fugazmente, parece não ter defeitos.[1] Mas e de quem a vive? Com o tempo, vamo-nos apercebendo que a verdade se manifesta muito além da Zona Sul, para lá dos Dois Irmãos e dos ícones dos cartões-postal; manifesta-se por entre os morros, expande-se para norte e para oeste, cada vez mais evidente, mais denunciadora e mais característica. Por entre becos estreitos e vielas íngremes despontam infinitas construções, cada uma maior que a outra, cada uma distinta da anterior. A cidade, com as suas paisagens e praias sedutoras, os prédios luxuosos e as longas avenidas, tenta esconder esta realidade que lhe é bastante contrastante.

Esta dissertação propõe uma reflexão sobre como pode a arquitetura, aliada a políticas públicas e intervenções sociais, funcionar enquanto dispositivo no combate à segregação socio espacial. No contexto do Rio de Janeiro, onde as disparidades sociais são tão profundas e as fronteiras físicas e simbólicas separam realidades antagónicas, é urgente reconhecer que o espaço urbano não é neutro. Ele reflete e, por vezes, acentua as desigualdades sociais. Desta forma, pretende-se demonstrar que, longe de ser uma disciplina isolada, a arquitetura tem um papel social e é uma ferramenta importante na configuração das dinâmicas que moldam a cidade contemporânea, podendo agir ativamente para que esta seja mais justa e inclusiva.

[1] E, se não soubéssemos mais nada sobre esta *cidade maravilhosa*, expressão que surgiu pela primeira vez no início do século XX e foi imortalizada com a canção homónima, composta por André Filho em 1934 e interpretada por Aurora Miranda, a cidade pareceria não ter defeitos. Oficializada como hino da cidade, em 1960, a canção torna-se como uma *máscara* para os anos negros de ditadura militar que se viviam, da ditadura, e o Carnaval, o samba ou a sensualidade do Rio não eram mais do que manobras de propaganda e de disfarce para os muitos problemas pelos quais o Brasil de então passava.

O ponto de partida desta investigação passa por uma reflexão: sobre a responsabilidade social do arquiteto na construção de cidade - querendo com isto dizer, tudo o que a constitui, nas múltiplas dimensões da vida em comum, da sociedade bem ou mal organizada e produtora de um espaço, o espaço urbano, que se pretende que seja funcional, acessível, justo, democrático e, porque não, bonito; sobre a arquitetura enquanto dispositivo, um meio para se chegar a um fim; e sobre a cidade e o *direito à cidade*, como um direito sobretudo à cidadania, através de autores como Henri Lefebvre e David Harvey, cujas obras nos permitem estruturar um pensamento mais coeso.

De seguida, avançamos então para o primeiro capítulo, que se estrutura em seis momentos. Neste capítulo pretende-se contextualizar a desigualdade socio espacial na cidade do Rio de Janeiro, compreendendo como este desequilíbrio se consolidou e foi perpetuado ao longo do tempo. Reconhecendo que as favelas são a principal forma de segregação e fragmentação existente nesta cidade, é então fundamental compreender melhor a sua história.

Começamos por entender que as favelas são uma forma de *urbanização periférica*, um tipo de urbanização que, embora assuma particularidades locais, não se restringe ao Rio de Janeiro, manifestando-se em diversas cidades do mundo. A leitura de autores como Teresa Caldeira e James Holston torna-se fulcral para a compreensão deste fenómeno e dos movimentos insurgentes populares que deste despontam, aproximando-nos de uma base teórica importante para que consigamos identificar e interpretar estes processos no contexto carioca.

Depois, após um breve registo sobre a atual organização espacial e administrativa da cidade, mergulhamos realmente no Rio. Interessa-nos, então, contextualizar de forma breve o surgimento das primeiras favelas no tecido urbano, para logo explorar quais os fatores históricos e sociais que impulsionaram a sua expansão e permanência no território, assim como quais as medidas tomadas pelo poder administrativo face a estas. Esta pesquisa aponta que, ao longo dos anos, as ações variaram entre dois polos – a negação e a aceitação –, materializados sob a forma de remoção ou urbanização.

Após este percurso, pretendemos examinar de forma mais profunda a evolução de três destas ações, algumas das muitas políticas públicas voltadas para a "urbanização" e integração destas comunidades na restante cidade. Por se revelarem mais pertinentes para a investigação, pelo discurso que apresentam e pelo impacto que geraram nas favelas e respetivos moradores, opta-se por aprofundar os projetos *Favela-Bairro, Programa de Aceleração do Crescimento* e *Morar Carioca.* Depois de uma análise a cada programa e aos objetivos divulgados por cada um, recorrendo também a uma fundamentação gráfica, conclui-se este capítulo com um confronto entre o discurso e a prática, percebendo o que foi, de facto, alcançado e o que permaneceu apenas como intenção, identificando o impacto real destas iniciativas na cidade.

Partindo desta análise, entramos no segundo capítulo, que se divide em sete momentos. Este capítulo propõe investigar um dos elementos que foi altamente divulgado como sendo fundamental para a integração das periferias na *cidade formal:* os espaços comuns. Assim, primeiramente, procura-se definir o conceito de espaço, de espaço público e de espaço coletivo, explorando quais as suas funções e o seu potencial enquanto ferramenta de inclusão social, recorrendo a autores como Jordi Borja e Manuel Solà-Morales.

A partir deste entendimento, observamos que, no contexto do Rio de Janeiro, estes espaços estão fortemente concentrados nas áreas mais ricas, reforçando os seus privilégios e limitando o acesso da população desfavorecida a serviços e bens comuns. Deste modo, discute-se a necessidade de descentralizar e democratizar estes espaços, de forma a garantir uma distribuição mais equitativa dos benefícios urbanos.

Para aprofundar esta questão, analisam-se dois casos dessemelhantes de espaços comuns, na forma de equipamentos, que procuraram quebrar uma sociedade desigual através da arquitetura, da educação e da cultura – os Centros Integrados de Educação Pública e o Galpão Bela Maré. Analisados individualmente e, por fim, em conjunto, estes exemplos são também dois de muitos pelos quais poderíamos ter optado. A escolha do primeiro caso, tratando-se de uma intervenção governamental, deve-se à ampla presença do projeto na cidade, com inúmeros equipamentos distribuídos pelo território, cuja proposta arquitetónica está associada a um dos nomes mais emblemáticos da história da arquitetura brasileira – Oscar Niemeyer. Em contrapartida, o segundo caso foi selecionado pelo seu caráter insurgente, fruto de uma organização não governamental e confirmando a força da mobilização popular, mas também porque tive a oportunidade de o conhecer mais de perto durante um estágio realizado durante a minha estadia no Rio.[2]

Na análise destes dois projetos, a informação gráfica recolhida foi de extrema importância: tanto a nível dos desenhos como das imagens, esta informação permitiu-nos uma melhor compreensão dos espaços arquitetónicos. Assim, a componente visual que acompanha a parte escrita é aqui fundamental para a compreensão integral de cada caso, evidenciando, ou não, de que forma os ideais defendidos foram materializados.

Após perceber qual o impacto de ambos os casos nos territórios onde se inserem, assim como no resto da cidade, avançamos para uma reflexão final, onde procuramos retomar alguns dos temas abordados ao longo de todo o trabalho: sobre a importância de desmistificar os estigmas e preconceitos associados às periferias e respetivos moradores; sobre a tremenda necessidade do diálogo com estes e de estudos mais profundos sobre os territórios para que neles se possa intervir melhor; e sobre o nosso lugar, enquanto arquitetos, no meio de tudo isto.

[2] Estágio profissional realizado no Atelier Évora (Arquitetura e Projetos Especiais).





[2] CIDADE DE CONTRASTES
Bairro de Ipanema e Favela de Cantagalo. Rio de Janeiro.
Johnny Miller. s/d.

REFLEXÕES INICIAIS

Humanismo, Arquitetura e Cidade

"A casa é o nosso canto no mundo."[3]

Como Bachelard defende, a casa é o lugar que abriga tanto o corpo como a mente, onde podemos ser e conhecer-nos. Neste sentido, a casa acolhe-nos e protege-nos, mas também nos personifica, não existindo apenas como abrigo formal e geométrico, mas entranhando-se no nosso ser.

> "Nessa comunhão dinâmica do homem e da casa, nessa rivalidade da casa e do universo, estamos longe de qualquer referência às simples formas geométricas. A casa vivida não é uma caixa inerte. O espaço habitado transcende o espaço geométrico."[4]

O espaço habitável é uma expressão da perceção humana, das suas sensações e emoções, das suas ambições e devaneios. A verdadeira *poesia do espaço* reside na sua capacidade de enriquecer a experiência humana.

> "Para muitos, o arquitecto é o que faz; para uns tantos, o arquitecto também pensa; para os que sabem, o arquitecto, para realizar-se tem de saber fazer e, ao mesmo tempo, conhecer as coisas, e os homens, e o mundo, e a vida, e de tudo isso saber tirar uma lição que lhe permita erguer, no dealbar, um hino de esperança ao novo dia."[5]

Assim, ao arquiteto pertence um papel social. Este deve reconhecer o que é o espaço habitável na sua plenitude, e que o ser humano tem um papel ativo na interação com esse espaço, compreendendo as suas necessidades e o impacto que a sua obra terá em quem a habita. É seu dever criar espaços que relacionem corpo e ambiente, proporcionem conforto e bem-estar, que conectem as pessoas ao lugar. A arquitetura tem o ser humano como centro da sua disciplina, e tudo o que o envolve. Todas as matérias e problemas da nossa existência são, ou deveriam ser, um impulso para a arquitetura. Acima de tudo, as necessidades e vontades de quem vai habitar o espaço são o maior e mais importante contributo para um projeto.

> "E, não se pode ter a pretensão de pensar que uma prática tão socialmente envolvida como é a da arquitectura e a dos seus autores, possa fundar-se apenas nas certezas exatas da geometria, da gravidade ou da construção, de tão misturadas que estas necessariamente andam com a política, com a estética, a moral, as crenças, as utopias ou o lugar-comum."[6]

É, então, preciso compreender a arquitetura como um dispositivo, um meio para se chegar a um fim. Atua como instrumento capaz de influenciar a maneira como vivemos, as experiências, comportamentos e interações que temos, enquanto é influenciada por estes. Disciplina que reflete uma ideologia e, ao mesmo tempo, a molda. Deste modo, temos a arquitetura como uma projeção do passado, uma representação do presente e uma visão do futuro.

[3] BACHELARD, Gaston. 1998. P200.

[4] Idem. P227-228. "Com efeito a casa é, à primeira vista, um objeto que possui uma geometria rígida. Somos tentados a analisá-la racionalmente. Sua realidade primeira é visível e tangível. É feita de sólidos bem talhados, de vigas bem encaixadas. A linha reta é dominante. (...) Tal objeto geométrico deveria resistir a metáforas que acolhem o corpo humano, a alma humana. Mas a transposição ao humano se faz imediatamente, desde que se tome a casa como um espaço de conforto e intimidade, como um espaço que deve condensar e defender a intimidade."

[5] FILGUEIRAS, Octávio L. 1985. P16.

[6] Álvaro Domingues em: TAVARES, André. 2009. P7.

[3] DIREITO À CIDADE
Protesto no Rio de Janeiro.
Matthew Richmond. 2013.



Pensamos então: e o que é a cidade, senão a sua população[7] e, por consequência, a sua arquitetura? É uma construção coletiva, heterogénea e plural, um organismo vivo que respira as histórias, as tradições, as culturas e as vivências dos seus habitantes, um encontro de diferenças. A arquitetura que a compõe é o reflexo visível dessas narrativas, uma manifestação tangível dos tempos.

> "A cidade é o lugar onde pessoas de todos os tipos e classes se misturam, ainda que relutante e conflituosamente, para produzir uma vida em comum, embora perpetuamente mutável e transitória."[8]

É essa mesma cidade que reflete tanto o progresso quanto as desigualdades presentes na sua sociedade. A urbanização reproduz as novas tecnologias, mas amplifica as divergências sociais e económicas. A segregação social e espacial, existente em muitas cidades, tende a perpetuar as injustiças sociais e a distribuição desigual de bens e serviços limitam as oportunidades de desenvolvimento e de uma melhor qualidade de vida para certos grupos populacionais.

Porém, o direito a esta cidade é um direito de todo e qualquer cidadão. Ou, pelo menos, deveria sê-lo. Um direito maior do que o direito de se estar na cidade, mas de participar nela, na sua criação e transformação, o direito de ser um elemento interativo na tomada de decisões sobre ela. É um direito fundamental na democratização da cidade, na busca pela justiça social, pelo acesso equitativo de recursos urbanos e pela possibilidade de moldar um futuro mais inclusivo e sustentável. Um direito à cidadania.

> "O direito à cidade é, portanto, muito mais que um direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é um direito de mudar e reinventar a cidade mais de acordo com os nossos mais profundos desejos."[9]

Posto isto, é preciso, repensar a maneira como construímos cidade. Não somente enquanto arquitetos, ou futuros arquitetos, mas enquanto indivíduos conscientes, informados, preocupados e sensíveis.

> Temos a" (...) tremenda responsabilidade de uma profissão cuja presença é dia a dia mais evidente, embora também dia a dia menos isolada, menos egocêntrica, mais participante e mais exigente em matéria de estabelecimento de relações com outras atividades e com o fenómeno humano em geral."[10]

Temos que reimaginar a cidade enquanto espaço de convivência, integração, participação e transformação, onde todos têm direito em ser parte da mudança.[11]

> "A cidade é a construção coletiva do compartilhar de percepções, concepções e experiências de mundo. Resultado da ação de vínculos das relações sociais com a natureza, a cidade é um espaço de encontro e constituição das diferenças. Nesta perspectiva podemos afirmar que a cidade é uma criação humana territorialmente impressa. É a sociedade, ganhando conteúdo e forma, em uma dimensão concreto-simbólica particular."[12]

[7] "What is the city but the people?" - Shakespeare, line 249 of Coriolanus Act3, scene 1.

[8] HARVEY, David. 2014. P134.

[9] Idem. P28.

[10] PORTAS, Nuno. 2011. P11.

[11] Com base em: LEFEBVRE, Henri. 2001.

[12] BARBOSA, Jorge; SILVA, Jailson. 2013. P117.

CAPÍTULO 1

Periferias

Muitas das cidades de hoje são caracterizadas por terem sido, em grande parte, fruto do trabalho e da construção da própria população, numa tentativa de fazerem parte desta. A este método, Teresa Caldeira chama ***urbanização periférica.***[13] No caso do Rio de Janeiro (como, de resto, em todo o Brasil), esta urbanização toma a forma das tão conhecidas favelas, mas também dos *loteamentos*, de alguns conjuntos habitacionais e de certas zonas urbanas, como iremos perceber adiante.

[13] CALDEIRA, Teresa. 2017.

Este tipo de urbanização não se refere somente à expansão física das cidades em direção a áreas afastadas dos centros, como o termo *periférico* poderia sugerir; refere-se, antes de mais, a um conjunto de processos que se interligam e a uma forma de urbanização, onde os habitantes constroem as suas casas e os seus bairros, sem depender de um planeamento "formal" e centralizado. Assim, este é um procedimento que pode ocorrer tanto em zonas centrais – como no caso das favelas da Rocinha e do Vidigal, situadas na Zona Sul –, quanto em áreas mais distantes – como o conjunto habitacional Cidade de Deus ou os *loteamentos* da Zona Oeste. O que caracteriza esta **periferia** é a agência dos moradores na criação dos seus espaços, num processo contínuo, gradual e assimétrico, marcado pela autoconstrução e pela resistência às lógicas consideradas normais ou convencionais.

> "[Periferia] não se refere simplesmente a uma localização espacial na cidade – as suas margens –, mas sim a uma forma de produzir espaço que pode estar em qualquer lado."[14]

[14] Idem. P4.

Apesar de ser um processo caracterizado pela autonomia e improviso dos moradores, refletindo de certa forma as transformações das suas vidas e necessidades, as periferias não são necessariamente definidas pela inexistência de planeamento ou pelo caos absoluto; pelo contrário, as casas e bairros vão crescendo e melhorando com o tempo. No entanto, embora estas melhorias elevem a qualidade de vida das pessoas, podem também encarecer os bairros, tornando-os inacessíveis para as populações mais pobres, que acabam por deslocar o processo para outras áreas de menor custo, mas frequentemente mais precárias e isoladas, perpetuando um ciclo de exclusão.

Por resultarem de processos sociais onde impera a desigualdade, a exclusão e a pobreza, as *urbanizações periféricas* desafiam as normas estabelecidas (como a propriedade legal, o trabalho formal e a regulação estatal), subvertendo dualidades como "formal/informal". Ananya Roy, aliás, sugere que o "informal" não é algo isolado ou independente, mas antes o resultado de políticas "formais" implementadas pelo Estado.[15] Estas políticas, que acabam por perpetuar a pobreza em *zonas cinzentas* da legalidade (seja no uso e posse do terreno, na construção, nas transações imobiliárias ou no acesso a serviços e infraestruturas básicas), mantém as periferias num estatuto de cidadania parcial.

[15] ROY, Ananya. 2005. P148-150.

Assim, não existe uma total ausência do Estado, mas antes forma-se uma relação distinta entre este e os moradores periféricos – os governos "regulam, legislam, elaboram planos, fornecem infraestruturas, politizam e requalificam espaços"[16], mas, na maioria dos casos, intervém *a posteriori*, modificando áreas já consolidadas.

[16] CALDEIRA, Teresa. 2017. P7.

> "Frequentemente, a ilegalidade e irregularidade são as únicas opções disponíveis para os pobres se tornarem habitantes urbanos, dado que a habitação formal não é acessível e a habitação pública não é suficiente"[17] ou não oferece as condições mínimas.

[17] Idem ib.

A ilegalidade, neste contexto, não reflete uma inclinação para o crime e a violência, mas resulta da ocupação de terrenos que, no momento em que ocorreram, não eram consideradas ilegais; contudo, com o passar do tempo e devido a alterações nas leis e regulamentações, essas ocupações passaram a ser classificadas como ilegais.

Atualmente, muitos países da América Latina já implementaram programas de regularização fundiária que permitem a gradual legalização das *urbanizações periféricas*, promovendo maior integração e reconhecimento desses territórios.

As periferias tornam-se, assim, espaços de resistência, onde os moradores desenvolvem processos de auto-organização e movimentos sociais que reivindicam melhorias, direitos e novas abordagens políticas, procurando suprir as falhas deixadas pelo Estado. Para James Holston, estes movimentos são as ***cidadanias insurgentes*** [18], que não só procuram a melhoria dos seus espaços como abrem novas possibilidade de participação cívica e democrática, expondo as desigualdades estruturais e os limites das políticas tradicionais, abrindo caminho em direção ao *direito à cidade*. Segundo Holston, essa insurgência acontece quando os cidadãos historicamente excluídos pelo sistema oficial desafiam as normas e as leis que limitam o seu acesso à cidade e à cidadania, reivindicando esses direitos, transformando o espaço urbano e os próprios conceitos. Assim, a *cidadania insurgente* é uma forma ativa de participação que questiona e reestrutura as bases da *cidadania tradicional*, confrontando a exclusão e a desigualdade e promovendo um novo entendimento de cidadania, onde todos têm o direito de pertencer e participar plenamente na cidade.

[18] HOLSTON, James. 2013.

> "É uma insurgência que começa com a luta pelo direito de ter um quotidiano na cidade digno de um cidadão."[19]

[19] HOLSTON, James. 2009. P254.

Ainda, Holston critica a visão tradicional e depreciativa de que as periferias são espaços de degradação e ausência de criatividade. Pelo contrário, argumenta que as periferias, longe de serem áreas de mero abandono, são locais de inovação social e urbana. A cidade que constroem é fruto da sua criatividade, numa tentativa de possuir um sentido de pertença. Urbanização dinâmica e diversificada, reflete a pluralidade crescente tanto na habitação quanto na composição social dos bairros. Embora sejam espaços marcados pela pobreza, estes não são uniformemente pobres.[20]

[20] HOLSTON, James. 2013. P253.

> "As periferias, agora no plural porque distintas, proporcionam oportunidades de transformação diferentes consoante a natureza dos seus problemas, os trunfos que podem ir buscar ao novo quadro de coesão urbana, os recursos disponíveis, as oportunidades que se lhes oferecem e os recursos que possam mobilizar. Não constituem, por isso, receptáculos de soluções normalizadas e completamente transferíveis para todas as situações."[21]

[21] DOMINGUES, Álvaro. 1994/5. P16.

Caldeira defende que, embora a urbanização periférica se manifeste de forma similar em muitas cidades, sobretudo no Sul Global, as especificidades históricas, contextuais e culturais de cada lugar são cruciais para entender este fenómeno. Deste modo, torna-se essencial considerar essas particularidades e os processos que as originaram, a fim de intervir de forma eficaz em cada realidade.

Acrescento ainda que periferia é tudo aquilo que é marginalizado e todos aqueles que vivem como *cidadãos pela metade;* é ambiguidade e contestação, e principalmente uma vontade constante por mudança e progresso, numa busca incessante por fruir daquilo que também lhes pertence, por direito – "(...) em suma, de política."[22]

[22] CALDEIRA, Teresa. 2017. P16.

As imagens seguintes, captadas pelo fotógrafo Johnny Miller, retratam diversas periferias pelo mundo. Numa compilação impactante intitulada "Cenários Desiguais"[23], Miller ilustra a desigualdade socioespacial presente em inúmeras cidades, por vezes à distância de um palmo. São algumas dessas imagens que trazemos aqui, demonstrando como duas realidades antagónicas coabitam num mesmo lugar.

[23] *Unequal Scenes*. Disponível em: https://www.millefoto.com/unequalscenes.





[4] Bairro do Leblon e Favela da Rocinha, Rio de Janeiro.

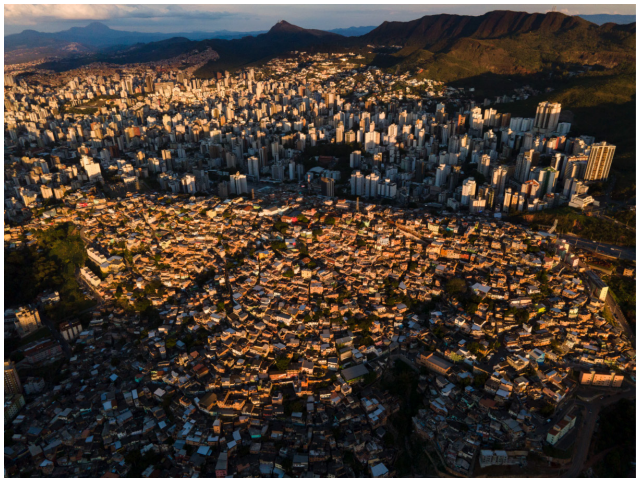
[5] Morro da Providência, Rio de Janeiro (espelhado).



[6] Apapa, Lagos (Nigeria).

[7] Morro do Papagaio, Belo Horizonte (Brasil).

[8] Villa 31, Buenos Aires (Argentina).













[9] Paraisopolis, São Paulo (Brasil).

[10] Manila (Filipinas).

[11] Buenos Aires (Argentina).

[12] Santa Fé, Cidade do México (México).

[13] Mumbai (India).





[14] SER FAVELA
Favela da Rocinha. Rio de Janeiro.
Fotografia da autora. 2022.

NO RIO DE JANEIRO

"Quando nos aproximamos, salta em relevo a diversidade de invenções e de práticas que dão significado à existência humana. Vãos de becos e escadarias dão espaço a representações visuais. São desejos, promessas e memórias coloridamente esculpidas com pincéis e sprays. Na calçada, as crianças retomam criativamente brincadeiras dos seus pais e avós: inventam o lazer nos mesmos becos estreitos e nas lajes sem parapeitos. Noutra esquina, sentimos os sabores da comida nordestina. Mais adiante dispara o sonoro aroma da feijoada na roda de pagode, enquanto *motoboys* circulam sem parar e os santos de fé pousam ("Salve, Ogum!") nas fachadas das casas. Idosos jogam cartas em mesas improvisadas de praças ainda em improviso (desde a sua inauguração). Lan houses se avizinham às barracas de camelôs e às biroscas, construindo iconografias desafiadoras. Celulares, iPads, televisão a cabo sintonizam as favelas com a velocidade global. Jogos de búzios, telegramas do amor, rádios de pilha fazem a roda do mundo se mover no tempo lento. São encruzilhadas para encontros, trajetos e projetos compartilhados, porque habitam um mesmo território de pertenças na complexidade da vida urbana."

(BARBOSA, Jorge; DIAS, Caio. 2013. P21.)

Áreas de Planejamento

Começaremos por explicar, sucintamente, a dinâmica atual da cidade do Rio de Janeiro. Por motivos administrativos de planeamento e gestão, em 1992 a Prefeitura do Rio de Janeiro dividiu o município em cinco "Áreas de Planejamento"[24] (AP) que, de certo modo, refletem a fragmentação social e espacial da cidade.[25]

A *Área de Planejamento 1* (AP1) corresponde aos bairros da área central e região portuária. A *Área de Planejamento 2* (AP2) corresponde aos bairros da faixa litoral da Zona Sul e da região da Grande Tijuca. A Zona Sul caracteriza-se por bairros de classes média e alta, ocupando o melhor sítio natural da cidade; concentra a maioria dos postos de trabalho e as principais atividades e equipamentos culturais da cidade, contando com a melhor infraestrutura, comércio diversificado e vários serviços, convergindo a maioria dos meios de transporte público da área metropolitana. Materializa-se, assim, como principal área de interesse turístico e de maior valor imobiliário da cidade.

A *Área de Planejamento 3* (AP3) corresponde aos bairros da zona norte, abrigando as classes média e baixa. É a área com os maiores complexos de favelas, abrigando quase metade da população residente em periferias do Rio de Janeiro.

A *Área de Planejamento 4* (AP4) corresponde à região da Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá que se consolidaram nas últimas décadas como principal frente de expansão do mercado imobiliário na cidade.

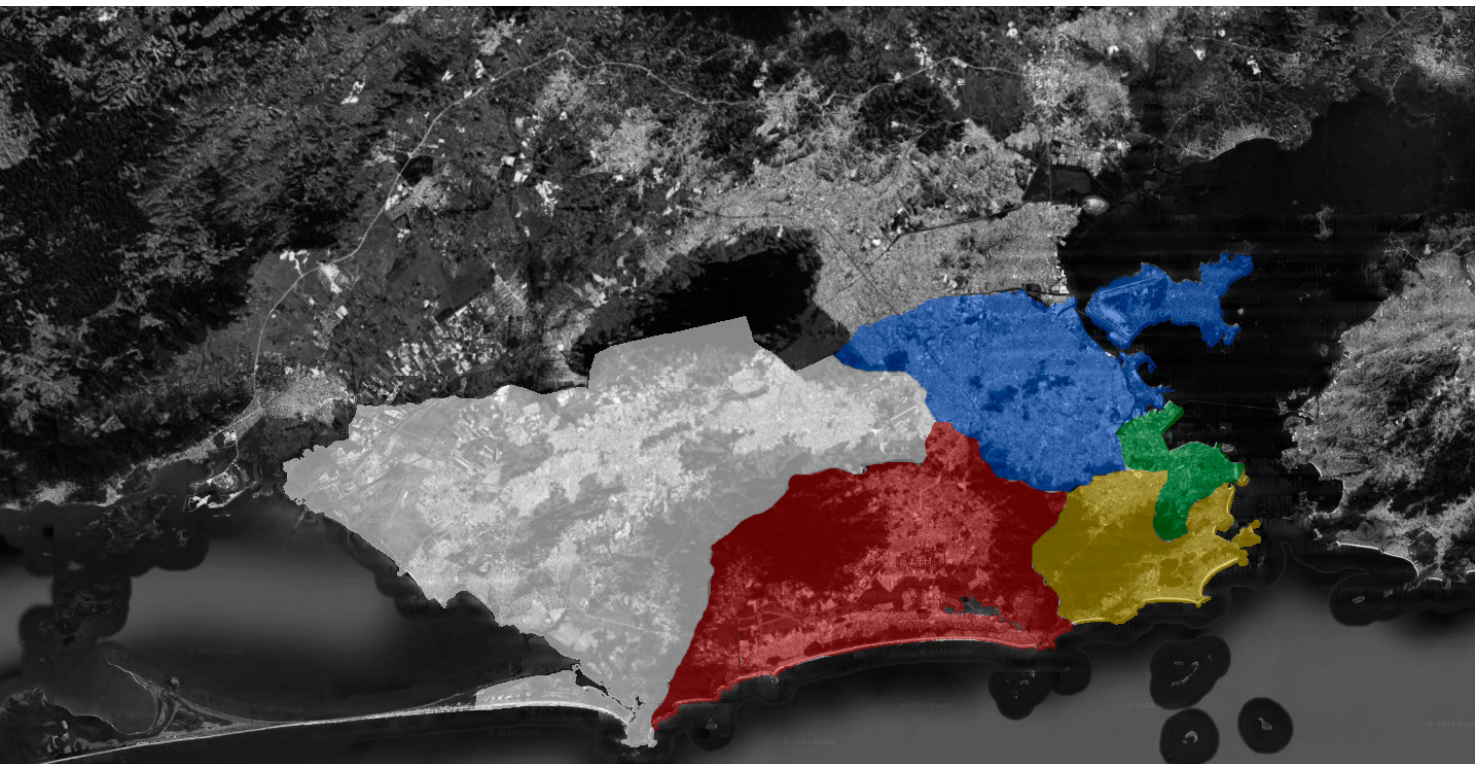
A *Área de Planejamento 5* (AP5) corresponde aos bairros da zona oeste. De topografia predominantemente plana e com muitas terras disponíveis, a expansão nesta área deu-se por meio de *loteamentos* [26], surgindo com traçados mais regulares e menor densidade que as favelas, mas também sem grandes infraestruturas, serviços ou transportes que os liguem ao centro da cidade.

[24] Com base em: CARDOSO, Adauto; DENALDI, Rosana. 2018. P109.

[25] Divisão feita como parte do Plano Diretor Decenal da cidade, estabelecido pela Lei Complementar nº 16/1992 Divide-se também em 33 Regiões Administrativas e 160 bairros.

[26] *Loteamento* é o processo de subdivisão de um terreno em lotes menores, destinados à venda individual para construção de habitações ou empreendimentos. Apesar de ser um processo regulamentado por leis municipais e estaduais, também existem loteamentos ilegais, que surgem sem uma aprovação oficial. No caso do Rio de Janeiro, embora compartilhem algumas semelhanças com as favelas (como ocupação irregular e falta de infraestrutura), os loteamentos são fruto de uma subdivisão planeada (formal ou informal), enquanto as favelas resultam de ocupações espontâneas em terrenos públicos ou privados, normalmente com uma malha bastante mais densa.

[15] ÁREAS DE PLANEJAMENTO
Cidade do Rio de Janeiro.





AP1 (Centro)



AP2 (Zona Sul)



AP3 (Zona Norte)



AP4 (Grande Barra)



AP5 (Zona Oeste)





[16] MOLEQUES
AF Rodrigues. 2023.

“No Rio de Janeiro, a favela é o elemento mais revelador da **segregação** e **fragmentação** caraterísticas da dinâmica atual das cidades.”

(BARBOSA, Jorge; DIAS, Caio. 2013. P61.)

Do início

Para uma profunda compreensão da cidade, é necessário reconhecer os seus processos de periferização como elementos essenciais na construção da identidade carioca. Dessa forma, torna-se pertinente entender o contexto das favelas na cidade, as suas origens e trajetória histórica, visto serem a forma mais comum de *urbanização periférica* no Rio de Janeiro.

Assim, tanto neste subcapítulo como no seguinte, com base na leitura de autores como Lícia Valladares, Maurício Abreu, Adauto Cardoso, Jonas Delecave e Alba Zaluar, entre outros, procura-se explorar, de forma concisa, situações e contextos que marcaram a evolução da urbanização informal na cidade, sem a pretensão de apresentar um historial exaustivo sobre esta.

O aparecimento das primeiras favelas remonta ao final do século XIX e está intimamente ligado à crise habitacional que assolou a cidade, fruto tanto da abolição da escravatura, em 1888, como do desenvolvimento industrial do país e do crescimento económico da cidade, acompanhado do consequente fluxo migratório para a então capital. Aliam-se, também, as crises políticas derivadas do início da República: com o fim da *Guerra de Canudos*, a 1897, os soldados que voltavam à cidade não tinham a morada que lhes havia sido prometida. Há falta de solução, e com relativa permissão do governo, estes começam a instalar-se nas encostas de um morro, o Morro da Providência.[27]

A sua expansão pelo tecido urbano acontece uma década depois, no início do século XX, resultado dos problemas sociais advindos da reforma urbana implementada pelo então prefeito Francisco Pereira Passos, que tinha como principal objetivo o "de sanear e civilizar a cidade"[28]. Assim, foram demolidas inúmeras habitações coletivas localizadas no centro, como *estalagens* e *cortiços*[29], que abrigavam os trabalhadores mais pobres e que estavam, então, lotadas, deixando grande parte da população sem teto. A ausência de políticas públicas capazes de acompanhar as imensas erradicações e que apoiassem a construção de casas operárias, ou fornecessem transportes que facilitassem o deslocamento rápido e fácil dos trabalhadores para os locais de emprego, formam dois dos principais fatores que contribuíram para que as favelas cariocas se tornassem um cenário permanente e irreversível.[30]

[27] Por muitos, considerada a primeira favela. Para mais detalhes sobre a *Guerra de Canudos* e o aparecimento das primeiras favelas, ver: VALLADARES, Lícia. 2005. P22-35.

[28] VALLADARES, Lícia. 2005. P24.
A *Reforma Pereira Passos*, como ficou conhecida, foi responsável pela abertura da grande Avenida Central (conseguida através de inúmeras demolições), hoje Avenida Rio Branco, símbolo da modernização da cidade do Rio de Janeiro.

[29] Antigas habitações coletivas que, apesar de serem considerados os "grandes vilões" da cidade e acusados de serem a causa da insalubridade no Rio de Janeiro, eram uma enorme fonte de extração de renda. O maior e mais famoso *cortiço* chamava-se *Cabeça de Porco* e abrigava cerca de 4 mil pessoas; este foi demolido em 1893.

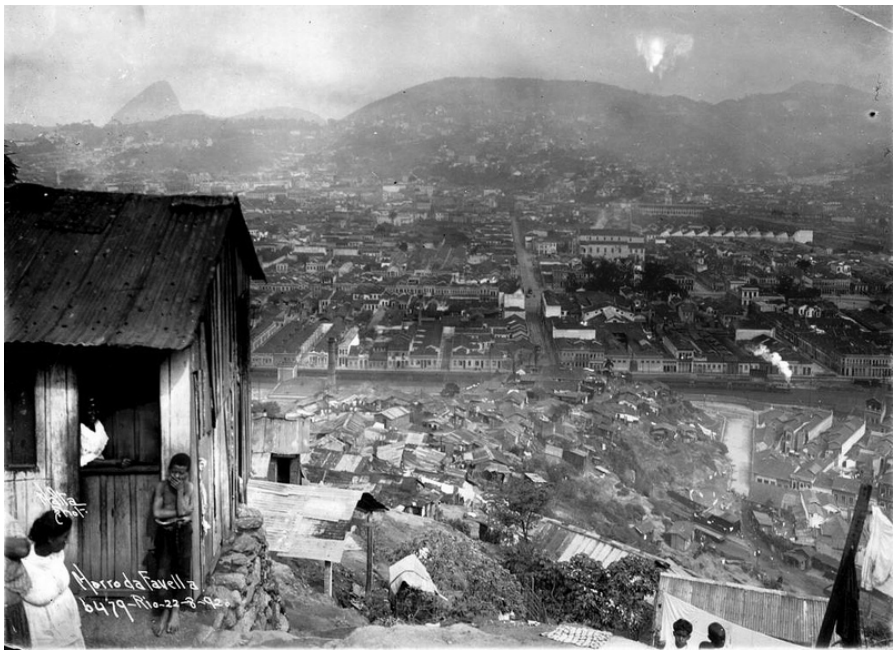
[30] ABREU, Maurício. 1994. P43-44.

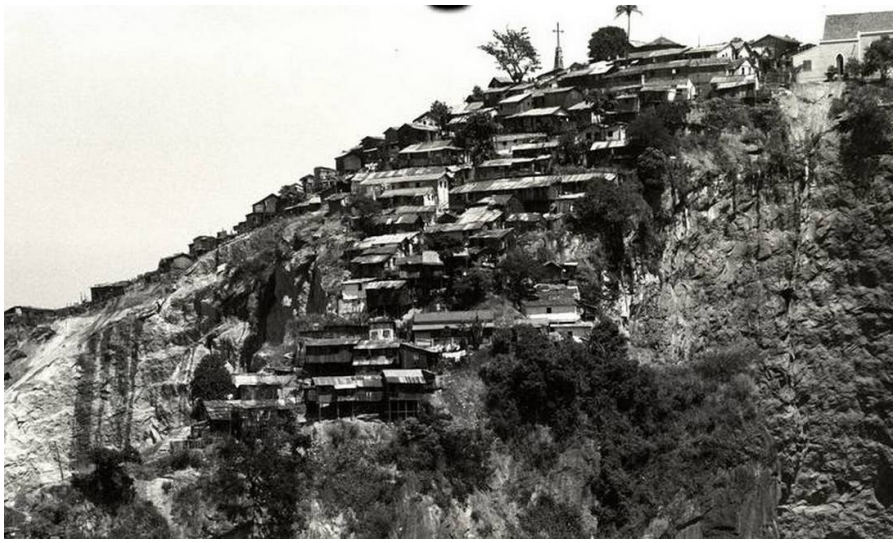




[17] REFORMA PEREIRA PASSOS
Sátira.
Revista *O Malho*. 1905.

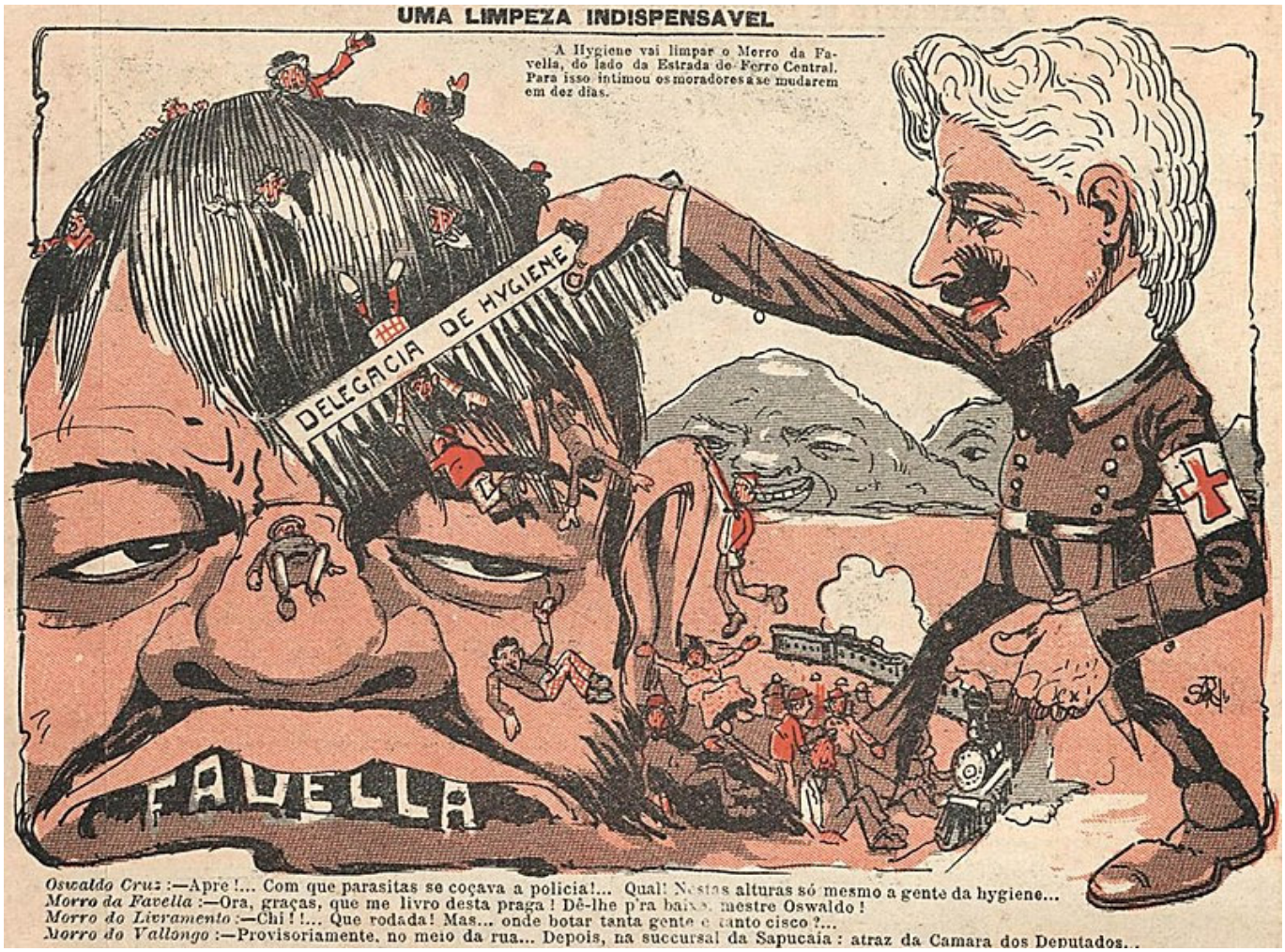
[18] AVENIDA CENTRAL
João Martins Torres. 1906





[19] MORRO DA FAVELLA
Morro da Providência.
s/a. 1926.

[20] MORRO DA PROVIDÊNCIA
Agência *O Globo*. 1966.



[21] UMA LIMPEZA INDISPENSÁVEL
Caricatura: Oswaldo Cruz passa pente fino no Morro da Favella.
Revista *O Malho Nº 247*. Alfredo Storni. 1907.

História intermitente

Desde que as favelas se começaram a fazer notar na cidade, que foram objeto de diferentes políticas públicas, refletindo as ideologias e visões dos regimes democráticos em vigor. Até à década de 1930, as favelas *não existiam*, ou seja, estavam presentes no tecido urbano, mas ausentes das estatísticas e mapas da cidade, aparecendo esporadicamente em notícias de jornal. Eram consideradas soluções efémeras e ilegais, um problema que incomodava, mas que, eventualmente, desapareceria. Só perto dos anos 1940 é que o poder público reconhece que estas vieram para ficar, e assim passam a fazer parte dos planos e preocupações oficiais – *Código de Obras do Distrito Federal* [31]–, havendo já esforços para as suprimir.

Nesta época, a Zona Norte, que já era subúrbio, cresce drasticamente, concentrando os *pobres mais pobres* que constroem autonomamente os seus bairros ao longo das linhas férreas, que se expandiram do centro para esta região, a par das indústrias. Desta forma, esta zona passa a ser a alternativa principal de moradia para a classe trabalhadora. Consequentemente, começam a surgir vários complexos de favelas, sendo atualmente dos maiores da cidade – Maré, Alemão, Jacarezinho, Manguinhos e Acari. Importa ressaltar que, neste ponto da história, a população *favelada* não tinha ainda qualquer direito de voto, não sendo, por isso, considerados cidadãos ou sequer como fazendo parte da cidade.

Nos anos 1950, as favelas situavam-se maioritariamente no Centro e Zona Sul da cidade, já consideradas as zonas "nobres" e respeitáveis. Concentrando a burguesia, os postos de trabalho e os serviços públicos de então, as favelas eram vistas como um "problema" que tinha de ser eliminado. Com a vigência do governo militar, nas décadas de 1960 e 1970, a sua erradicação é ativamente promovida, mobilizando-se forças armadas para despejar, em larga escala, os seus moradores.[32] Deste modo, são construídos vários conjuntos habitacionais para alojar a população removida – como a Vila Kennedy e a Cidade de Deus, na Zona Oeste. Contudo, face ao descomprometimento do governo para com estes conjuntos habitacionais, estes fazem hoje parte das *urbanizações periféricas* da cidade.

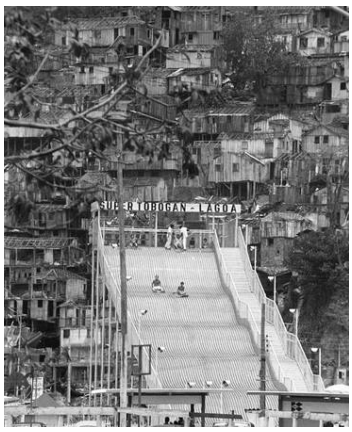
Esta época ficou marcada por ações violentas que forçaram o deslocamento de inúmeras pessoas para longe dos seus locais de origem e da vida que haviam construído, obrigadas a residir em habitações com piores condições, sem meios de transporte acessíveis e com infraestruturas ainda mais precárias. Todavia, apesar das intensas políticas de remoção, as favelas continuavam a crescer nitidamente.

Face à repressão a que estava sujeita, a população reage e cria resistência, insurgindo-se. Tal como Holston refere, iniciam-se movimentos pela luta na redemocratização do país, pelas mínimas condições de moradia e pela não remoção, mas também pelo mínimo reconhecimento. Adicionalmente, os próprios habitantes criaram planos alternativos que visavam a melhoria das habitações e das favelas já existentes, assim como a permanência das famílias nestas.[33]

31 VALLADARES, Lícia. 2005. P49.
O *Código de Obras de 1937*, inspirado nas recomendações do *Plano Agache* (1930), propõe a erradicação das favelas, num capítulo denominado *Extinção das Habitações Anti-higiênicas – Favelas*: "A medida que as villas-jardins serão edificadas em obediência aos dados do plano regulador, será conveniente reservar um certo numero de habitações simples e económicas, porem hygienicas e praticas, para a transferência dos habitantes da favela, primeira etapa de uma educação que os há de preparar para uma vida mais confortável e mais normal. (Agache, 1930:190)".

32 CARDOSO, Adauto; LUFT, Rosangela; XIMENES, Luciana. 2023. P59. Neste período, 10% da população da cidade residia em favelas.

33 DELECAVE, Jonas; LEITÃO, Gerônimo. 2013. P265.





[22] LAZER
Favela da Catacumba.
António Nery. 1970.

[23] FAVELA DA CATACUMBA
Lagoa, Zona Sul.
s/a. 1969.

[24] DESTRUIÇÃO
Remoção dos moradores da Favela de Catacumba.
s/a. 1970.



[25] FAVELA PRAIA DO PINTO
Leblon, Zona Sul.
s/a. 1950.

[26] FOGO
Favela Praia do Pinto.
s/a. 1957.

[27] FOGO POSTO
Remoção forçada na Favela Praia do Pinto.
s/a. 1969.





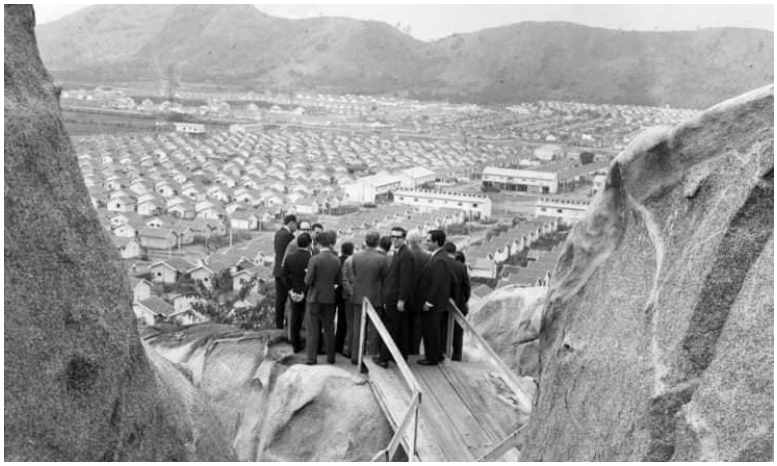


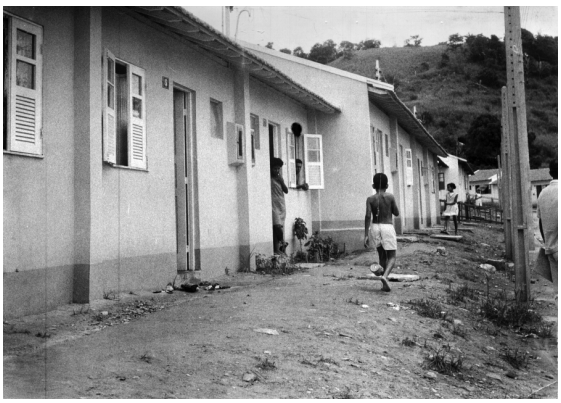


[28] LIMPEZA
Favela Praia do Pinto.
s/a. 1969.

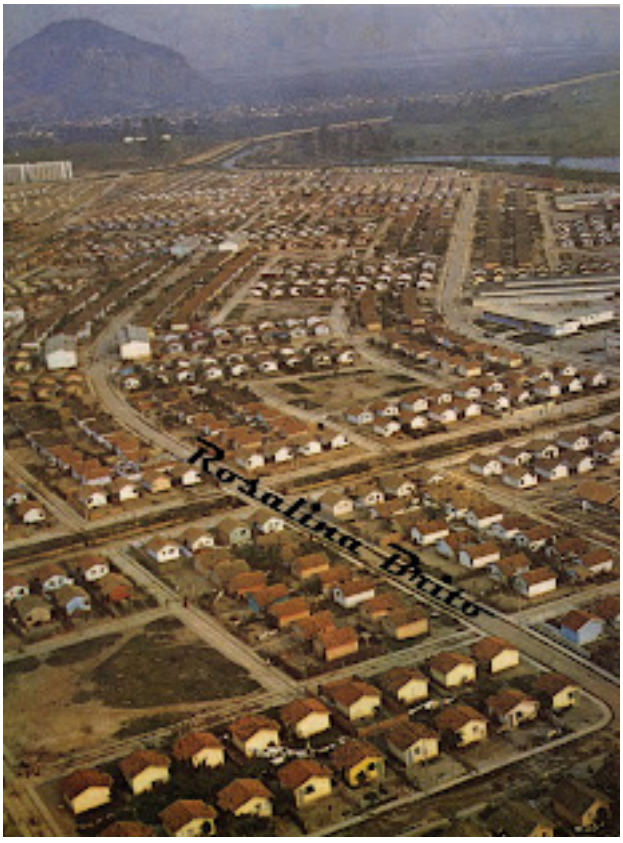
[29] ESCOMBROS
Favela Praia do Pinto.
s/a. 1969.







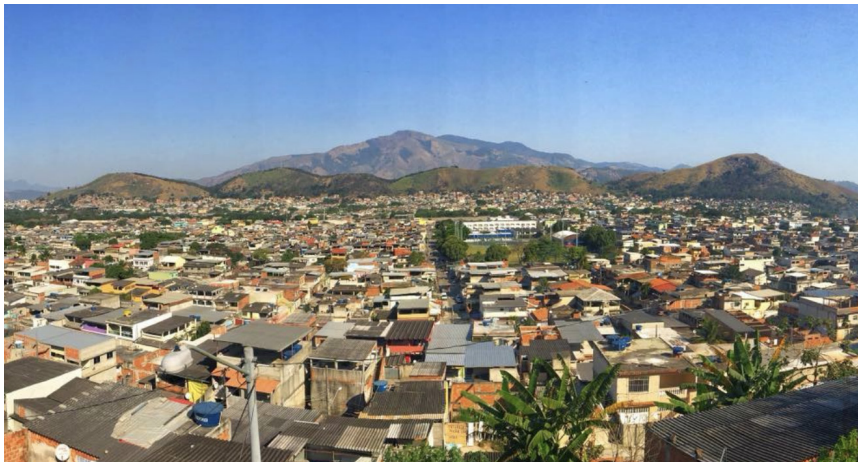




[30] [31] VILA KENNEDY
s/a. 1966.

[32] CIDADE DE DEUS
Fotoclube CDD. 1964.

[33] CIDADE DE DEUS
Rosalia Brito. 1966.



[34] VILA KENNEDY
Voz da Vla Kennedy. 2018.

[35] CIDADE DE DEUS
Pablo Jacob. 2014.



"(...) os moradores das favelas criaram uma entidade autônoma para negociar os seus interesses: a *Coligação dos Trabalhadores Favelados do Distrito Federal*, fundada com o objetivo de lutar por melhores condições de vida (...). A presença desse novo interlocutor indica que a categoria *favelado*, originariamente forjada para identificar negativamente os excluídos e justificar ações civilizatórias arbitrarias do Estado e da Igreja, estava sendo requalificada. Com presença informal no mercado de trabalho e, portanto, desconectada da luta operária, a categoria *favelado* empresta uma identidade coletiva aos excluídos, dando-lhes maior possibilidade de lutar por direitos sociais."[34]

[34] ALVITO, Marcos; ZALUAR, Alba. 2006. P17.

Com o fim da ditadura em 1985, o contexto político torna-se mais favorável. Assim, na década de 1980, e com o acesso ao voto por parte da população reprimida, a eleição de Leonel Brizola[35] enquanto governador do Rio de Janeiro permite que sejam realizados alguns projetos piloto de urbanização de favelas, tanto somente com base na ajuda mútua entre moradores – *mutirão* –, como numa cooperação entre estes e entidades políticas. É a partir deste período que se consolidam os primeiros programas que visavam a integração das favelas na cidade – como o *Programa Cada Família Um Lote* e o *Projeto Mutirão* –, "prevendo obras de infraestrutura, acessibilidade e transporte, além de unidades habitacionais para as famílias desalojadas pelas obras de urbanização".[36] Fazem também parte desta fase os Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), apelidados também como *Brizolões*, que iremos tratar no próximo capítulo.

[35] Filiado ao Partido Democrático Trabalhista – PDT.

[36] DELECAVE, Jonas; LEITÃO, Gerônimo. 2013. P268.

No entanto, esta também foi uma época em que o tráfico de drogas cresceu vertiginosamente. No final da década de 1980, o cenário de violência, insegurança e medo reforçava o estigma social sobre as favelas colocando, uma vez mais, a validação da cidadania e do direito à cidade de todos os seus moradores em questão.[37]

[37] CARDOSO, Adauto; LUFT, Rosangela; XIMENES, Luciana. 2023. P175.

Consequente de todas as contradições e dificuldades, era necessária uma mudança nas abordagens até então encontradas. Em 1992, a instituição do "Plano Diretor Decenal da Cidade do Rio de Janeiro"[38], vem oficializar a inserção das favelas na cidade, ao invés da sua extinção. Através do *Programa de Urbanização e Regularização Fundiária das Favelas*[39], criam-se as bases para que fossem traçadas políticas públicas favoráveis às periferias da cidade.

"Art.149 As favelas integrarão o processo de planejamento da Cidade, constando nos mapas, cadastros, planos, projetos e legislação relativos ao controle do uso e ocupação do solo, e da programação de atividades de manutenção dos serviços e conservação dos equipamentos públicos nelas instalados.

Art.150 O programa garantirá a permanência dos moradores na favela beneficiada, pela imposição de restrições ao uso e ocupação do solo e de outros instrumentos adequados."[40]

[38] No Brasil, os planos diretores, obrigatórios, segundo a Constituição Federal de 1988, para cidades com mais de 20 mil habitantes, têm caráter normativo e instrumental, não se constituindo em planos de ação. Em 2001, foi editada uma lei de grande alcance regulador e sentido progressista (Estatuto da Cidade) ao qual os planos diretores municipais devem adaptar-se.

[39] *Programa de Urbanização e Regularização Fundiária das Favelas*. Lei Complementar nº 16 de 04 de junho de 1992. Art.147-155.

[40] Idem. Art.149 e 150.

De seguida, abordaremos algumas dessas políticas e programas que mais marcaram a história das favelas do Rio de Janeiro, nas últimas décadas.



[36] DIREITO À CIDADE
Correio da Manhã. 1964.

[37] PROTESTOS
Moradores da favela de Brás de Pina protestam contra a remoção de suas casas.
Correio da Manhã. 1964.





[38] REMOÇÃO NÃO
Faixa do União F. C., de Brás de Pina, defende a urbanização local e opõe-se à remoção da favela.
Correio da Manhã. 1964.

[39] FAFEG
Sessão do III Congresso da Federação das Associações de Favelas do Estado da Guanabara.
Correio da Manhã. 1972.



Políticas de Urbanização de Favelas

O programa ***Favela-Bairro***, criado em 1994 pela Prefeitura do Rio de Janeiro, em parceria com o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-RJ), trazia no próprio nome a promessa de "transformar" as favelas em bairros. Propunha-se, por isso, a requalificar urbanisticamente estes territórios, melhorando e complementando as suas estruturas urbanas, aproveitando o máximo do que os moradores tinham até então construído; a intenção seria que estes continuassem a fazer parte do planeamento do lugar, aderindo ao programa. Assim, as intervenções propostas procuravam manter a estrutura espacial das favelas: tirando a implementação de redes de infraestrutura básica e da construção de equipamentos públicos essenciais, previa-se manter as implantações originais, reassentando somente as moradias que ocupavam lugares de risco ou que a sua remoção melhorasse as condições de acessibilidade. A ideia era que as transformações feitas, integradas com a envolvente e a organização pré-existente, se aproximassem da estrutura de um bairro "formal".[41] O discurso utilizado fomentava a imaginação da população, pois o que garantiam viabilizava uma vida melhor: a integração das favelas na cidade não seria somente física, mas também social e cultural.

[41] CAVALLIERI, Fernando. 2007.

> "Integração da favela à cidade; os acessos, o sistema viário, o saneamento, a iluminação publica; os serviços de recolhimento de lixo e limpeza urbana; **convivência comunitária, pelos espaços públicos e equipamentos criados**; atendimento à criança em idade pré-escolar; a redução de enchentes na malha urbana; as condições ambientais internas e externas; **o sentimento de cidadania e de pertencer à cidade**."[42]

[42] BRASILEIRO, Alice; DUARTE, Cristiane. 2015. P5.
SMH, 1996.

Iniciado de forma embrionária, o programa atua em apenas 16 favelas, priorizando as de porte médio (entre 500 e 2.500 habitações)[43] que já tivessem recebido investimentos anteriores em urbanização e saneamento. Em 1997, recebem apoio do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), o que permite uma expansão expressiva das suas intervenções. Dessa forma, foram criados os programas *Grandes Favelas* e *Bairrinho*, que passaram a incluir também as favelas de grande porte e de pequeno porte, respetivamente. Em 2000, a Prefeitura renova contrato com o BID e o programa entra numa segunda fase, atuando em 96 favelas. Enquanto na primeira fase atuam maioritariamente na Zona Norte (AP3) , no segundo contrato ampliam a sua presença principalmente nas áreas "nobres" da cidade, AP1 e AP2, deixando as AP4 e AP5 ainda pouco atendidas.[44]

[43] Com a alegação de que as favelas maiores acarretariam altos custos, e as menores, dispersão das ações.

[44] JAENISCH, Samuel; XIMENES, Luciana. 2019. P9.

"O *Favela-Bairro* é o primeiro grande programa de urbanização de favelas que a gente tem aqui no Rio de Janeiro. Tem uma importância fundamental no sentido de marcar a possibilidade de que o Estado reconheça um território e possa agir para melhorá-lo. Ele rompe um pouco com a visão da favela como algo a ser combatido, a ser exterminado, como um lugar que não tem salvação."[45]

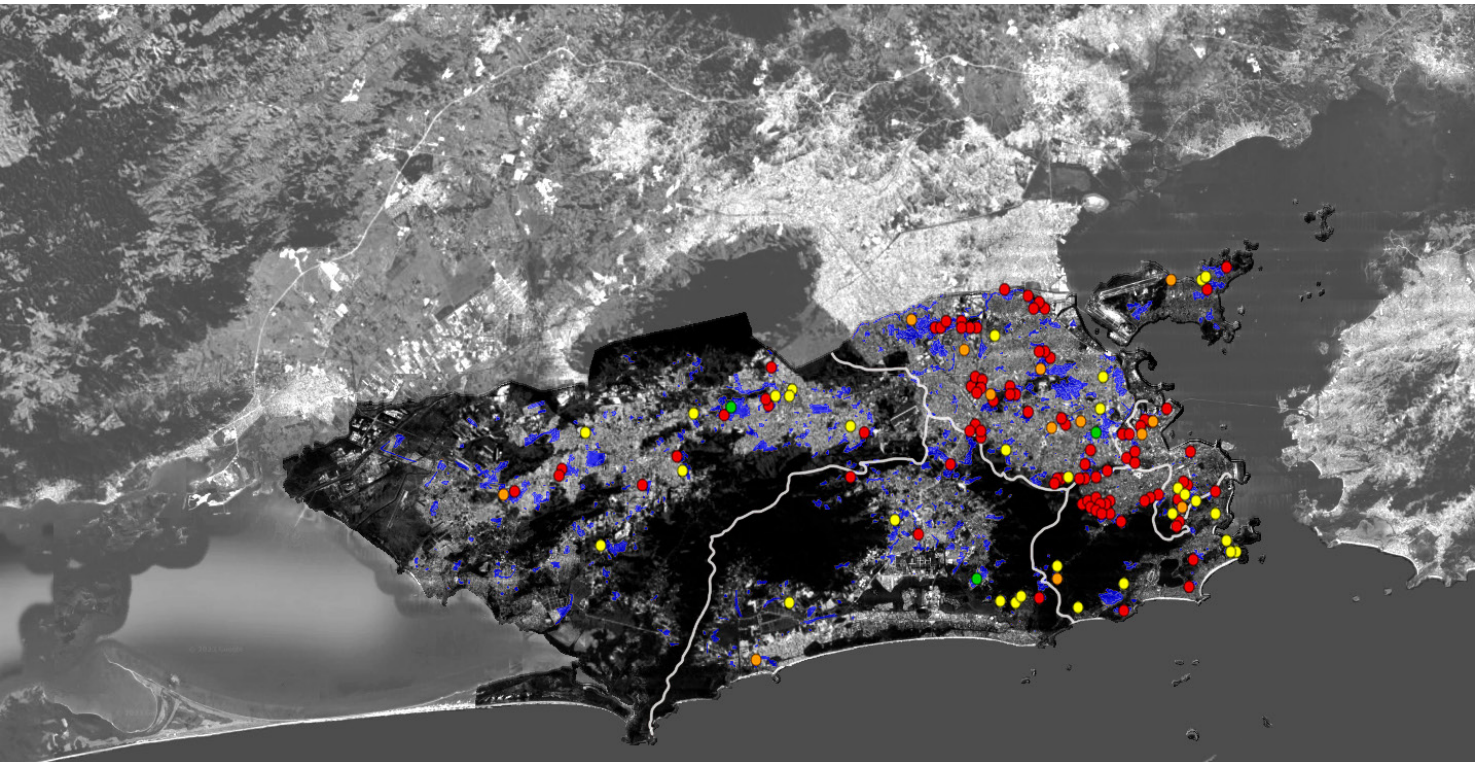
O programa representou um passo na direção da integração das periferias na cidade, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida dos seus moradores e promover a igualdade no direito à cidade. Os espaços de caráter social foram predominantemente projetados por equipas de arquitetos, demonstrando um progresso em relação a iniciativas anteriores, que dependiam exclusivamente do poder público. Para isso, foi fundamental reconhecer estes territórios como parte legítima da cidade, havendo um esforço claro na busca por soluções mais eficazes, evitando repetições e erros do passado.

"Com a integração da favela à cidade, podemos evitar a quebra das relações socioeconômicas dos moradores, que podem, assim, manter o trabalho, as suas relações familiares e as suas amizades. Para os pobres, a proximidade imediata da família e dos amigos é essencial para a manutenção das suas redes de ajuda-mútua."[46]

45 CARDOSO, Rafael. 2024.
Excerto de entrevista a Tarcyla Fidalgo, investigadora do *Observatório das Metrópoles*.

46 DELECAVE, Jonas; LEITÃO, Gerônimo. 2013. P271.
Excerto de entrevista a BIDExtra, 1997.

[40] ÁREAS DE INTERVENÇÃO DO *FAVELA-BAIRRO*
Cidade do Rio de Janeiro.



No entanto, a atuação do programa acabou por ser limitada relativamente ao cenário real de áreas marginalizadas: dado que as intervenções iniciais priorizaram áreas previamente requalificadas, fez com que muitas não recebessem qualquer tipo de intervenção ou apoio. Nas áreas onde houve intervenções, a falta de manutenção e a má qualidade dos materiais utilizados fez com que vários projetos se deteriorassem rapidamente. Da mesma forma, apesar de ter sido estipulado, houve pouco ou nenhum envolvimento popular no planeamento das intervenções. A partir de 2005, muitos dos projetos propostos estavam em atraso e sem financiamento, acabando por cair no abandono. O programa tem o seu fim definitivo em 2008[47], vindo a ser substituído mais tarde pelo programa *Morar Carioca*, que abordaremos mais à frente.

> "Depois que o *Favela-Bairro* chegou na Dois de Maio, passamos a ser chamados de *comunidade*, pelas melhorias de estrutura que tivemos. Agora, estamos regredindo aos anos 80, quando éramos vistos como *favela*. Se permanecer como estamos hoje, daqui a cinco anos seremos uma das favelas mais feias do Rio de Janeiro."[48]

"A Vila foi definida como a comunidade mais organizada do Rio de Janeiro dentro do projeto *Bairrinho*. Belo título, mas que acabou não contribuindo em nada em relação às melhorias e à manutenção pós-programa, que nunca aconteceu."[49]

> "Quando as obras foram finalizadas, havia o gari comunitário, que realizava a limpeza. Hoje não existe mais este serviço por aqui. Há muito entulho acumulado pela rua e se ligamos para a *Comlurb*, ainda ouvimos que a comunidade não tem educação."[50]

47 CABRAL, Andressa. 2014.

48 Idem.
Excerto de entrevista a Yanuí de Andrade, presidente da Associação de Moradores da Favela Dois de Maio.

49 Idem.
Excerto de entrevista a Luis Fernando Lima, presidente da Associação de Moradores da Vila Benjamin Constant.

50 Idem.
Excerto de entrevista a Genaina Nascimento, membro da Associação de Moradores do Jardim Moriçaba.














[41] [42] **SANTA MARIA** (AP4)
Favela-Bairro. Antes e depois.

[43] [44] **JD. PRIMAVERA** (AP3)
Favela-Bairro. Antes e depois.

[45] [46] **VILA ELZA** (AP1)
Bairrinho. Antes e depois.

[47] [48] **VILA CARUMBÉ** (AP5)
Bairrinho. Antes e depois.

[49] [50] **RIO DAS PEDRAS** (AP4)
Grandes Favelas. Antes e depois.

[51] [52] **JACAREZINHO** (AP3)
Grandes Favelas. Antes e depois.









Vale ressaltar que, a par da implementação do *Favela-Bairro*, a Prefeitura lança também o *Projeto Rio Cidade* [51], ambos partilhando o conceito de que a cidade era feita de "múltiplas e novas centralidades"[52]. O modo como foram propostos e lançados, presumia que seriam complementares, não existindo um sem o outro. Contudo, como Otavio Leonidio aponta, logo à partida a diferença dos nomes de ambos já demonstra um sentido segregacionista.

> "(...) o programa destinado a requalificar os bairros tem a cidade duas vezes em seu nome ("Rio" e "Cidade"); o programa destinado à requalificação do outro lado do mesmo Rio – a favela – não tem cidade alguma em seu nome. E o que seria isso senão um ato de violência?"[53]

Refere ainda que, o que valia para o *Rio Cidade* não valia para o *Favela-Bairro*. No primeiro, havia o intuito claro em conectar e diluir os bairros e intervenções com o resto da cidade: os desenhos dos projetos são prolongados para se entrelaçar com a pré-existência. Por outro lado, no segundo, previa-se somente uma "melhoria" do que estava construído, com intervenções que delimitavam e isolavam o território. Num, a clara integração na cidade; noutro, a persistência da segregação.

> "A disparidade é de facto expressiva: se para os bairros prevalece o discurso da qualidade, à favela se aplica o discurso da normalização."[54]

Pode-se afirmar que o espaço físico de muitas favelas melhorou relativamente ao que antes era, devido às obras de intervenção do *Favela-Bairro*; porém, não se pode garantir que tenha havido uma integração destas na cidade, ou que estas passaram a ser consideradas *bairros*.

> Nas palavras de Janice Perlman: "O *Favela-Bairro* foi um passo corajoso na direção correta, mas não foi o *melhor*. Não há melhores práticas, somente práticas que são melhores que outras em um determinado tempo e lugar. Quando uma ideia inovadora alcança o nível de implementação e começa a ser rotina, as suas contradições internas tornam-se novos desafios a serem abordados. No caso do *Favela-Bairro*, independentemente de quanto foi gasto em infraestrutura urbana, em pavimentação de caminhos e estradas, na drenagem e limpeza de canais, na construção de praças ou na introdução de novos elementos urbanos, o programa não conseguiu integrar as favelas na vizinhança. Não há dúvida para ninguém onde acaba o *asfalto* e começa o *morro*."[55]

[51] Para mais detalhes sobre o Rio Cidade e a sua atuação, ver: SARTOR, Carlos. 2012.

[52] LEONIDIO, Otavio. 2020. Relatório Final do Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro, 1995.

[53] idem ib.

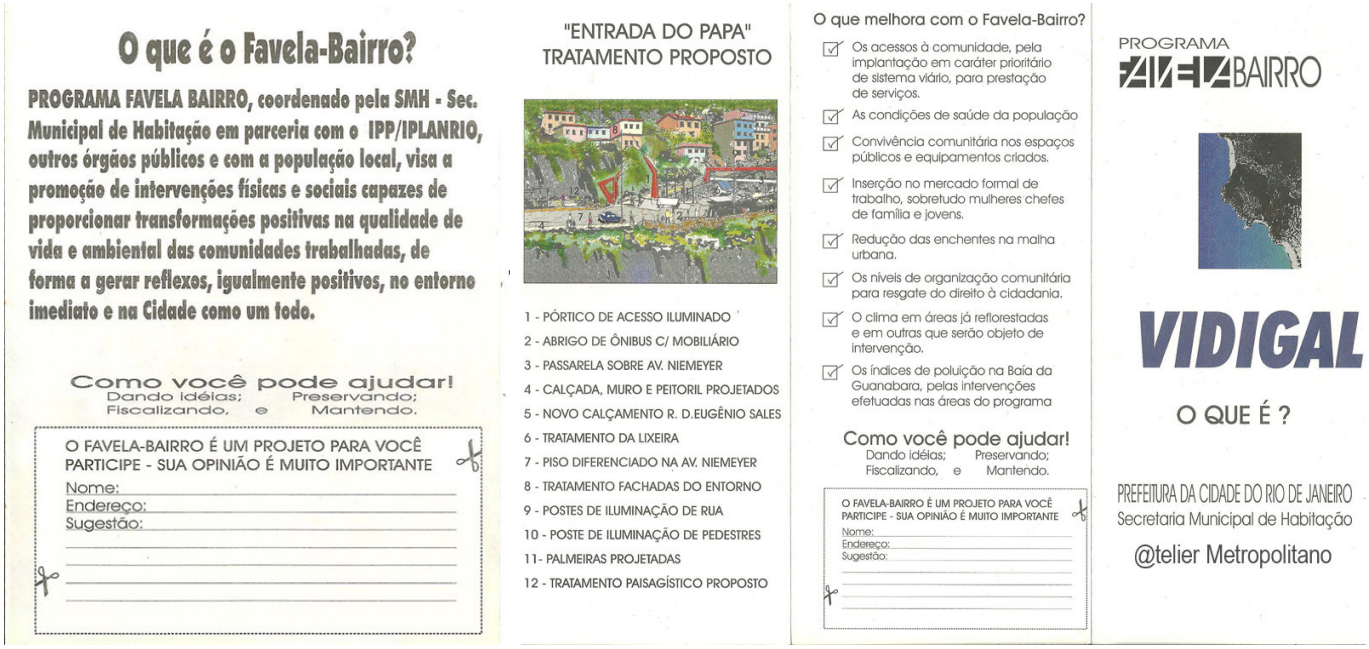
[54] idem ib.

[55] PERLMAN, Janice. 2010. P281.

“Deley da Cunha, conhecido como *Deley de Acari*, é diretor da programação cultural de uma escola pública, desenvolve diversos projetos comunitários, milita em movimentos de direitos humanos, e mora em Acari há 20 dos seus 74 anos. Da Cunha diz que estes programas de urbanização trouxeram serviços essenciais que os moradores mereciam depois de pagar impostos sobre serviços e mercadorias durante décadas. Ao seu ver, o design urbano das favelas é belo e único, lembrando antigas e densas cidades europeias de Portugal e Itália, e os reparos de reforço às estradas foi o passo certo para a preservação deste design.

Mas o comentário principal de Da Cunha sobre os programas de urbanização é a respeito da qualidade dos serviços que, muitas das vezes, a sua principal valia foi a repavimentação de obras anteriores deterioradas. Um córrego em Acari foi pavimentado quatro vezes, recebendo somente novas camadas de cimento e um corrimão. (...) Em algumas ruas, os trabalhadores do *Favela-Bairro* não tiraram as camadas antigas antes de botar o cimento novo, e isso foi acontecendo duas ou três vezes até que o nível da rua subiu e ficou mais alto que o piso das casas. Assim a água da chuva corre para dentro das casas invés de correr para o esgoto.”

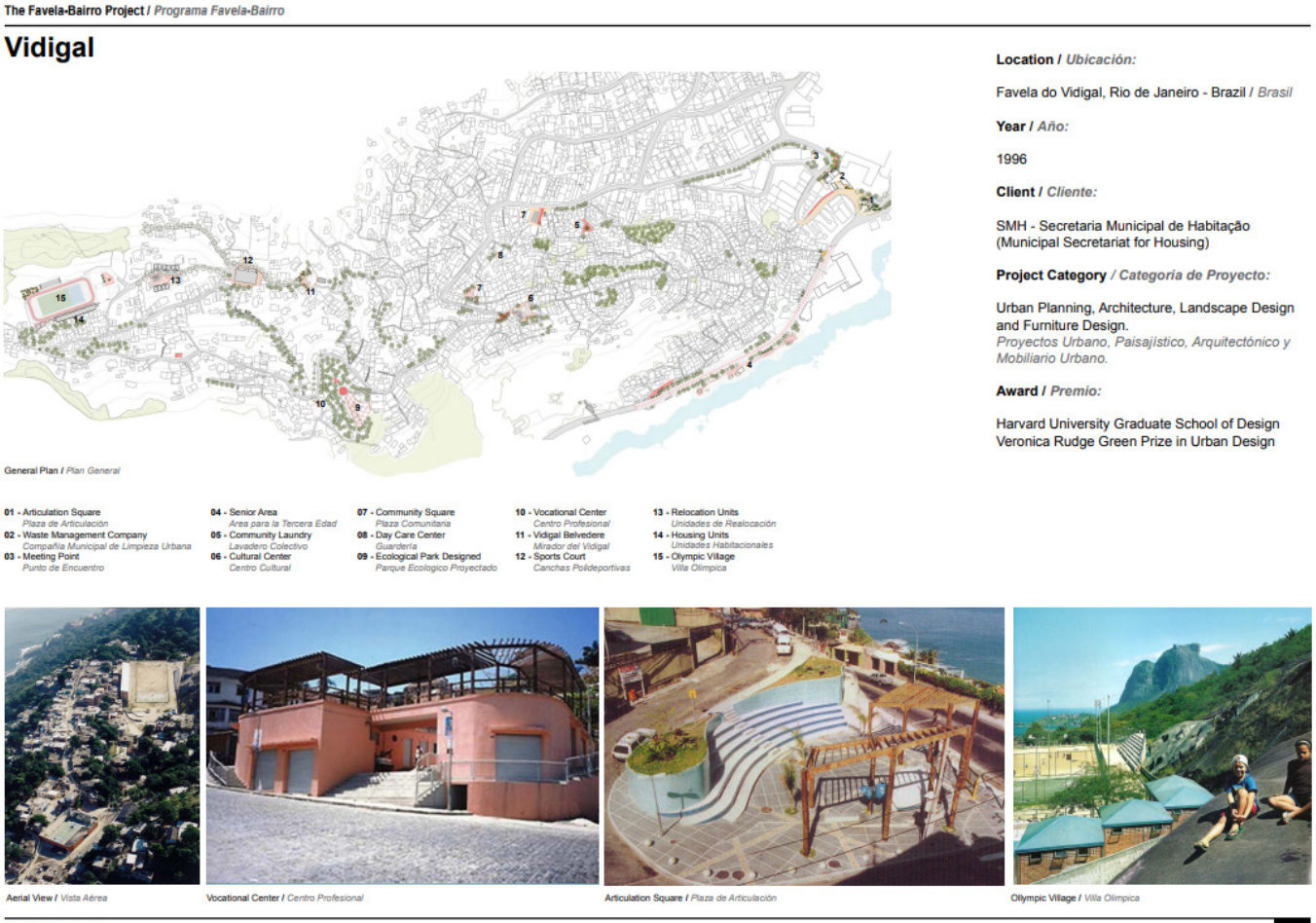
(OSBORN, Catherine. 2013.)



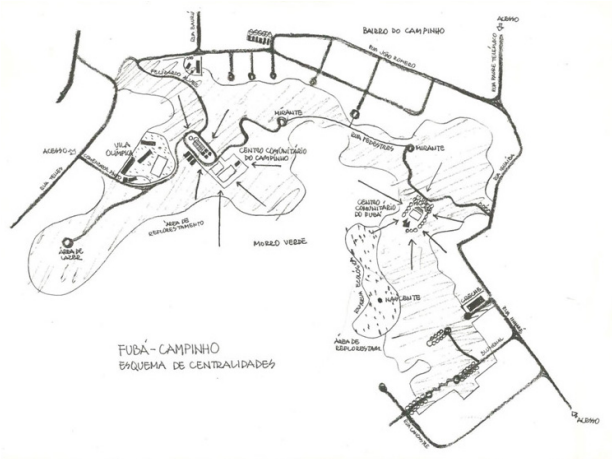
VIDIGAL (AP2)
Favela-Bairro. 1996.

[53] PANFLETO PARA A COMUNIDADE
Vidigal. Favela-Bairro.
Jorge Mario Jáuregui. 1996.

[54] INTERVENÇÕES
Vidigal. Favela-Bairro.
Portfólio Jorge Mario Jáuregui. 1996.



FUBÁ CAMPINHO (AP3)
Favela-Bairro. 1999.



[55] CENTRALIDADES
Fubá Campinho. Favela-Bairro.
Jorge Mario Jáuregui. 1999.









[56] VILA OLÍMPICA
Fubá Campinho. Favela-Bairro.
Jorge Mario Jáuregui. 1999.

[57] CENTRO COMUNITÁRIO DO CAMPINHO
Fubá Campinho. Favela-Bairro.
Jorge Mario Jáuregui. 1999.

[58] VILA OLÍMPICA
Fubá Campinho. Atualidade.
Google Maps. 2025.

[59] CENTRO COMUNITÁRIO DO CAMPINHO
Fubá Campinho. Atualidade.
Google Maps. 2025.

Em 2007, o Governo Federal lança o ***Programa de Aceleração do Crescimento*** (PAC) com o objetivo de promover grandes investimentos em infraestrutura e acelerar a economia nacional do Brasil. Uma das vertentes do programa era a *Urbanização de Assentamentos Precários* (PAC-UAP), que financiava obras de "saneamento, drenagem, contenção, equipamentos públicos, provisão habitacional, trabalho social e regularização fundiária."[56] Este programa assinala a primeira vez que o Governo Federal destina grande parte dos seus recursos económicos para a urbanização das favelas do país.

A forte insistência por políticas habitacionais, a realização de grandes eventos desportivos na cidade – nomeadamente o Campeonato Mundial de Futebol da FIFA, em 2014, e os Jogos Olímpicos, de 2016 – e a harmonização política entre os representantes dos três níveis do governo, fizeram com que o Rio de Janeiro fosse a cidade que mais investimentos recebe. Especialmente por meio do PAC e do *Programa Minha Casa Minha Vida* (PMCMV), a cidade reteve 70% dos recursos destinados ao Estado do Rio e quase 10% do recurso total investido no país.[57]

Nesta época, a população das favelas continuava a crescer mais do que na restante cidade. Apesar de, aparentemente, haver reconhecimento destas enquanto espaços legítimos de habitação, os processos de despejo e remoção forçada dos seus moradores voltaram a agravar-se por se localizarem, alegadamente, em "áreas de risco" geológico.[58]

A violência urbana e as políticas de segurança pública foram também preocupações centrais do governo. Assim, o Estado desenvolve o *Projeto das Unidades de Polícia Pacificadora* (UPPs), que tinha como discurso a "manutenção da ordem e segurança nas áreas favelizadas, intensificando a militarização nestas localidades"[59]. A par do PAC-UAP, a sua distribuição espacial priorizou, mais uma vez, as AP2 e AP3, especialmente os territórios que formavam o "cinturão olímpico". A Zona Oeste, onde os territórios eram dominados maioritariamente por *milícias* [60], contou com menor incidência, fazendo com que estas expandissem, consolidassem e intensificassem o seu controlo social sobre o quotidiano da população.

O governo propõe atuar nos maiores complexos de favelas da cidade, dividindo a realização de obras entre Estado e Prefeitura. Esta separação, apesar de querer enfatizar a autonomia de cada parte, demonstrou uma falta de articulação entre intervenções. Além disso, muitas dessas intervenções estavam diretamente ligadas a interesses particulares dos agentes envolvidos, nomeadamente das construtoras que se aliaram aos projetos.[61]

Foi dessa articulação que nasceram "obras emblemáticas"[62]: a passarela de Oscar Niemeyer, na Rocinha; os teleféricos construídos no Morro da Providência e no Complexo do Alemão, prometendo melhorar a acessibilidade e o deslocamento dos seus moradores; a elevação da linha de comboio que atravessava o Complexo de Manguinhos, com o intuito de possibilitar a passagem e integração entre os dois lados da linha, criando um novo espaço público na área liberta; e um elevador panorâmico na favela de Cantagalo, conectado à estação de metro, facilitando o acesso dos moradores e criando um novo ponto turístico.

[56] JAENISCH, Samuel; XIMENES, Luciana. 2019. P14.

[57] Idem ib.

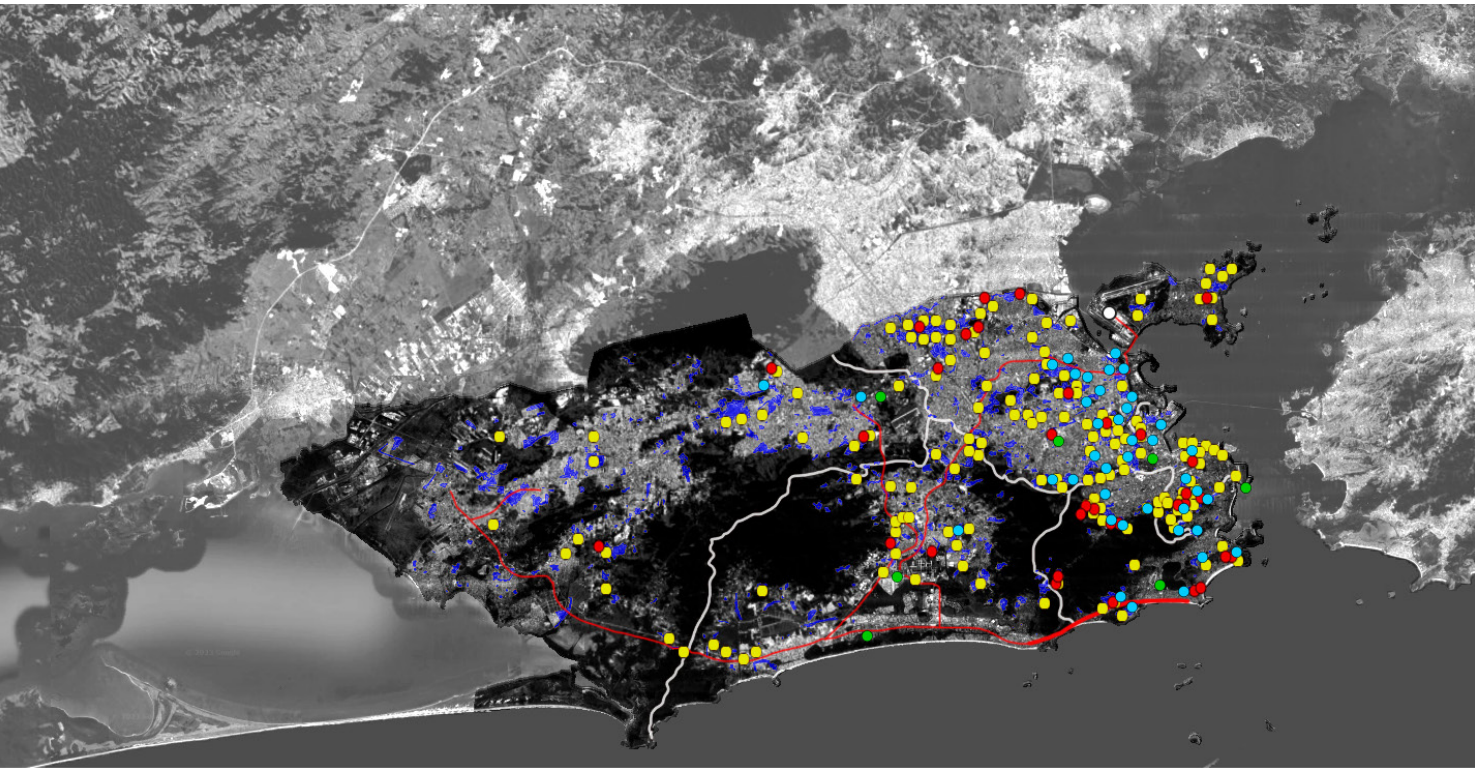
[58] CARDOSO, Adauto; LUFT, Rosangela; XIMENES, Luciana. 2023. P172.
Em 2010, tempestades fortes causaram o deslizamento de terra em encostas ocupadas, causando dezenas de mortes. Estas ocorrências geraram um debate sobre a ocupação de morros e, como resultado, 21 mil moradias em 117 favelas foram consideradas áreas de "alto risco".

[59] Idem. P167.

[60] No Brasil, o termo é associado a grupos paramilitares criminosos que, por ausência do Estado, formam um poder paralelo às forças de segurança oficiais, exercendo controlo sobre as favelas. Trata-se de uma outra face da "periferização": estes grupos usam as populações como escudo, oscilando entre o apoio às famílias, a chantagem e a extorsão de dinheiro, etc. e exercendo atividades ilegais, como o tráfico de drogas.

[61] CARDOSO, Adauto; DANALDI, Rosana. 2018. P120.

[62] Idem. P118.



[60] CIDADE OLÍMPICA
Remoções, intervenções do PAC e implementação de UPPs nas periferias da cidade do Rio de Janeiro.

0 10KM

- Remoções
- PAC-UAP
- UPPs
- Equipamentos Desportivos
- Aeroporto Internacional
- Intervenções Urbanas (BRT, VLT, comboio, metro, etc)
- Periferias



[61] REMOÇÃO OLÍMPICA
Favela do Metrô-Mangueira, removida sem uma explicação clara.
Tânia Rêgo. 2010.



[62] UNIDADE DE POLÍCIA "PACIFICADORA"
UPP de Turano. AP3.
Gustavo Sirelli. 2011.













[63] TELEFÉRICO DO ALEMÃO
Complexo do Alemão.
Bruno Itan. 2014.

[64] ABANDONO
Teleférico do Alemão.
Jorge Mario Jáuregui. 2021.

[65] ELEVAÇÃO DA VIA FÉRREA DE MANGUINHOS
Favela de Manguinhos.
Boletim de Obras de Estado de Obras. 2009.

[66] [67] ELEVAÇÃO DA VIA FÉRREA DE MANGUINHOS
Favela de Manguinhos. Antes e depois.
Google Maps. 2014 e 2022.

[68] PASSARELA NIEMEYER
Favela da Rocinha.
Camilla Piccolo. 2020.

A maioria destes projetos não teve em consideração as necessidades reais da população, tendo como principal foco "embelezar" a paisagem carioca. Nesse sentido, muitos destes acabaram por ter um caráter provisório, tanto por falta de manutenção quanto por desuso e esquecimento dos moradores, por não se adequarem aos problemas do espaço.

A título de exemplo, "Na Rocinha, a maior favela da América Latina, o PAC estabeleceu objetivos ambiciosos: construir um complexo olímpico, uma clínica da saúde, a troca da passarela na entrada da comunidade, ampliar as Ruas 1, 2 e 4 permitindo um melhor acesso entre a vizinhança, remodelar o mercado popular, e cobrir o esgoto a céu aberto conhecido como *valão*."[63]

[63] ROLLER, Zoe. 2011.

Apesar de terem cumprido com parte do programa, os projetos mais urgentes ficaram esquecidos. Os gastos só na passarela puseram de lado o ampliamento das ruas e a cobertura do *valão*, um canal para onde escoam a maioria dos esgotos e lixos dos moradores. Este canal, que enche desmedidamente quando chove, emana odores repulsivos sobre a vizinhança e é, inclusive, um "vale" de doenças. O Complexo Esportivo da Rocinha, também obra do PAC, tem uma panóplia de instalações e oferta de atividades; porém, o *valão* passa próximo deste, influenciando o seu uso:

"O cheiro de esgoto no inverno é desagradável, porém insuportável no verão. As frequências nas aulas caíram, pois os alunos se sentiram mal em exercitar-se próximo ao esgoto, os professores reclamaram que o cheiro permanece em suas roupas durante todo o dia."[64]

[64] Idem.

No caso dos teleféricos da Providência e do Alemão, um artigo do jornal *O Globo*, de 2019, afirma que estes "viraram símbolo do descaso com o dinheiro público e com a população"[65]: o primeiro, que parecia a solução para os problemas de deslocação numa área tão ingreme, funcionou por 2 anos, sendo depois desativado; o segundo "representou o caminho da paz" durante os meros 5 anos em que esteve ativo, período em que a favela se tornou mais um ponto turístico da cidade.

[65] RIBEIRO, Geraldo. 2019.

"O pessoal se encantou com uma fantasia futurista, que de facto ia ser um marco importante para a comunidade. Só que, para isso, perdemos a nossa quadra, onde havia campeonatos nos fins de semana. Perdemos a nossa área de lazer, achando que íamos ganhar um teleférico, mas o que sobrou mesmo foi esse elefante branco."[66]

[66] Idem.
Excerto de entrevista a Diego de Deus da Conceição, morador da Providência, sobre o teleférico.

O teleférico da Providência foi reativado em 2023, atualmente gratuito para a população; o teleférico do Alemão continua abandonado, porém havendo previsões para a sua reativação.

Por outro lado, foram propostos alguns equipamentos públicos, como as *Bibliotecas Parque*, nomeadamente as de Manguinhos e da Rocinha que, apesar de terem passado por períodos de igual descaso e abandono, estão atualmente a contribuir positivamente para a melhoria das condições de vida dos habitantes desses territórios.[67]

[67] Para mais informação sobre as *Bibliotecas Parque* no Rio de Janeiro, ver: SILVA, Aline. 2016. P32-45.

Anunciado em 2010, o programa ***Morar Carioca*** ambicionava urbanizar todas as favelas consideradas "urbanizáveis"[68] da cidade até ao ano de 2020, como parte do legado social dos Jogos Olímpicos. Lançado pela Prefeitura do Rio de Janeiro, o programa pretendia dar continuidade ao *Favela-Bairro*, aproveitando

> "(...) as diversas experiências das últimas décadas, seus erros, acertos e desvios de rumo, buscando ampliá-las, no objetivo da superação plena desse enorme desafio de integração social e urbanística."[69]

Por estar alinhado com o objetivo de tornar a cidade apta ao sucesso olímpico, detém grande parte dos investimentos, contando com os recursos do BID e do PAC, afirmando grandes intervenções urbanas.

> "Melhorar a casa, com assistência e crédito, há de ser uma demanda importante nos próximos anos. (...) **Integrar as favelas à cidade é também ampliar a cidade às favelas. Ampliar através de serviços públicos necessários à vida urbana de hoje.** (...) Assim, a sustentabilidade dos investimentos estará suportada justamente na presença permanente dos serviços públicos na cidade ampliada. Todos eles, inclusive o de controle urbanístico e o de segurança pública."[70]

O programa divide-se, então, em três fases. A primeira propunha "terminar" projetos já financiados, de gestões anteriores.[71] A segunda fase previa a realização do "Concurso *Morar Carioca* – Conceituação e Prática em Urbanização de Favelas", promovido em parceria com o IAB-RJ, que selecionou 40 de 80 escritórios de arquitetura e urbanismo para atuarem em agrupamentos de favelas, criando soluções específicas para as suas topografias e necessidades. Novamente, a prioridade era dada às favelas próximas dos eventos olímpicos. A terceira fase previa, então, urbanizar as restantes favelas. O programa garantia também a participação dos moradores em todas as suas etapas, garantindo assim soluções eficazes e pertinentes.

O *Morar Carioca* pretendia-se mais arrojado que o seu antecessor; quase todos os projetos apresentados reestruturavam espacialmente o território através da diminuição do adensamento urbano, substituindo as habitações existentes por conjuntos habitacionais multifamiliares, possibilitando também a existência de espaços vazios.[72] Esta nova visão demonstrava reconhecer os problemas habitacionais das favelas, alterando o território mas reconhecendo as particularidades do habitar na favela, tendo como principal objetivo assegurar melhores condições de vida.

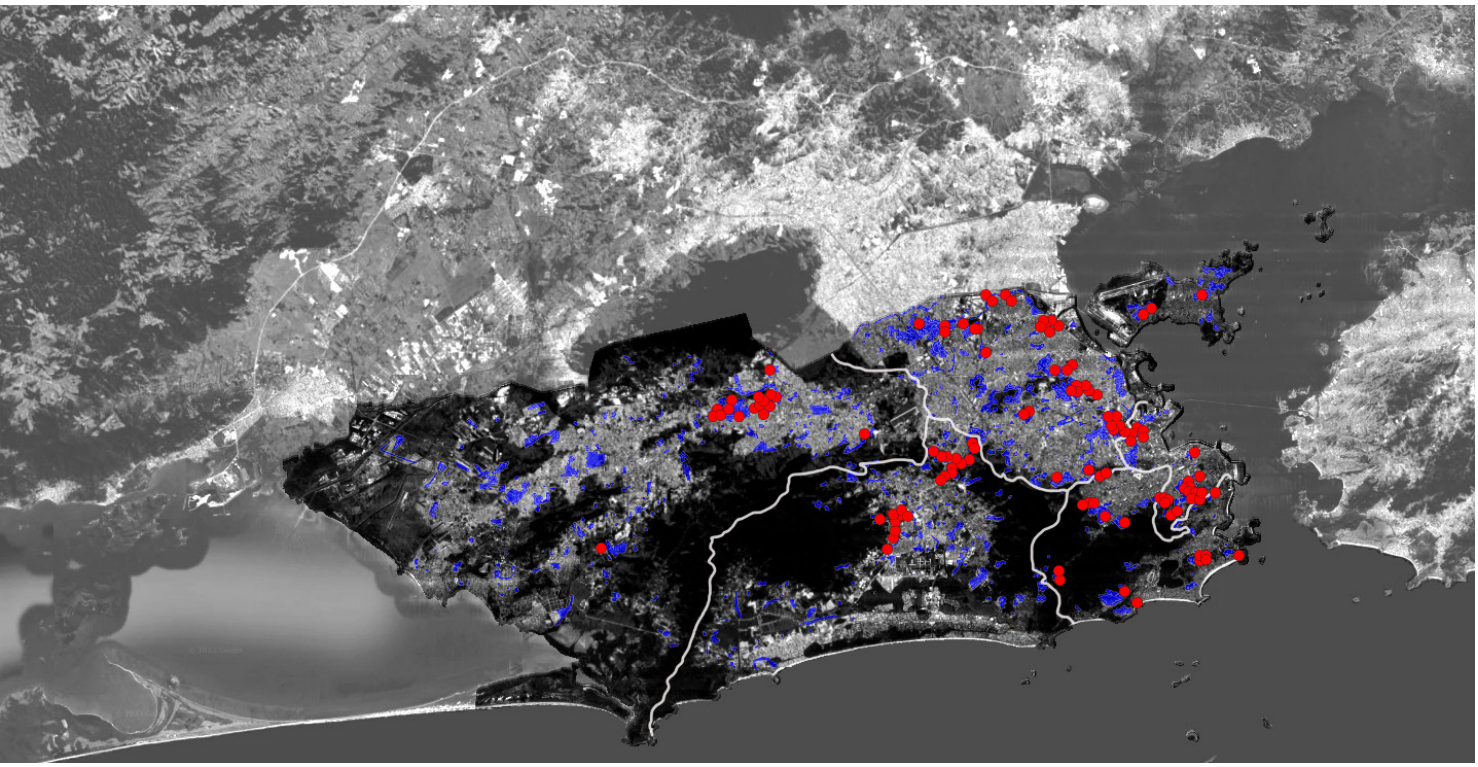
[68] Decreto nº 36.388 de 29 de outubro de 2012.

[69] MAGALHÃES, Sérgio; PAES, Eduardo. 2010.

[70] Idem.

[71] Nomeadamente dos programas *Favela-Bairro* e PAC.

[72] DELECAVE, Jonas; LEITÃO, Gerônimo. 2013. P274.



[69] ÁREAS DE INTERVENÇÃO DO *MORAR CARIOCA*
Cidade do Rio de Janeiro.

0 10KM

- Morar Carioca
- Periferias





[70] [71] CONCURSO *MORAR CARIOCA*
Premiados com Louvor. 2010.
140: João Carlos Laufer Calafate.
151: Jonathas Magalhães Pereira da Silva.



[72] [73] CONCURSO *MORAR CARIOCA*
Premiado. Agrupamento 21.
Jorge Mario Jáuregui. 2010.



O que se seguiu, em nada compactuou com o que fora planeado. Tendo sido implementado gradualmente, muitos dos objetivos do programa foram sendo deixados para trás: os escritórios de arquitetura, tendo sido contratadas em 2012[73], e que começavam por tentar perceber quais as necessidades dos moradores das favelas designadas na segunda fase, perderam os apoios logo em 2013; o programa acabou por se tornar uma mera nomenclatura para todas as intervenções em favelas da cidade, abrigando operações tanto suas como do PAC, e abandonando os métodos originalmente adotados.[74] Enquanto a segunda fase do programa ficou bastante comprometida, a terceira não chegou sequer a ser alcançada.[75]

Acresce que, de forma a melhor receber os eventos desportivos, as restantes obras urbanas feitas por toda a cidade valorizaram vertiginosamente o mercado imobiliário, dando início a um processo de desapropriação das classes mais frágeis. O resultado real de todas estas ações foram inúmeras remoções forçadas, seja pela demolição direta das moradias existentes, para dar lugar a novas construções, seja pela gentrificação promovida que forçava a saída dos antigos moradores[76] – a "remoção branca".[77]

> "Apesar da promessa incrível do *Morar Carioca* em teoria – não só para o Rio participar de uma forma inclusiva de urbanização sustentável, mas para que possa servir como um modelo de como lidar com assentamentos informais em um crescente mundo urbano – na prática, o nome do programa tem sido utilizado (...) pelas autoridades locais em muitos casos para realizar intervenções autoritárias e unilaterais em favelas do Rio de Janeiro. Na trajetória histórica da questão "remover ou urbanizar", o atual governo da cidade chegou a um terceiro caminho contraditório com o *Morar Carioca*: a proclamação de urbanizações, mas uma prática que enfatiza remoções de residências, tanto através da demolição escancarada ou habilitando a gentrificação."[78]

73 Em parceria com a ONG iBase, contratada pela Secretaria Municipal de Habitação (SMH).

74 CARDOSO, Adauto; DANALDI, Rosana. 2018. P121-122.

75 CARDOSO, Adauto; LUFT, Rosangela; XIMENES, Luciana. 2023. P197-199.

76 BERTOLUCCI, Rodrigo; CANDIDA, Simone; LIMA, Ludmilla. 2014.

77 PERLMAN, Janice. 2010. P280.
O termo usado para referir a gentrificação causada pelo programa, de forma a distingui-la das remoções passadas.

78 OSBORN, Catherine. 2013.

entre o Discurso e a Prática

Conseguimos afirmar que o debate sobre políticas de urbanização de favelas foi e tem vindo a ser contínuo, tomando um lugar importante na discussão sobre o desenvolvimento urbano brasileiro. Longe de serem soluções efémeras, as favelas e restantes periferias[79] são parte integral na produção do espaço. Para os seus moradores, representam a única alternativa viável de habitação face às dificuldades de acesso à *cidade formal*. No caso do Rio de Janeiro, onde grande parte da população vive nesta situação, é crucial compreender de que forma é possível intervir sobre estas dinâmicas da maneira mais eficaz e integrada.

Os programas analisados anteriormente representam apenas uma fração das inúmeras iniciativas que marcaram a história da cidade e do país. Cada um adotou abordagens e medidas distintas, convergindo em alguns pontos, mas poucos conseguiram garantir continuidade, sustentabilidade ou um impacto verdadeiramente positivo e duradouro para a população que pretendiam alcançar.

[79] Como exposto anteriormente, neste trabalho periferia refere-se a todas as outras formas de *urbanização periférica* que dizem respeito às populações que se encontram fora do estatuto de cidadania e das políticas públicas, para além das favelas.

Afirmando que "habitação não é só casa"[80], o discurso de apresentação do *Favela-Bairro* garantia a melhoria dos espaços privados e fornecimento de infraestruturas básicas, mas também de espaços públicos e comunitários, deixando aos moradores a aliciante esperança de uma vida melhor.

[80] BRASILEIRO, Alice; DUARTE, Cristiane. 2015. P5.
Discurso político da Prefeitura na implantação do *Favela-Bairro*.

> "Foi anunciado que espaços públicos, e consequentemente, as novas características de padrão de vida subjacentes à ideia desses espaços, seriam também amplamente fornecidos à população. (...) Representam uma ideia, (...) a ideia de *liberdade, dada pelo marketing, de poder se dar ao luxo de ter um tempo para o lazer*."[81]

Podemos afirmar que a maioria destes espaços não chegaram a ser construídos.

[81] BRASILEIRO, Alice; DUARTE, Cristiane. 2015. P12.

Durante os eventos desportivos, a cidade foi "campeã olímpica"[82] da valorização imobiliária. A reorganização e reestruturação do espaço urbano fez com que a população mais pobre fosse expulsa pela gentrificação, marginalizada pelos supostos benefícios da valorização dos seus territórios. No PAC e *Morar Carioca*, as remoções tinham a máscara da urbanização.

[82] AZEVEDO, Lena; FAULHABER, Lucas. 2015. P15.

> "Andando entre os escombros de uma disputa desigual, de um lado, o poder público e a iniciativa privada, e de outro, os moradores dessas áreas, os entulhos de casas demolidas marcam um cenário de devastação. O que vemos são bombardeios psicológicos, burocráticos, com seus decretos inconstitucionais e desapropriatórios, ordens judiciais tantas vezes duvidosas, e tentativas de dividir o coletivo, com promessas indemnizatórias individualizadas de uma vida nova (...)."[83]

[83] Idem. P16.

Todos os programas prometiam a integração física, mas também social e cultural. Prometiam um sentimento de cidadania e pertença. Prometiam a participação popular nas decisões e projetos. No entanto, não houve espaço para debates sobre quais as áreas a priorizar nem sobre que tipo de intervenções eram necessárias: o que prevaleceu foram os interesses particulares do governo e do setor imobiliário, em detrimento dos moradores.

"Uma política que deixa de ser orientada para a satisfação das melhores condições de vida das pessoas, para a efetivação de direitos e para a distribuição do espaço urbano com maior justiça, para se orientar à maximização de lucros. Já parecem estar definidos de antemão quem ganha e quem perde com essa conjunção."[84]

Notamos também a sobreposição e acumulação de intervenções em certos territórios, quer por interesse quer por necessidade. Estas "camadas de urbanização"[85] tendem a valorizar certas áreas em detrimento de outras, perpetuando a desigualdade no tratamento das diferentes regiões da cidade. Além disso, estas sobreposições revelam que os projetos de urbanização raramente são definitivos e que, tal como o resto da cidade, as periferias estão em constante transformação, havendo necessidade de reajustar as intervenções à medida das suas necessidades.

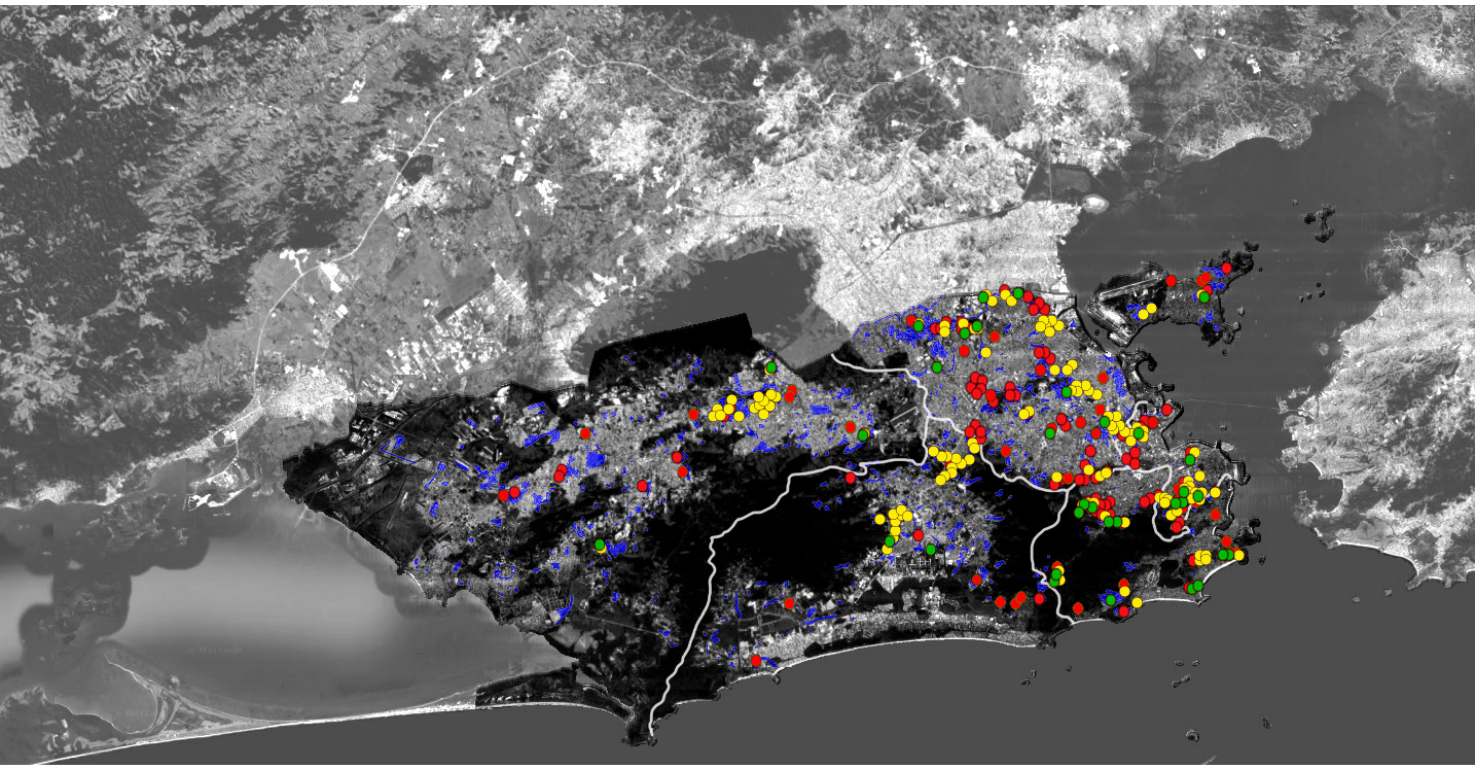
"Partimos do pressuposto que os diferentes programas criados formam uma *continuidade descontínua*, ou seja, um acúmulo de intervenções que foram sobrepondo investimentos sem necessariamente compor uma política estruturada e de longo prazo, capaz de dar conta da heterogeneidade e das dinâmicas que marcam os assentamentos precários da cidade."[86]

[84] AZEVEDO, Lena; FAULHABER, Lucas. 2015. P13.
Raquel Rolnik, arquiteta, urbanista e relatora especial da ONU para assuntos de moradia.

[85] JAENISCH, Samuel; XIMENES, Luciana. 2019.

[86] Idem. P1.

[74] CAMADAS DE URBANIZAÇÃO
Cidade do Rio de Janeiro.



A falta de acompanhamento e o abandono precoce das iniciativas, assim como a falta de manutenção das intervenções realizadas, acabou por limitar o impacto destas na vida da população atingida. Apesar de algumas melhorias pontuais, a ausência de continuidade e compromisso a longo prazo só veio reforçar as dificuldades enfrentadas pelos moradores, que procuravam um envolvimento maior e mais consistente que não se baseasse na construção desinteressada de serviços básicos, mas que os integrasse e envolvesse, de facto, na cidade em que vivem. Apresentados como promessas de inclusão social, estes programas tornaram-se instrumentos de segregação espacial.

> "(...) [mas] esses processos não são inexoráveis. São antes acompanhados de muita luta, resistência e de conquistas que, ainda que possam ser lidas como pequenas e pontuais, não deixam de ter enorme importância."[87]

Esta insurgência, como referido por Holston, manifestou-se desde cedo de diversas formas. Alguns movimentos adotaram a música e a arte como meio de resistência, desafiando tentativas de repressão e criminalização: o samba, o *funk* [88] e o hip-hop brasileiro, mesmo enfrentando censura, consolidaram-se como expressões fundamentais da identidade cultural do país. Nos anos 1990, surgiu o grupo *AfroReggae* [89] que, além de combater a estigmatização das favelas, promoveu a valorização de seus moradores como parte essencial da cidade.

Outros movimentos assumiram uma postura mais confrontativa, como por exemplo organizando protestos contra o aumento das tarifas dos transportes públicos e reivindicando maior acessibilidade urbana e serviços públicos de qualidade. Durante a era olímpica, os moradores da Vila Autódromo, ameaçados por remoções forçadas, mobilizaram-se junto a organizações e entidades, elaborando planos alternativos e demonstrando que sua permanência no território era um direito legítimo.[90]

Ainda, diversas iniciativas e plataformas foram criadas para produzir conhecimento real sobre as periferias, articulando as vozes dos seus próprios habitantes com a contribuição de universidades e investigadores. Projetos como o *RioOnWatch* [91] e o *Dicionário de Favelas* [92], tantas vezes auxiliares no desenvolvimento deste trabalho, têm desempenhado um papel fundamental na construção de narrativas mais complexas sobre esses territórios. Também o *Observatório de Favelas* [93], que será abordado no próximo capítulo, é outro exemplo relevante, atuando na reflexão e formulação de novas formas de intervenção urbana, olhando a cidade através das minorias.[94]

Estes movimentos, dentro de outros tantos, são uma tentativa de transformar o imaginário sobre as periferias, um esforço contínuo em descontruir estereótipos, procurando o empoderamento local e contribuindo para a formulação de políticas públicas mais justas e inclusivas, em defesa do direito à cidade, este que é um direito de todos.

87 Raquel Rolnik, em: AZEVEDO, Lena; FAULHABER, Lucas. 2015. P13.

88 Originalmente denominado *funk carioca*, é um género musical oriundo das favelas do Rio de Janeiro.

89 (https://afroreggae.org/sobre/).

90 Para mais informação sobre a Vila Autódromo, ver: SÁNCHEZ, Fernanda; OLIVEIRA, Fabrício; MONTEIRO, Poliana. 2016. e GOMES, Kathleen. 2016.

91 (https://rioonwatch.org/).

92 (https://wikifavelas.com.br/index.php/Dicion%C3%A1rio_de_Favelas_Marielle_Franco).

93 (https://observatoriodefavelas.org.br/).

94 Neste sentido, *minoria* enquanto pessoas segregadas de direitos.

"Produzir cidades é urbanizar, e urbanizar é pensar em tudo junto.

(...) Mas o grande desafio é: como evitar a formação de novas [periferias]? Isso só vai acontecer quando, finalmente, reconhecermos a moradia adequada como um direito dos cidadãos e garantirmos que os pobres tenham acesso à terra. (...) Esse é o pacto socioterritorial que o Brasil precisa fazer. Não da forma como é hoje, como se oferecer infraestrutura, dignidade, fosse um favor que o governante faz (...). Isso não deveria ser negociado.

(...) O grande ponto está no mundo da política, do poder, e na estruturação do Estado na área de desenvolvimento urbano. Ainda há um poder concentrado dirigido para a privatização dos ganhos, rápidos, em poucas mãos. Nossa máquina de produzir cidades é concentradora, excludente. É aí que temos de romper."[95]

[95] ROLNIK, Raquel. 2008.

Ressaltamos ainda que o atual Presidente brasileiro, Lula da Silva, lançou no mês de novembro de 2024, o programa ***Periferia Viva*** que prevê urbanizar as favelas das grandes cidades. Chamou ao momento o "encontro dos invisíveis", ao lançar um programa que visa

"(...) dotar as favelas de infraestrutura urbana como melhoria habitacional, drenagem para redução de riscos de desastres naturais, recuperação ambiental, regularização fundiária e **equipamentos públicos de saúde, educação, esporte, lazer e cultura.**"[96]

[96] "Periferia Viva - Urbanização de Favelas. Manual de instruções para apresentação de propostas." 2023.

Afirmou ainda que aquele era o dia em que "a periferia do seu país se tornara visível para o governo e para a sociedade".[97] Resta-nos apenas esperar e ver se, com o passar do tempo, o discurso contra a exclusão social ganha forma ou se se desvanece, empilhado sobre outras tantas políticas e promessas esquecidas.

[97] FERREIRA, Luiz. 2024.



[75] FAVELA OLÍMPICA 1
Favela Vila Autódromo. Bruno com o seu pai, que segura "tocha olímpica", a sua avó, a sua mulher e o seu filho.
Marc Ohrem-Leclef. 2015.



[76] FAVELA OLÍMPICA 2
Favela Cantagalo. Susana com os seus filhos e vizinhos.
Marc Ohrem-Leclef. 2015.

CAPÍTULO 2

O Espaço

> "O espaço não pode mais ser concebido como passivo, vazio, ou como de facto não tendo outro sentido, tal como os "produtos", senão o de ser trocado, de ser consumido, de desaparecer. Enquanto produto, por interação ou retroação, o espaço intervém na própria produção: organização do trabalho produtivo, transportes, fluxo das matérias-primas e das energias, redes de distribuição dos produtos. (...) O seu conceito não pode, portanto, isolar-se e permanecer estático. Ele se dialetiza: produto-produtor, suporte das relações económicas e sociais."[98]

[98] LEFEBVRE, Henri. 2013. P125.

De acordo com Lefebvre, os espaços não são entidades neutras ou meramente físicas; são, antes de tudo, um produto social. Fruto das interações entre indivíduos, grupos e instituições ao longo do tempo, refletem e moldam as suas práticas e atividades, as suas ações políticas, económicas e culturais, etc., numa simbiose constante e mutante. São produto e produtores de relações sociais.

Cada espaço que habitamos – seja privado, público ou coletivo – carrega consigo as marcas dessas dinâmicas; porém, enquanto os espaços privados abrigam a individualidade e a privacidade, servindo de refúgio, os espaços públicos e os coletivos dão lugar ao convívio, ao contacto, à troca de experiências e emoções.

Como percebemos nos programas de urbanização de favelas analisados previamente, estes últimos destacavam-se enquanto principal fator de diferença e inclusão, pela variedade de oportunidades que ofereciam aos moradores. Não se pretende negar, porém, que fatores como o acesso a infraestruturas básicas não contribuem de igual forma para a inclusão das periferias na cidade: questões fundamentais, como o fornecimento de saneamento e mobilidade precisam ser resolvidas antes de se abordar outras dimensões e necessidades urbanas.[99] O modo como as populações pobres e marginalizadas veem os seus direitos de cidadania reduzidos porque o acesso ou existência de bens e serviços públicos, e não só de espaços, é infinitesimal, são fatores determinantes de exclusão. Contudo, o que pretendemos evidenciar é que os espaços de uso comum se destacam frequentemente como os principais elementos para efetivar a tão prometida e desejada integração na cidade.[100]

[99] Como no caso do *valão* da Rocinha, referido anteriormente. P51.

[100] BRASILEIRO, Alice. 2015. P5.

Assim, os espaços públicos e coletivos, aliados a bens e serviços comuns, tornam-se o foco desta análise, particularmente no que podem revelar sobre o seu papel na contribuição de uma maior equidade e justiça social ou, em contrapartida, enquanto fatores que aprofundam as situações de desigualdade e exclusão, tanto social quanto espacialmente.

Espaço Público e Espaço Coletivo

O conceito de **espaço público** tem-se transformado ao longo dos tempos, objeto de múltiplas interpretações.[101] Tendo em conta as suas vertentes físicas e conceptuais, procura-se uma aproximação àquela que pode ser a sua definição atual.

A noção de espaço público está associada à vida e àqueles que o habitam, o atravessam e o usam.[102] Está consequentemente ligado ao modo como as pessoas interagem com ele e à forma de o apropriarem. É um lugar conectado a essa experiência comum, mas também às múltiplas vivências pessoais e à pluralidade individual que o integram.

> "O espaço do cidadão tem esta ambivalência, esta capacidade de permitir a experiência do íntimo e da partilha da vida com os outros."[103]

Assim, estes espaços estão em constante metamorfose, consoante a sua ocupação, as pessoas que o habitam e às suas próprias interpretações,[104] tanto quanto ao tempo e à história que os percorre, ao lugar e à cultura onde se inserem. Carregados de significados e memórias, possuem uma identidade mutante.

Segundo o ideal moderno de espaço público[105], estes são lugares de uso comum, acessíveis, diversos e multifuncionais, promovendo o convívio, a integração e a expressão política e cultural. Neles, os cidadãos deveriam apresentar-se como iguais, livres e titulares de direitos.

> "No centro dessa concepção de vida pública urbana estão duas noções relacionadas: o espaço da cidade é um espaço aberto para ser usado e aproveitado por todos, e a sociedade de consumo que ela abriga é acessível a todos. (...) É claro que esse nunca foi inteiramente o caso (...). As cidades modernas foram sempre marcadas por desigualdades sociais e segregação espacial, e os seus espaços são apropriados de maneiras bastante diferentes por diversos grupos, dependendo da sua posição social e poder."[106]

Dessa forma, os espaços públicos albergam simultaneamente noções contraditórias – a liberdade, a emancipação, a comunicação e a hospitalidade coexistem com o anonimato, a indiferença, o isolamento social e a insegurança.[107] Especialmente em sociedades marcadas por profundas desigualdades sociais, como o Brasil, estes lugares tornam-se palco de exclusão e de conflitualidade política; enfim, negando as principais características do ideal moderno de espaço público urbano democrático.

> "Essas cidades abrigam um tipo de espaço público que não faz nenhum gesto em direção à abertura, indeterminação, acomodação de diferenças ou igualdade, e que ao invés disso toma a desigualdade e a separação como valores estruturantes."[108]

[101] Para maior contextualização, ver: BORJA, Jordi; MUXI, Zaida. 2003. e COELHO, Rodrigo. 2011. P15-161.

[102] COELHO, Rodrigo. 2011. P17.

[103] ANGLÉS, Magda; CARRERA, Judit. 2010. Excerto de entrevista a Rafael Moneo.

[104] COELHO, Rodrigo. 2011. P17.

[105] CALDEIRA, Teresa. 2000. P302.

[106] Idem. P303.

[107] COELHO, Rodrigo. 2011. P27.

[108] CALDEIRA, Teresa. 2000. P308.

Ainda, estes espaços têm um papel urbanístico importante, atuando enquanto elementos organizadores do tecido urbano. Numa escala reduzida, estruturam a envolvente mais próxima, promovendo uma relação entre todas as partes. Numa escala maior, podem transformar-se em eixos estruturantes para a cidade como um todo, especialmente quando alinhados com uma mobilidade urbana acessível e eficaz; enquanto pontos comuns, podem organizar fluxos e criar redes que integrem diversos bairros e regiões, podendo reduzir a segregação espacial.

> "Por outras palavras, o espaço público é, ao mesmo tempo, o principal espaço de urbanismo, da cultura urbana e da cidadania. É um espaço físico, simbólico e político."[109]

[109] BORJA, Jordi; MUXI, Zaida. 2003. P16.

Podendo ter diversas formas e conceitos, materializando-se tanto no exterior – como praças, parques e jardins – quanto no interior – como museus, bibliotecas, escolas e hospitais –, os espaços públicos devem ser flexíveis e evolutivos, podendo ser apropriados de diferentes maneiras, dando lugar à espontaneidade e organicidade das ações e interações humanas. Devem permitir-se à (re)apropriação, à manifestação coletiva e às diversidades sociais.[110]

[110] CRAWFORD, Margaret. 1999.

No entanto, Manuel Solà-Morales adverte como seria imprudente preocuparmo-nos com a forma da cidade apenas pelas suas áreas de domínio exclusivo do Estado, associando a componente pública da prestação de bens e serviços apenas àquilo que é exclusivamente da propriedade e da gestão pública. Assim, afirma ser importante "urbanizar o privado"[111], ou seja, oferecer um caráter público aos lugares que, embora de posse privada, são publicamente acessíveis, desempenhando assim funções coletivas importantes. A estes, o autor denomina de **espaços coletivos**.

[111] SOLÀ-MORALES, Manuel. 2008. P187.

> "O espaço coletivo é muito mais e muito menos do que o espaço público, se limitarmos este último à propriedade administrativa. A riqueza civil e arquitetónica, urbana e morfológica de uma cidade é a dos seus espaços coletivos, de todos os lugares onde a vida coletiva se desenrola, se representa e se recorda."[112]

[112] Idem. P188.

Esta tipologia pode manifestar-se sob a forma de museus, centros culturais, hospitais, mercados, aeroportos, parques e jardins, quando estes estão concessionados à gestão privada, mas também sob a forma de cafés, restaurantes, livrarias, hotéis, entre muitos outros.



[77] FEIRA DA GLÓRIA
Feira livre, esplanadas e rodas de samba ocupam parte da Avenida Augusto Severo na Glória, todos os domingos.
Rio de Janeiro.
Alexandre Cassiano. 2024.

Espaços Comuns

"O espaço público define a qualidade da cidade porque indica a qualidade de vida das pessoas e a qualidade da cidadania dos seus habitantes. (...) Deve-se dar prioridade aos espaços públicos como estratégia de fazer *cidade sobre cidade*."[113]

[113] BORJA, Jordi; MUXI, Zaida. 2003. P25.

É inevitável que estes espaços comuns, públicos e coletivos, estejam frequentemente associados à qualidade urbana, pelo papel que desempenham na cidade e pelas possibilidades que oferecem. Por isso, Solà-Morales declara que a tarefa mais nobre dos arquitetos e urbanistas é, precisamente, assegurar que estes lugares tenham qualidade, tornando-os estimulantes para o tecido urbano e reforçando a sua função enquanto veículos de inclusão social.[114] Devem recordar-nos que a arquitetura não é somente feita de materiais, mas de relações humanas e que, sem estes, a vida urbana torna-se fragmentada e isolada.

[114] SOLÀ-MORALES, Manuel. 2008. P90.

O alargamento do conceito destes espaços comuns não deve desviar a atenção do ponto central: a questão não reside apenas na diversidade ou na qualidade arquitetónica e urbanística desses espaços. O que realmente determina o seu *multiplicador social* – ou seja, a sua capacidade de proporcionar acessibilidade e uso universais – está profundamente ligado às desigualdades sociais existentes. Estas desigualdades criam um fosso entre aqueles que conseguem usufruir plenamente das "coisas públicas" e aqueles que, por falta de condições, ficam excluídos desse acesso.



[78] [79] PRAÇA “PÚBLICA”
Praça General Osório gradeada e com horários.
Bairro de Ipanema.
Google Maps Street View. 2021.





[80] CONDOMÍNIOS FECHADOS
Barra da Tijuca.
s/a. s/d.

No caso do Rio de Janeiro, observa-se uma desigualdade na distribuição de espaços, bens e serviços comuns. As áreas mais ricas, localizadas principalmente na Zona Sul e em bairros da Barra da Tijuca, beneficiam-se de um acesso quase ilimitado a infraestruturas de qualidade. Em contraposição, as zonas periféricas, predominantemente situadas na Zona Norte e Oeste, enfrentam uma carência destes recursos, com equipamentos degradados, serviços sobrelotados e pouca diversidade de atividades. Segundo um estudo de 2019 baseado em dados disponibilizados pela Prefeitura do Rio, a mancha de distribuição de espaços e equipamentos culturais pela cidade é de 41% e 39% nas zonas sul e central, e de 11% e 9% nas zonas norte e oeste, respetivamente.[115]

Mesmo as periferias situadas dentro das áreas privilegiadas – como as favelas do Vidigal e da Rocinha, localizadas nas imediações da Zona Sul – frequentemente enfrentam barreiras à integração social. Estes territórios, apesar de uma maior proximidade aos recursos urbanos em comparação com outras áreas periféricas, continuam a ser segregados, física e simbolicamente, pelos chamados "enclaves fortificados".[116] Estes *enclaves*, corporificados pelos condomínios fechados, os centros comerciais e os clubes privados, entre outros, criam barreiras urbanas que promovem a exclusão social.

> "Nos enclaves, o objetivo é segregar e mudar o caráter da vida pública, transferindo atividades antes realizadas em espaços públicos heterogêneos para espaços privados que foram construídos como ambientes socialmente homogêneos, e destruindo o potencial das ruas de fornecer espaços para interações anônimas e tolerantes."[117]

De acordo com Teresa Caldeira, estes *enclaves* substituem as funções dos espaços comuns, restringindo as interações entre diferentes classes sociais e enfraquecendo o seu papel enquanto locais de convivência – ainda que impessoal –, essenciais para a coesão social e o fortalecimento do tecido urbano. Este fenómeno, que não se manifesta somente no Rio de Janeiro, é agravado por políticas urbanas desiguais, pela especulação imobiliária e pela falta de investimentos em infraestrutura em áreas mais vulneráveis, tornando as cidades cada vez mais fragmentadas e tendo impacto direto na segregação espacial e na ampliação das desigualdades sociais.

> "Cidades de muros e de enclaves fortificados são cidades de fronteiras fixas e espaços de acesso restrito e controlado."[118]

115 VILLELA, Renato. 2019.
Estes espaços e equipamentos dizem respeito a elementos do património cultural – como o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar, o Estádio do Maracanã, etc. – e equipamentos culturais - como museus, cinemas, teatros, etc.

116 CALDEIRA, Teresa. 2000. P211.
"Tratam-se de espaços privatizados, fechados e monitorados para residência, consumo, lazer e trabalho. A sua principal justificação é o medo do crime violento. Esses novos espaços atraem aqueles que estão abandonando a esfera pública tradicional das ruas para os pobres, os "marginalizados" e os sem-teto." Para mais detalhes sobre *enclaves fortificados*, ler na totalidade.

117 Idem. P313.

118 Idem. P308.

Descentralização e Democratização

Neste sentido, torna-se necessária a descentralização e a democratização dos espaços comuns da cidade, garantindo uma distribuição equitativa de recursos e oportunidades à população mais desfavorecida. De acordo com as necessidades específicas de cada lugar, isto pode significar tanto a construção quanto a reabilitação de espaços já existentes, criando ou melhorando praças, parques, escolas, equipamentos culturais, de lazer, etc. Desta forma, pode-se caminhar em direção a uma maior equidade territorial, fomentando-se a integração das diferentes áreas da cidade e mitigando a segregação espacial.

> "Mais do que um direito à cidade, o que está em jogo é o direito a obter da sociedade aqueles bens e serviços mínimos, sem os quais a existência não é digna. Esses bens e serviços constituem um encargo da sociedade, através das instâncias do governo, e são devidos a todos. Sem isso, não se dirá que existe o cidadão."[119]

[119] SANTOS, Milton. 2007. P157-158.

Neste trabalho, optámos por analisar dois espaços comuns na forma de equipamentos, inseridos em diferentes fases e contextos da história do Rio de Janeiro. Ambos fundamentados na descentralização e democratização da educação e da cultura, convictos de que estes fatores promovem a "prática da liberdade"[120], assim como propunha Paulo Freire, buscam atuar espacialmente no enfrentamento da segregação social.

[120] FREIRE, Paulo. 2013. P85-87.

O primeiro caso de estudo, os Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), foram um projeto educacional de larga escala implementado da década de 1980. Concebidos pelo Governo de Estado numa tentativa de melhorar o ensino público, o projeto pretendia ter maior impacto nos territórios periféricos onde se inseria, procurando integrá-los na cidade formal, oferecendo à população mais desfavorecida oportunidades semelhantes às das classes mais altas.

O segundo caso, o Galpão Bela Maré, surge por iniciativa de uma organização não governamental. Tendo o seu início em 2011, o projeto nasce com o propósito de enfrentar a exclusão social por meio da cultura, da arte e da educação, valorizando a identidade do local onde se inseriu. Diferente dos CIEPs, que foram uma estratégia pública de integração, o Galpão representa uma resposta da própria comunidade às lacunas deixadas pelo poder público, demonstrando o papel ativo e a insurgência das periferias na luta por inclusão e direitos.

Estes equipamentos não são casos isolados na procura de minimizar as desigualdades e a exclusão na cidade, existindo inúmeros projetos e iniciativas com propósitos semelhantes. A escolha destes exemplos é, no entanto, pessoal, decorrente da proximidade que estabeleci com ambos. Os CIEPs tornaram-se objeto de interesse por me ter cruzado com muitos destes equipamentos ao longo da minha estadia na cidade, o que me despertou curiosidade mesmo antes de saber qual a sua função. O Galpão, por sua vez, entrou no meu percurso durante um estágio no atelier Évora, responsável pela sua reabilitação, proporcionando-me uma visão mais ampla e consciente sobre aquilo que eu achava saber da cidade. A junção de ambos, neste trabalho, por se mostrarem tão distintos e, simultaneamente, tão próximos.

“**Nada é abstrato, neutro ou indiferente no ato de produção da arquitetura dos equipamentos coletivos.** Nele, o traço nunca é um risco: é um material, é uma dimensão, é um custo, é uma resposta a demandas que são concretas num tempo histórico. Também não existe equipamento coletivo que consiga ser isolado do espaço urbano ou rural, até porque grande parte do seu espaço é, por seu próprio objetivo, público. A sua organização, agenciamento, dimensões e distribuição territorial tornam-no elemento que, obrigatoriamente, participa da composição da paisagem urbana e da sua qualidade. (Lima, 1995: 144)”

(MASCARENHAS, Marisa P. 2005. P58.)

“Educar é, em essência, ensinar o encanto pela possibilidade. Logo, educação é a arte de ensinar o exercício da liberdade. Só é livre quem é capaz de optar entre as diferentes possibilidades. O professor é, então, agente da liberdade, administrador da curiosidade.”

(DIMENSTEIN, Gilberto. 1998. P1.)

CIEPs

Os **Centros Integrados de Educação Pública** (CIEPs) foram uma iniciativa implementada no estado do Rio de Janeiro durante o governo de Leonel Brizola, na década de 1980.

Fruto de décadas de crescimento populacional sem o devido investimento em educação, as escolas públicas na cidade tornaram-se insuficientes para acolher a crescente demanda de alunos, havendo ainda uma elevada taxa de analfabetismo por todo o país.[121] Para atenuar a escassez de vagas, muitas escolas adotaram um regime de turnos: embora esta medida permitisse atender um maior número de crianças, comprometia a qualidade do ensino, reduzindo os períodos de aula e sobrecarregando as instalações. Adicionalmente, muitas das escolas não possuíam as condições adequadas para ensino, com salas sobrelotadas, escassez de recursos e ausência de serviços básicos, intensificando o problema.[122]

[121] IBGE, 1987. P162.

[122] BOMENY, Helena. 2007. P41-43.

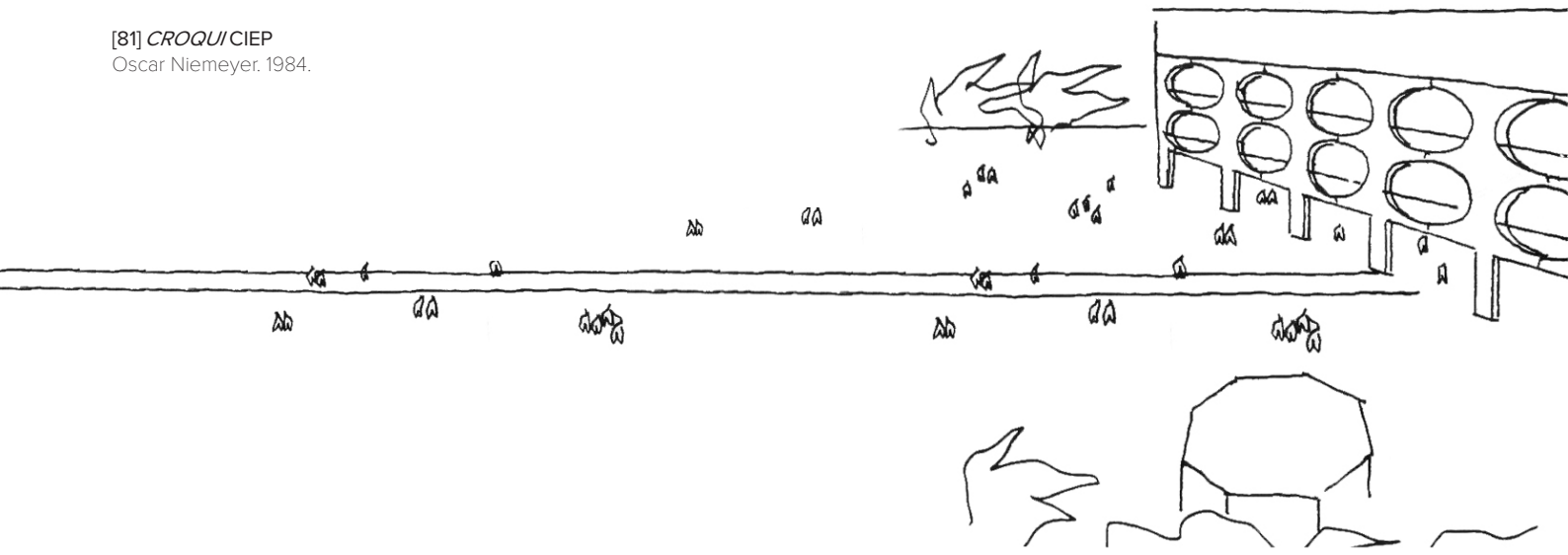
Foi neste contexto que Leonel Brizola e Darcy Ribeiro, antropólogo, educador e então vice-governador do Rio de Janeiro, compreenderam que aumentar o número de escolas só por si não resolveria os problemas já enraizados no sistema educacional. Reconhecendo as falhas estruturais nos métodos de ensino, que contribuíam para os elevados níveis de repetência e evasão escolar, consideraram necessária uma nova abordagem que não só ampliasse o acesso à educação, mas melhorasse a qualidade do ensino público e oferecesse o suporte necessário aos estudantes, especialmente aos mais desfavorecidos. Assim, de certa forma aliados aos programas de urbanização e integração das periferias na cidade, nascem os CIEPs.[123]

[123] RIBEIRO, Darcy. 1986. P41-42.

> "O CIEP inaugura uma nova etapa na história da educação de base no nosso país: aquela em que os direitos das crianças começam a ser efetivamente respeitados, mediante a oferta de um programa educacional integrado, capaz de realmente mobilizar para aprendizagem o potencial dos alunos. Em contraste com as escolas superlotadas, o CIEP é uma verdadeira escola-casa, que proporciona aos seus alunos múltiplas atividades, complementado o trabalho nas salas de aula com recreações, esportes e atividades culturais."[124]

[124] Idem. P48.

[81] *CROQUI* CIEP
Oscar Niemeyer. 1984.



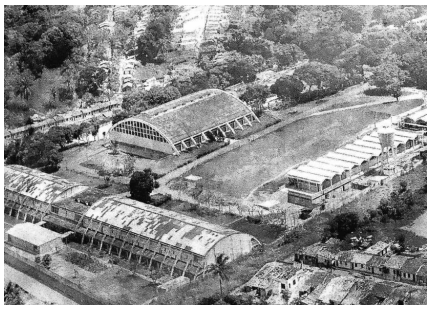
Estes centros foram inspirados na ideologia e nas experiências educacionais que foram sendo realizadas desde a década de 1930 por Anísio Teixeira, educador baiano que funda a **Escola-Parque** em Salvador da Bahia[125] em parceira com os arquitetos Diógenes Rebouças e Hélio Duarte. Pensados e projetados para oferecerem uma educação integral, os CIEPs não se limitavam a cumprir o currículo académico regular: compreendiam uma formação que contribuía para o desenvolvimento afetivo, social, físico e cultural do indivíduo, fornecendo alimentação e assistência médica, atendendo assim todas as necessidades básicas dos estudantes. O principal objetivo dos CIEPs era proporcionar uma educação de qualidade, acessível a todas as crianças, independentemente da sua condição social ou económica, aumentando assim o acesso à educação e melhorando o sistema educacional público no Rio de Janeiro.

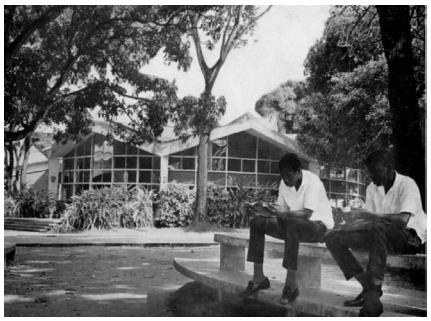
Estes equipamentos assumiam-se como uma oportunidade para reduzir as desigualdades sociais enfrentadas pelas classes populares, dando-lhes acesso a bens que muitas vezes lhes eram negados ou estavam fora do seu alcance. A sua base política era que as escolas deviam oferecer oportunidades às crianças mais pobres equivalentes àquelas que eram oferecidas às crianças das classes média e alta de forma privada, respeitando contudo o seu universo cultural.

> "A tarefa primordial do CIEP é introduzir a criança no domínio do código culto, mas valorizando a *vivência* e a *bagagem* de cada uma delas. A escola deve servir de ponte entre os conhecimentos práticos já adquiridos pelo aluno e o conhecimento formal exigido pela sociedade letrada."[126]

[125] Esta escola, também conhecida como Centro Educacional Carneiro Ribeiro, tinha por base uma educação integral, voltada para as populações mais carentes. Foi fundada nos anos 1950. Para mais informações, ver: TEIXEIRA, Anísio. 1962. e EBOLI, Terezinha. 1969.

[126] RIBEIRO, Darcy. 1986. P48.

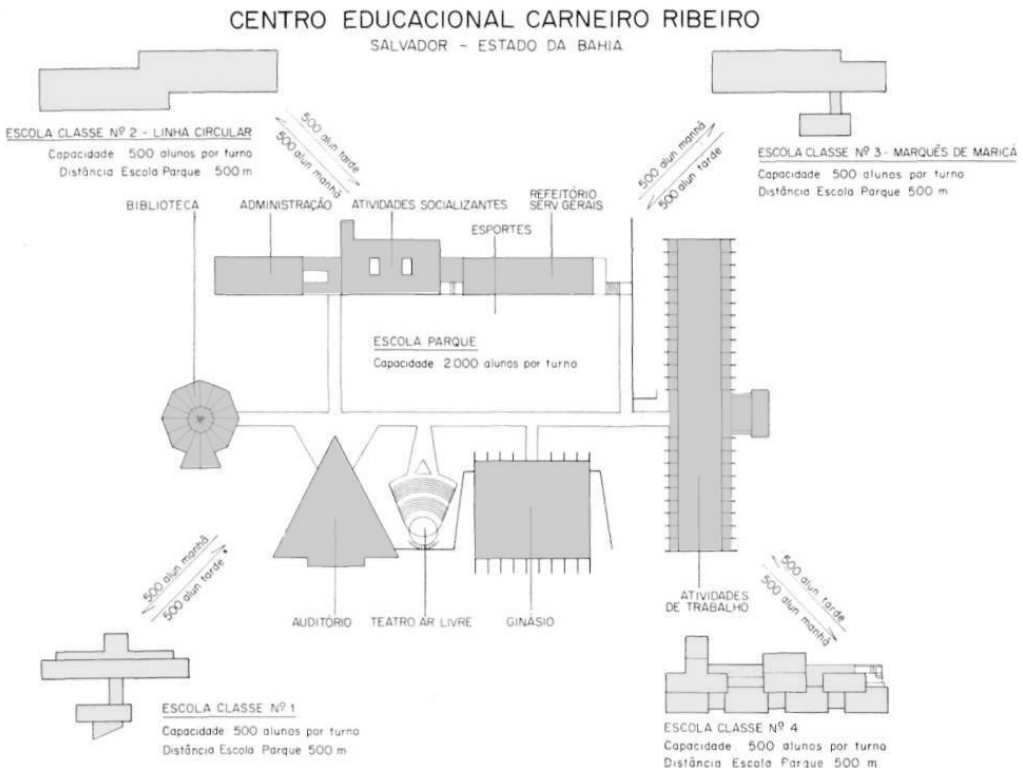






[82] [83] [84] ESCOLA-PARQUE
Salvador da Bahia.

[85] PLANTA
Planta esquemática da Escola-Parque.



O projeto arquitetónico é então entregue a Oscar Niemeyer, renomado arquiteto carioca e um dos principais nomes do movimento moderno da arquitetura brasileira.[127] Acabado de passar por uma revisão do seu próprio estilo de trabalho, num "processo honesto e frio"[128] que, entre outras crenças, não reconhecia capacidade na arquitetura para mudar uma sociedade injusta, aceita projetar os CIEPs.

Niemeyer propõe um projeto padrão, construído em betão pré-fabricado, possibilitando uma construção rápida e eficaz, reduzindo significativamente o custo da obra em comparação às construções de escolas convencionais *in loco*. Além de economizar em recursos, um projeto-tipo possibilitava a sua repetição em diferentes locais. Esta reprodução em massa procurava contribuir para uma rápida expansão do programa dos CIEPs, democratizando rapidamente o acesso à educação de qualidade.[129] Consistiam, assim, numa verdadeira *máquina de ensinar*.

> "Poucos projetos de carácter social realizei e confesso que ao fazê-lo sempre me senti conivente com o objetivo demagógico e paternalista que representam: enganar a classe operária que reclama melhores salários e as mesmas oportunidades. Sempre recusei esse equívoco, essa ideia medíocre dos que insistem numa arquitectura *mais simples, mais ligada ao povo*. Quando realizámos os CIEP, sentimos com satisfação como as crianças pobres gostavam de frequentá-los, como se isso lhes desse a esperança de que um dia poderiam usufruir o que até hoje só aos mais ricos é permitido. Para mim, essa ideia da simplicidade arquitectural é pura demagogia, discriminação inaceitável e, às vezes, uma timidez que só a falta de talento pode explicar."[130]

127 O movimento moderno, ainda predominante na época, teve a sua maior materialização na construção da agora capital, Brasília, da autoria de Lúcio Costa e do próprio Niemeyer (1956-1960).

128 "Depoimento de Oscar Niemeyer". Em: XAVIER, Alberto. 2003. P238.
O "Depoimento" foi originalmente publicado na revista Módulo, no. 9. Rio de Janeiro, em fevereiro de 1958.

129 RIBEIRO, Darcy. 1986. P108.

130 NIEMEYER, Oscar. 2000. P261.



[86] CIEP PADRÃO
CIEP demonstração.
RIBEIRO, Darcy. 1986. P44.

O arquiteto projeta uma composição em três volumes que se complementam, ganhando destaque na restante envolvente. No edifício principal, que previa acomodar mil alunos, uma rampa central une os três pisos, de modo a criar um percurso fluído entre estes. No térreo, situam-se o refeitório e respetiva cozinha, o centro médico e um grande pátio exterior coberto. Nos pisos superiores, encontram-se as salas de aula, um auditório e salas para diversas atividades, ligados por amplos corredores. Nestes pisos, a divisão de espaços era feita por meias paredes: o intuito era melhorar a circulação de ar pelo edifício, assim como manter o volume das aulas e conversas em tom baixo.

O segundo volume é um salão polivalente, que incluí vestiários, arquibancada e uma área exterior coberta, que funcionava como ginásio. Este espaço acolhia as aulas de educação física, teatro, espetáculos, exposições, enfim, uma panóplia de atividades. O terceiro elemento da composição, com dois pisos, abriga a biblioteca no térreo e, acima desta, uma residência para estudantes, onde doze crianças podiam morar, em caso de vulnerabilidade social, sob os cuidados de um casal responsável, garantindo o seu maior conforto e segurança.[131]

Quando existiam limitações ou restrições nos terrenos de implantação, impedindo a construção dos três volumes independentes, o projeto era adaptado: o edifício principal passava a abrigar, na cobertura, tanto o ginásio quanto a biblioteca, garantindo assim que todos os serviços fossem mantidos.[132]

[87] FACHADA PRINCIPAL
CIEP de demonstração. Acervo Fundação Darcy Ribeiro. s/d.

[88] *CROQUI* CIEP
Oscar Niemeyer. 1984.

[89] ESQUEMA PADRÃO
CIEP padrão.
RIBEIRO, Darcy. 1986. P105.

[131] RIBEIRO, Darcy. 1986. P103-104.

[132] Idem. P106-108.

Houve poucas exceções que dispensaram a construção de novas volumetrias. O CIEP Presidente João Goulart, no Morro de Cantagalo, ocupou um enorme edifício que havia sido abandonado pela especulação imobiliária do local.[133] Tendo capacidade para 4000 alunos, atendia as crianças das favelas de Cantagalo, Pavão e Pavãozinho.[134]

Ainda, o projeto do Sambódromo, que fora desenhado para acabar com o carácter provisório das arquibancadas que eram anualmente construídas para os desfiles das escolas de samba, tinha também o intuito de criar espaços que fossem funcionais durante todo o ano. Assim, o CIEP Avenida dos Desfiles nasce para abrigar escolas, creches, centros de saúde e ateliers, sendo tanto um marco cultural como educacional na história do Rio de Janeiro.

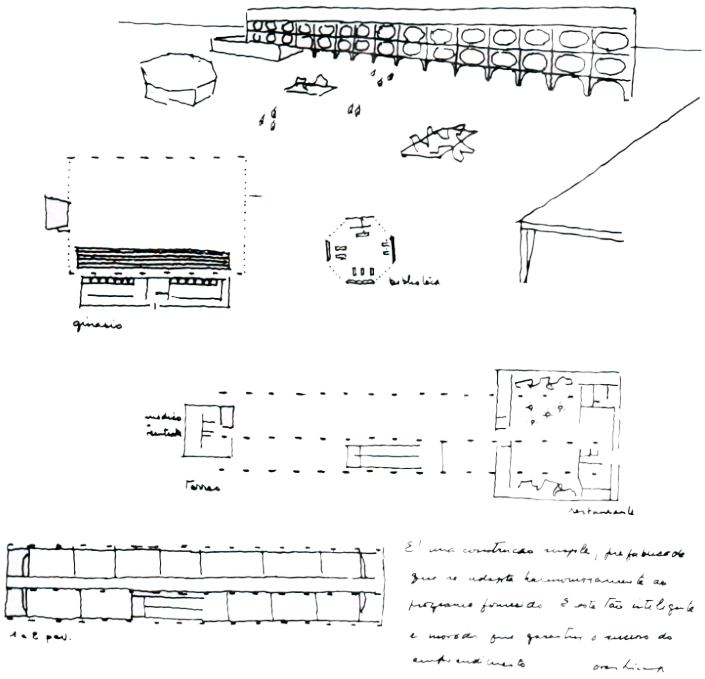
> "E aí está o Sambódromo, pronto para receber 120 mil pessoas, e a praça da Apoteose - que Darcy imaginou - com seu belo arco de concreto a marcar o fecho da composição. O que ninguém comentou, porque não gostariam de aplaudir o nosso amigo, foi a ideia do Darcy de criar salas de aulas sob as arquibancadas. Arquibancada-escola para 15 mil alunos!"[135]

[133] Um hotel inacabado (Panorama Palace), que já havia abrigado um restaurante, uma boate e um estúdio de televisão. "Na década de 80, no governo de Leonel Brizola, foi desapropriado para funcionar o CIEP Presidente João Goulart, parcialmente desativado no governo seguinte de Moreira Franco. Posteriormente abrigou o projeto Criança Esperança. (...) ali funciona um espaço de coworking e incubação para negócios sociais e soluções para favelas denominado Favela Hub, administrado pelo Vivo Rio."
Em: "Panorama Palace, o hotel de luxo que nunca inaugurou em Ipanema". 2022.

[134] RIBEIRO, Darcy. 1986. P85-86.

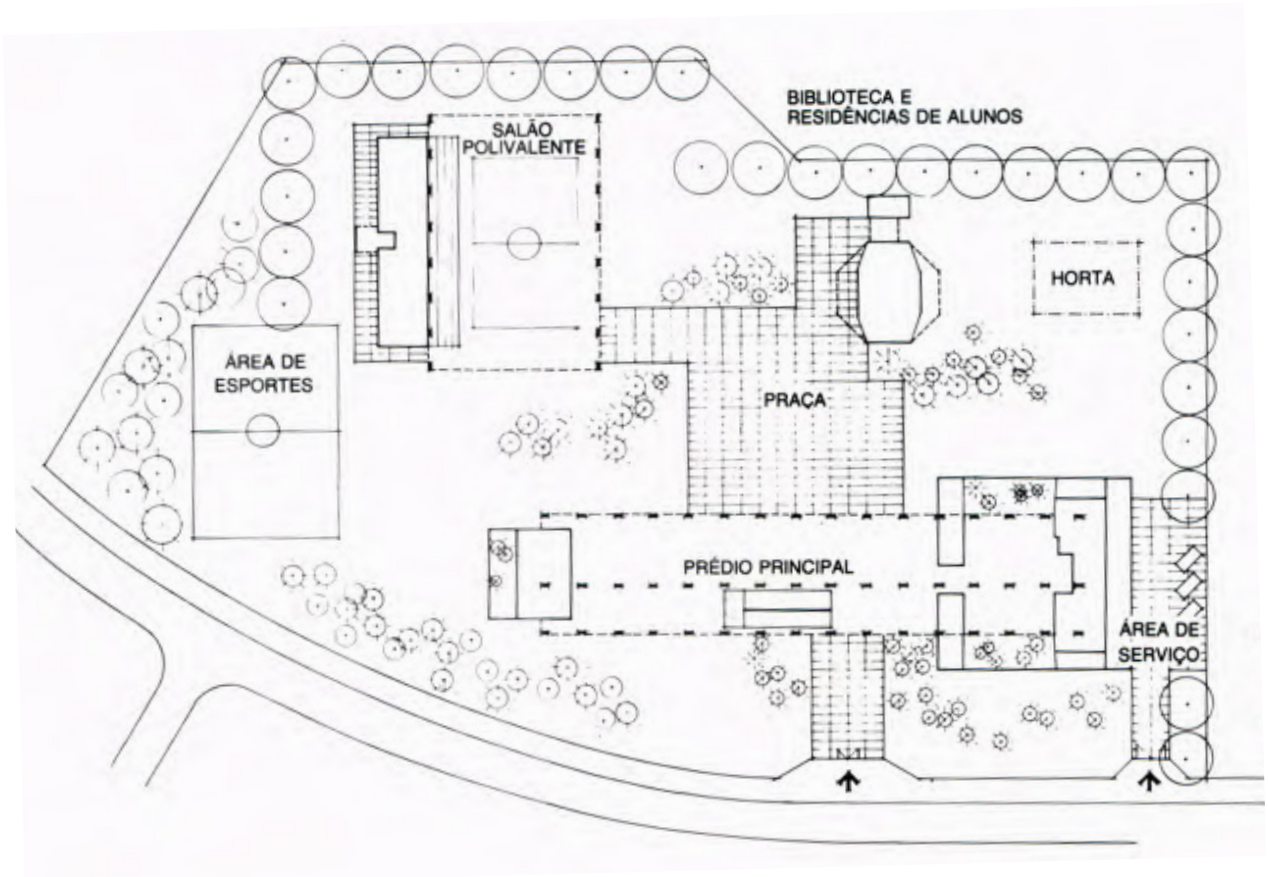
[135] NIEMEYER, Oscar. 2000. P39.

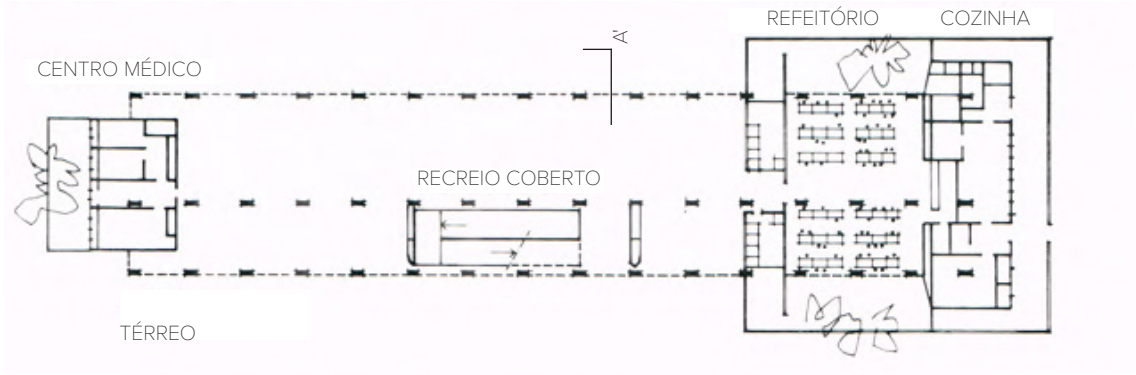




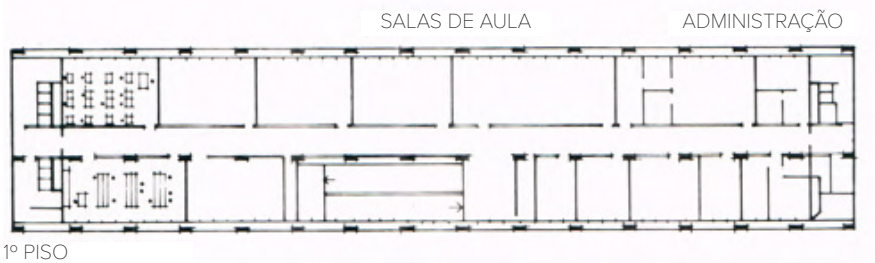
"Procurei dar às escolas um aspecto capaz de caracterizá-las, destacando-as plasticamente nos conjuntos urbanos da cidade. isso explica as aberturas arredondadas, que coincidem rigorosamente com o sistema de pré-fabricação adotado."

Oscar Niemeyer
(RIBEIRO, Darcy. 1986. P110.)



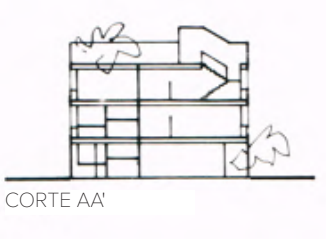


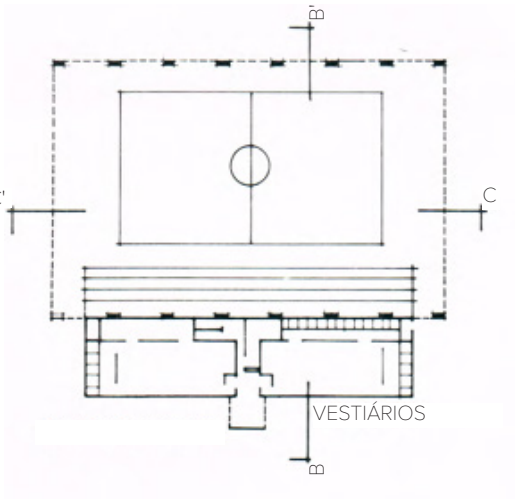
[90] PLANTAS, CORTES E ALÇADOS
CIEP padrão.
RIBEIRO, Darcy. 1986.
P106-107.





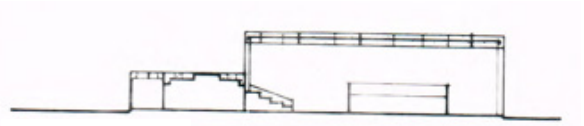
EDIFÍCIO PRINCIPAL

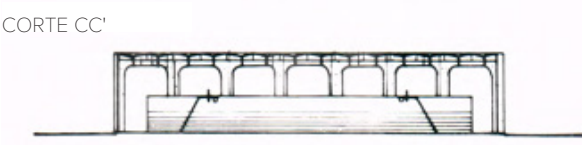


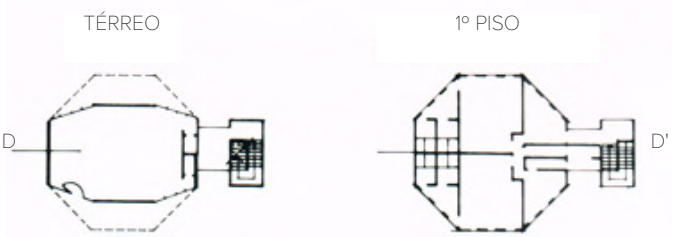


SALÃO POLIVALENTE



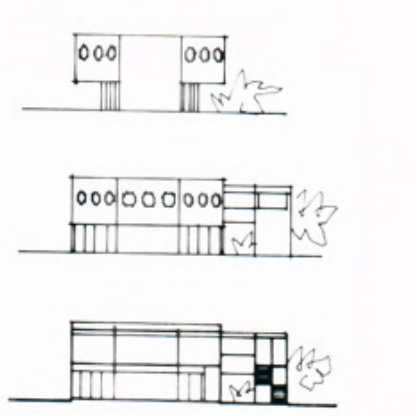






BIBLIOTECA

RESIDÊNCIA DE ALUNOS



0 5m





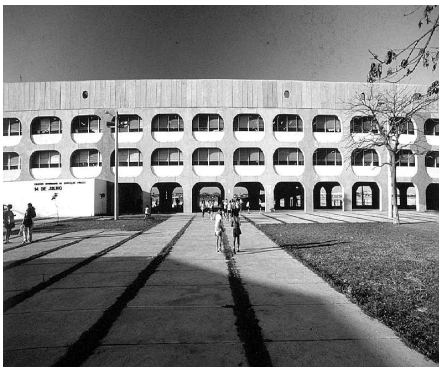
"(...) na dinâmica do CIEP, o recreio e as brincadeiras são considerados essenciais ao processo de ensino/aprendizagem. E existe sempre uma hora em que cada aluno se torna dono absoluto do seu tempo, para fazer o que achar melhor dentro do espaço escolar."

(RIBEIRO, Darcy. 1986. P48.)

[91] PÁTIO COBERTO
Edifício Principal, CIEP.
Hermes de Paula. 2015.

[92] SALA DE AULA
Sala com meia-parede.
Edifício Principal, CIEP.
RIBEIRO, Darcy. 1986. P128.







[93] RAMPA CENTRAL
Edifício Principal, CIEP
Aberrant Architecture. 2013.

[94] FACHADA PRINCIPAL
Edifício Principal, CIEP.

[95] BIBLIOTECA
CIEP demonstração.
RIBEIRO, Darcy. 1986. P34.





[96] PRAÇA
CIEP padrão.
Acervo Fundação Darcy Ribeiro. 1985

[97] CIEP TANCREDO NEVES
Salão Polivalente e Edifício Principal no fundo.
David Medd. 1986.







[98] SALÃO POLIVALENTE
CIEP Prof. Manoel Maurício de Albuquerque.
s/a. 2024.

[99] SALÃO POLIVALENTE
Festival de Pipa. CIEP Helio Smidt.
Arthur Viana. 2023.

[100] FACHADA PRINCIPAL
Festival de Pipa. CIEP Helio Smidt.
Arthur Viana. 2023.

[101] [103] CONSULTAS MÉDICAS
CIEP demonstração.
RIBEIRO, Darcy. 1986. P114,117.

[102] MOMENTO LIVRE
CIEP demonstração.
RIBEIRO, Darcy. 1986. P46.

[104] BIBLIOTECA E EDIFÍCIO PRINCIPAL
CIEP padrão.
Aberrant Architecture. 2013.







"O mais importante nesse programa de escolas que o Governador Brizola criou é, sem dúvida, o sentido social, o desejo de levar às classes mais pobres, às crianças tão esquecidas deste país, o apoio indispensável, instruindo-as, ocupando-as, dando-lhes a possibilidade de uma participação futura nos problemas da vida brasileira."

Oscar Niemeyer
(RIBEIRO, Darcy. 1986. P110.)







“O pré-fabricado limita a nossa fantasia, o nosso desejo de especular nos requintes da técnica do concreto armado. Examinando o projeto do CIEP, é fácil constatar como nele o concreto é bem concebido e como apesar das limitações do pré-fabricado ele se apresenta inovador plasticamente.”

Oscar Niemeyer
(RIBEIRO, Darcy. 1986. P110.)



[105] [106] [107] PRÉ FABRICAÇÃO
Construção das peças pré-fabricadas dos CIEPs.
RIBEIRO, Darcy. 1986. P112.

[108] [109] CIEP AYRTON SENNA DA SILVA
Perto da Rocinha, no outro lado da estrada.
Aberrant Architecture. 2016.





[110] PRÉ FABRICADO
Fachada principal.
Aberrant Architecture. 2012.

[111] CONSTRUÇÃO
Peças pré-fabricadas, CIEP
RIBEIRO, Darcy. 1986. P111.

[112] CIEP DOUTOR BENTO RUBIÃO
Rocinha.
Aberrant Architecture. 2012.





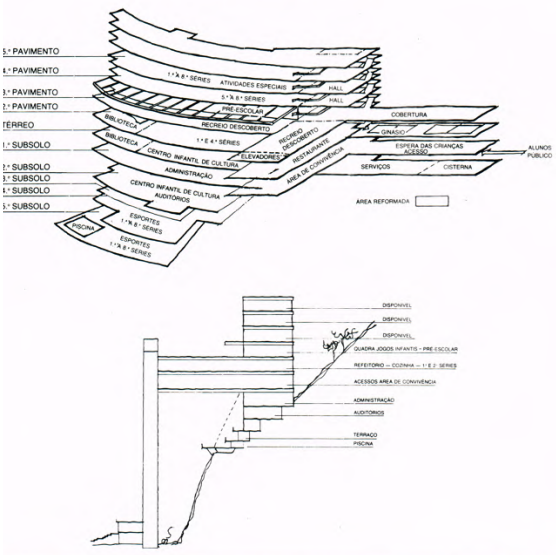




[113] CIEP DE IPANEMA
CIEP Presidente João Goulart. Morro de Cantagalo.
RIBEIRO, Darcy. 1986. P91.



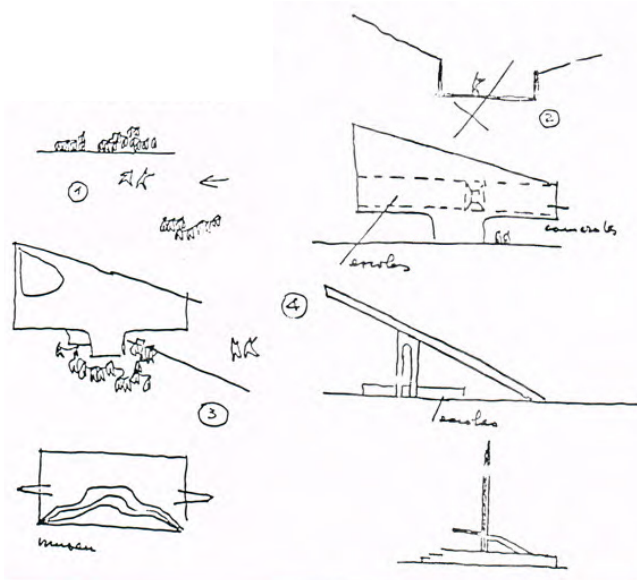
[114] CIEP NO MORRO
CIEP Presidente João Goulart. Morro de Cantagalo.
RIBEIRO, Darcy. 1986. P91.



[115] ESTRUTURA DO CIEP DE IPANEMA
CIEP Presidente João Goulart. Morro de Cantagalo.
RIBEIRO, Darcy. 1986. P87.

[116] CIEP AVENIDA DOS DESFILES
Sambódromo.
RIBEIRO, Darcy. 1986. P93.

[117] PASSARELA PROFESSOR DARCY RIBEIRO
Sambódromo.
Odebrecht Online. 1984.





Além de escolas, os CIEPs pretendiam ser pontos centrais nos territórios onde se inseriam, tornando-se uma referência para a sociedade e mudando a forma como a escola pública era vista e funcionava. Maioritariamente implantados em áreas periféricas e marginalizadas, procuravam uma relação mais alargada com a população, contribuindo para uma educação coletiva. Assim, abriam as suas instalações à comunidade envolvente, recebendo todo o tipo de eventos, funcionando quase como centros culturais.

> "No dia-a-dia dos CIEPs, a educação não pode mais ser dissociada das manifestações culturais e artísticas, sobretudo daquelas que já se desenvolvem no interior da própria comunidade. Afinal, elas são a ponte viva que leva a comunidade para dentro da escola – e vice-versa."[136]

> "Porque não considerar em cada bairro, a escola, o grupo escolar, como fonte de energia educacional, como ponto de reunião social, como sede das sociedades de *amigos de bairro*, como ponto focal de convergência dos interesses que mais de perto dizem com a vida laboriosa das suas populações?"[137]

Apesar de terem enfrentado desafios de financiamento e a objeção ferrenha de partidos opostos e de alguns *media* ao longo dos anos, a proposta de educação vinha sendo mantida.[138] Contudo, após a mudança de governo para a oposição, que não aceitava o sistema de educação integral, o projeto foi renunciado, voltando os equipamentos para um regime de escola convencional. Progressivamente as construções que ainda estavam em andamento foram sendo abandonadas, assim como alguns equipamentos já em total funcionamento.

Atualmente, são raros os equipamentos que funcionam segundo a conceção original de educação integral, apesar de haver algumas tentativas de a retomar.[139] Alguns CIEPs funcionam enquanto escolas em horário parcial ou enquanto colégios privados, outros foram apropriados por associações, museus, etc., enquanto alguns foram simplesmente deixados ao abandono.[140]

Os CIEPs foram uma tentativa de materializar um ideal que defendia a escola como um lugar de liberdade, de convivência e de reflexão, oferecendo às crianças as bases necessárias para que pudessem ser o que quisessem. Eram uma tentativa de romper com as tradições perpetuadas na educação brasileira, introduzindo inovações pedagógicas, criando oportunidades e democratizando-as. Um dispositivo que pretendia fornecer as ferramentas necessárias para quebrar uma sociedade desigual, combinando métodos educacionais com o reconhecimento e valorização das diferentes culturas populares. A escola como representação não só daquilo que pretendia ensinar e transmitir, mas das pessoas que a frequentavam e que dela faziam parte. Um projeto com uma pedagogia ativa que pretendia construir relações culturais e sociais entre a escola e a comunidade. A escola como centro, uma escola democrática.

136 RIBEIRO, Darcy. 1986. P49.

137 DUARTE, Hélio. 1951. P5.

138 Com exceção do período entre os dois mandatos de Brizola (1987-1991).

139 "Programa dos Cieps chega aos 40 anos como um exemplo de inclusão pela Educação". 2023.

140 SEGADAS, José. 2022.

Enquanto dissertação em arquitetura, explorar as discrepâncias e incoerências entre a proposta pedagógica e a efetivação da mesma é uma crítica secundária, embora algumas se destaquem fortemente. O que pretendemos perceber é de que forma a arquitetura, ou seja, o espaço construído, trabalhou em concordância e concretizou os ideais defendidos.

Por detrás dos CIEPs existia a crença em educar através de diferentes oportunidades. Neste sentido, a proposta em três volumes tinha por base uma arquitetura que deveria ser funcional a tempo inteiro, oferecendo diversos espaços e permitindo experiências e sensações variadas aos estudantes. A aprendizagem não se resumia às salas de aula, mas acontecia no ginásio, na cantina, nos pátios, nos corredores, etc. Os amplos espaços almejavam a liberdade dos alunos, que podiam circular livremente, por certo respeitando regras para uma convivência respeitosa. No entanto, é importante destacar o emprego inadequado das meias paredes na divisão de espaços.

> "Às vezes, a gente estava dando aula e começava o barulho. Pedia para que os alunos fizessem silêncio, mas continuava. Quando se percebia, o ruído vinha de fora. Um dos problemas que tivemos é que vários professores pediram licença por conta da voz. Há alguns anos houve uma reforma, aprovada pelo escritório do Niemeyer, para fechar as paredes."[141]

[141] *CartaCapital*. 2015. Excerto de entrevista a Maria L. Stoki, professora readaptada que trabalha há 27 anos no CIEP Tancredo Neves.

Esta abordagem revelou uma incoerência face à proposta pedagógica apresentada, desconsiderando a essência do que é uma escola. Ao impor uma condição através das meias paredes, procurava-se controlar e até manipular comportamentos naturais e típicos de um espaço escolar: o barulho de uma aula, as brincadeiras, risos e correrias de inúmeras crianças, de diferentes idades, nos corredores. Neste sentido, ao invés de tentar incorporar essa realidade, o espaço desconsiderou as vivências dos seus principais utilizadores – as crianças –, comprometendo a sua função.



UM CIEP em Rio Bonito onde a parede foi complementada com esquadrias e vidro: para os profissionais de educação, as salas são barulhentas

ENTREVISTA: OSCAR NIEMEYER

'Uma aula não precisa ser ministrada aos berros'

• Embora tenha concordado em fazer adaptações ao projeto original dos Cieps, o arquiteto Oscar Niemeyer, de 98 anos, critica as reformas realizadas à sua revelia em algumas escolas, como o levantamento das paredes das salas. Numa entrevista por escrito, ele falou sobre os 21 anos dos Cieps.

O GLOBO: *Como descreve o Ciep em relação às suas outras obras?*
OSCAR NIEMEYER: Sob o prisma arquitetônico, o Ciep deveria ter características tais que ficasse na memória dos que o vissem pela primeira vez. O Ciep é uma obra menor que elaborei com muito carinho, considerando a sua importância para a vida deste país, onde o ensino fundamental é tão precário.

• *Em alguns Cieps as diretoras mandaram subir as paredes das salas de aula. Alegaram que as salas eram barulhentas. Como o senhor encara essas e outras adaptações?*
NIEMEYER: É um desrespeito ao trabalho alheio que me repugna comentar. Mas o problema existe. Ou as aberturas previstas resolviam o problema da ventilação, ou o ambiente das salas ficaria insuportável. Uma aula não precisa ser ministrada aos berros; ter de falar mais baixo pode assumir um sentido educacional até desejável. Dou um exemplo: quando projetei a sede da Editora Mondadori, em Milão, propus que as divisões internas tivessem todas menos de dois metros de altura. Argumentaram que os italianos gesticulam muito e falam alto; o meu projeto foi feito e, hoje, passados uns 20 anos, todos se adaptaram e nada foi prejudicado.

• *Existem Cieps abandonados e crianças vizinhas fora da escola. Como se sente sabendo disso?*
NIEMEYER: Com tristeza. A que ponto chegaram a insensibilidade e a imoralidade administrativas neste país!

• *Como o senhor vê hoje, 21 anos depois, o programa dos Cieps?*
NIEMEYER: Como Brizola e Darcy, agrada-me lembrar este trabalho tão útil para o Rio, compreendendo um programa ainda hoje de extrema relevância sócio-educativa. ■

• HISTÓRIAS DE EX-ALUNOS *na página 16*

[118] MEIAS PAREDES
Entrevista a Oscar Niemeyer para o jornal *O Globo*

Os CIEPs queriam ser espaços centrais nas comunidades onde se inseriam. Embora reconheçamos a época em que se situam e as vantagens, ainda atuais, da pré-fabricação, a realização de um projeto único e praticamente inflexível em diferentes contextos urbanos acaba por ignorar as particularidades de cada local. Este é um típico gesto moderno: privilegiar a repetição, a eficiência, a funcionalidade, a racionalidade, etc. levando, em certos casos, à perda de identidade e diversidade dos espaços urbanos. Cada lugar é um lugar, com características únicas, envolventes específicas e comunidades distintas. Assim, mesmo que haja um princípio condutor de projeto, é fundamental reconhecer estas diferenças, evitando impor espaços genéricos e desconectados da realidade.

Mais uma vez se sublinha a importância de realmente conhecer o território onde se vai intervir, através de estudos e do diálogo com a população local, tanto numa tentativa de melhor dar resposta às necessidades reais como reforçando o sentimento de pertença das comunidades. Nesse sentido, trazemos a título de exemplo os **Centros Unificados de Educação** (CEUs)[142], em São Paulo, que seguem uma proposta pedagógica e formal muito semelhante à dos CIEPs, inspirando-se também nos ideais de Anísio Teixeira, mas que, a nosso ver, se adaptaram de melhor forma à realidade onde se inseriam. Achamos este exemplo pertinente também pelas similitudes sociais, culturais e económicas, entre ambas as cidades.

142 Para mais detalhes sobre o tema, ler: PEREZ, Maria A. 2018. e MASCARENHAS, Marisa P. 2005.







[119] CIEP JOSÉ PEDRO VARELA
Centro.
Ismar Ingber. 2015.

[120] CIEP ESTHER BOTELHO
Niterói.
s/d. s/a.

[121] CIEP COMPACTO
Maricá.
Luca Atalla. 2015.

Implantados pela primeira vez em 2002, são o resultado da reflexão e desenvolvimento de diversas teses sobre a educação no Brasil. Assim como os CIEPs, promovem uma educação integral, "democrática, emancipatória, humanizadora e com qualidade social",[143] aliada à cultura, ao desporto, ao lazer e à recreação, e contribuindo para a valorização e ampliação dos conhecimentos locais e da comunidade em redor, sendo socialmente importante para todas as faixas etárias.

A equipa destacada para o projeto arquitetónico, formada por técnicos, arquitetos e engenheiros,[144] pretendia concretizar este ideal em parceria com a ideia de *construção coletiva do lugar.*

> "Desde o projeto, a escolha de terreno, a construção, a escolha da gestão – tudo é visceralmente ligado à noção de apropriação social do espaço, de pertencimento e mobilização social."[145]

> "Enfatizamos a necessidade de se estimular a construção do sentimento de pertença, para que o CEU fosse visto como um território de inclusão promotor da melhoria da qualidade de vida, do desenvolvimento humano, do exercício da cidadania, entre outros. A construção desse sentimento de pertença em relação ao seu local de vivência cria uma relação de identidade sociocultural do indivíduo com diferentes grupos que interagem nesse espaço que denominamos território."[146]

O projeto constitui-se também de três volumes com funções distintas, que se vão adaptando ao território onde se inserem e formando diversas composições. Não se trata, por isso, de uma "tábula rasa" como no caso dos CIEPs, que procuravam ou impunham um lugar plano para se instalarem. Para além disso, as implantações dos projetos eram acompanhadas da inserção de infraestrutura viária e saneamento básico nas suas imediações, de forma a complementar o projeto e melhorando as áreas mais pobres de São Paulo.

> "Esses partidos não se limitam a uma ação no campo do objeto e buscam identificar e transformar a situação territorial da área onde eles se instalam. Dialogam diretamente com as características geomorfológicas, tais como morros, várzeas e os cursos d'água que constituem o que resta de natureza nos terrenos escolhidos."[147]

Contudo, tanto os CIEPs quanto os CEUs apresentam-nos um mesmo problema: a sua dimensão excessiva. A grande escala dos conjuntos é muitas vezes desajustada dos contextos onde se inserem, dificultando a existência de um ambiente acolhedor e de proximidade entre estes e os alunos, professores e famílias. Além disso, a manutenção de grandes complexos, assim como a gestão dos mesmos, exige um investimento contínuo, uma preocupação e um olhar constantes que nem sempre são garantidos, levando à deterioração rápida e ao mau funcionamento de muitas unidades.[148] Embora haja uma visão de descentralização e democratização em ambos os projetos, a aposta em grandes estruturas leva a problemas operacionais, de sustentabilidade e de integração efetiva nas dinâmicas urbanas e sociais das comunidades que pretendem servir.

[143] "Centros Educacionais Unificados – CEUs" (https://ceu.sme.prefeitura.sp.gov.br/sobre/).

[144] Pertencentes ao Departamento de Edificações (EDIF) da Secretaria Municipal de Infraestrutura Urbana e Obras (SIURB) da Prefeitura do Município de São Paulo (PMSP).

[145] MEKARI, Danilo. 2018. Excerto de entrevista a Alexandre Delijaicov.

[146] PEREZ, Maria A. 2018. P57.

[147] ANELLI, Renato. 2004.

[148] CAVALIERI, Ana M; COELHO, Lígia M. 2003. P158-159.





[122] CEU
São Paulo.

[123] CEU CANTOS DO AMANHECER
São Paulo.
Gustavo M. 2013.

[124] [125] CEU JOSÉ ANCHIETA
Território (antes e depois). São Paulo.

[126] TÉNIS SOCIAL
CEU Casa Blanca

[127] PISCINA ABERTA
CEU Casa Blanca

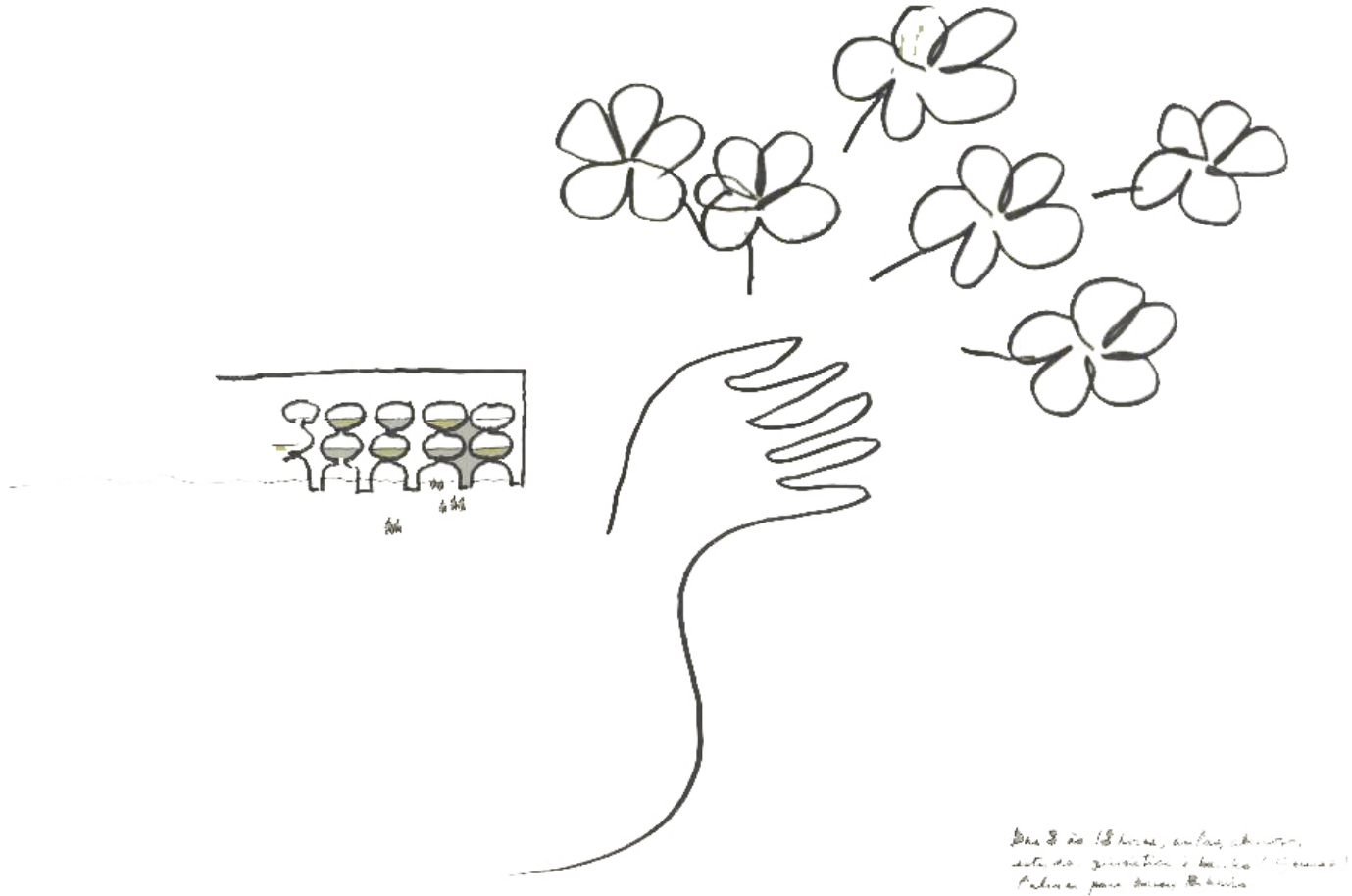












[128] CIEP GUSTAVO CAPANEMA
Pintura durante um evento.
Rosilene Miliotti. 2023.

[129] *CROQUI* CIEP
Oscar Niemeyer. 1984.

Uma escola é, em essência, caracterizada por aquilo que ocorre dentro das suas paredes: a consistência do projeto pedagógico, a qualidade dos professores e restantes auxiliares, a relação destes com os alunos e com as suas famílias. Estes elementos são fundamentais para criar um ambiente acolhedor e de suporte para os alunos. Assim, e apesar de não pretenderem ser só escolas, todos os fatores mencionados anteriormente – a dimensão excessiva do projeto arquitetónico e dos espaços, a sua massificação pela cidade e restante Estado, o financiamento e manutenção dos edifícios, etc. – podem ter impacto direto nesses elementos, comprometendo a qualidade, o acolhimento e o sentido de pertença que a proposta almejava, tanto para as crianças quanto para a restante comunidade.

Embora o projeto dos CIEPs tenha revelado algumas inconsistências, reconhecemos que estes foram um passo na direção da descentralização e democratização do acesso à educação e à cultura no Rio de Janeiro. Sendo um exemplo tangível das limitações do movimento moderno na arquitetura, que por vezes propõe uma solução universal para problemas complexos e profundamente enraizados, é inegável que houve uma tentativa de oferecer às classes populares as mesmas condições e oportunidades que estavam geralmente reservadas às classes mais favorecidas. Estes espaços marcaram uma posição na longa história de parceria entre educadores e arquitetos no desenvolvimento de propostas que visam enfrentar as desigualdades no processo de urbanização das cidades, usando a arquitetura como dispositivo de transformação social.

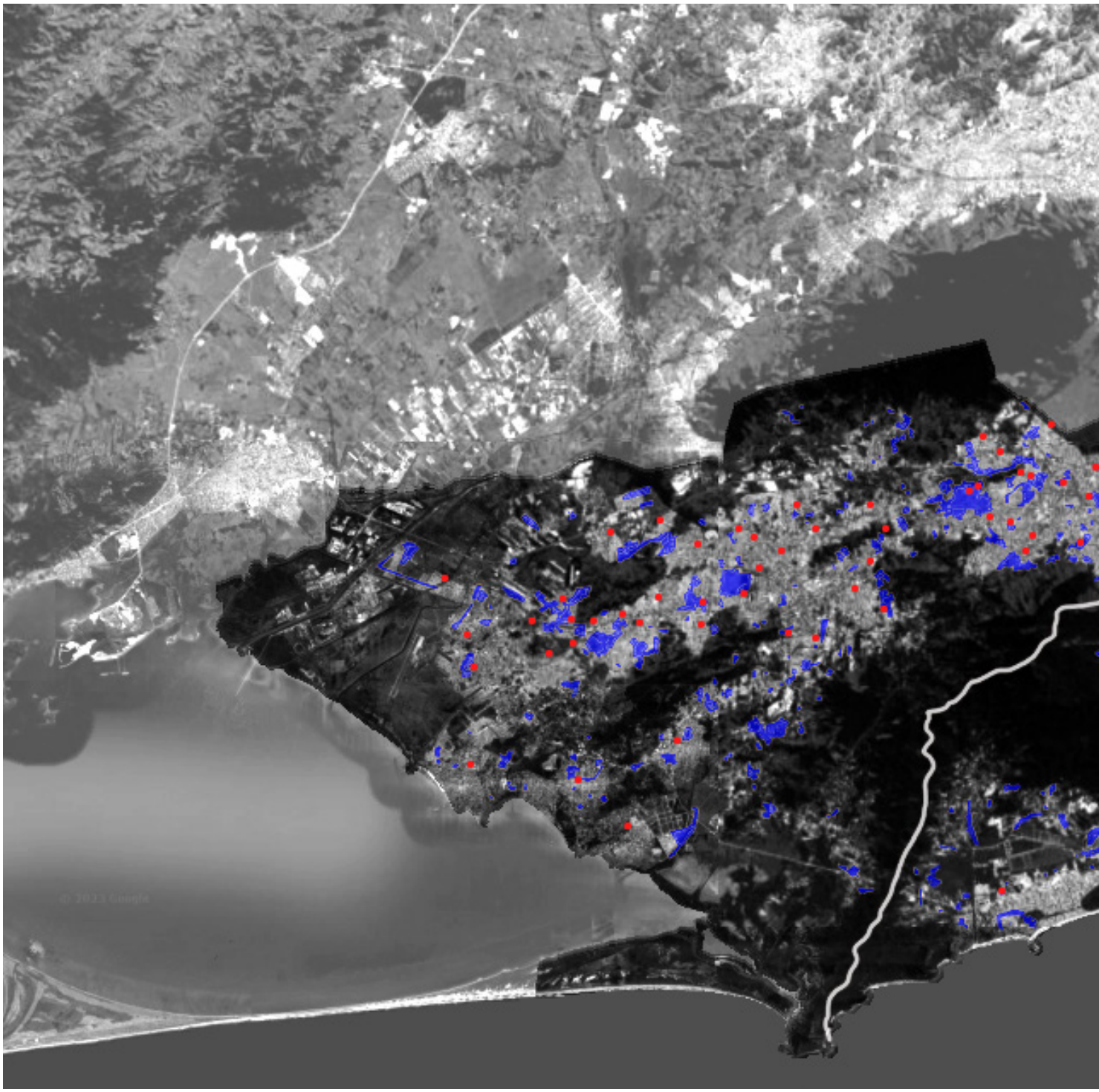
Consideramos que a premissa base dos CIEPs continua a ser relevante atualmente; porém, acreditamos que a forma como estes ideais são implementados podem, e devem, ser repensados à luz das necessidades e desafios dos dias de hoje. E, como em qualquer grande projeto social, necessitam ser continuamente reavaliados e ajustados para garantir que cumprem o seu propósito da maneira mais inclusiva e eficaz.

Por fim, retoma-se a pertinência de evitar que projetos desta natureza, com potencial para reestruturar social e espacialmente territórios marginalizados, sejam abandonados devido à instabilidade política ou à falta de continuidade administrativa. Quando iniciativas como a dos CIEPs não são integradas de forma permanente e estruturada nas políticas públicas, tornando-se vulneráveis às mudanças de governo, os resultados obtidos ficam comprometidos, perpetuando ciclos de desigualdade e exclusão, deixando a cidade refém de um planeamento fragmentado.

> "Se projetos como esse, bem sucedidos na estruturação social e urbana das periferias, forem abandonados ao sabor dos resultados das urnas, estaremos condenando a cidade ao planejamento de curto prazo, o exato tempo entre uma eleição e outra."[149]

[149] ANELLI, Renato. 2004.

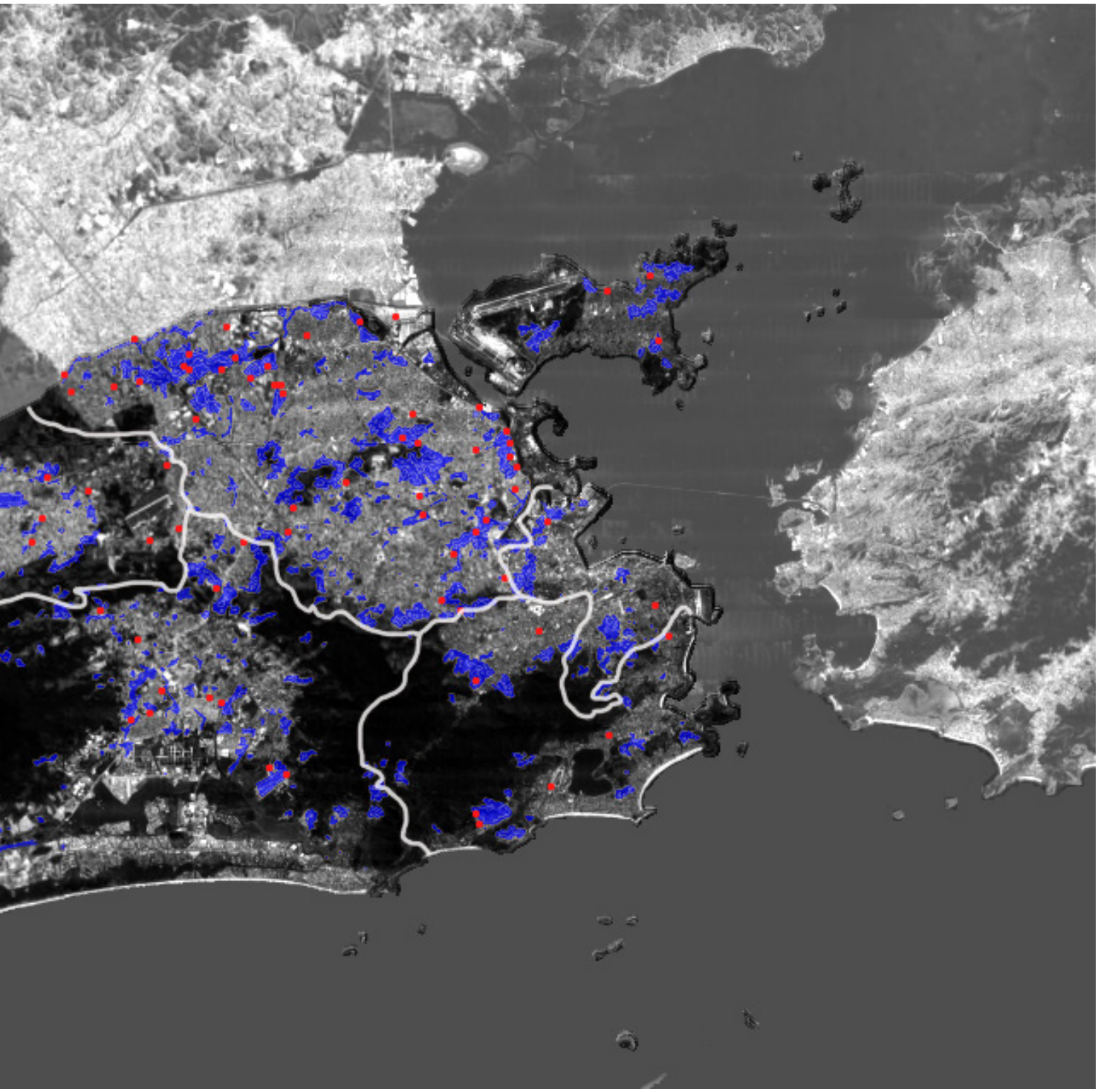
"Nesse diálogo complexo entre forma e conteúdo, baixar os muros e abrir os portões da escola para a comunidade não apenas expande o espaço educativo para a cidade: também contribui para transformar a cidade num lugar mais igualitário. Um ambiente escolar harmonizado com o território onde está inserido potencializa suas práticas, aproxima novas pessoas do processo pedagógico e rompe com a divisão estabelecida entre escola e território." (MEKARI, Danilo. 2018.)



[130] IMPLEMENTAÇÃO DOS CIEPS

Cidade do Rio de Janeiro.

- CIEPs
- Periferias



0 10KM

“A afirmação artística e estética positiva dos territórios populares, a nosso ver, caminha em consonância com a ampliação dos significados mais democráticos sobre a cidade e os seus sujeitos, e multiplicam as formas de comunicação destes sentidos.”

(SANTOS, Jean; SILVA, Isabela. 2020. P74.)

Galpão Bela Maré

Idealizado para se tornar parte de Nova Holanda, uma das 16 favelas que constitui o maior complexo de favelas da capital fluminense – o Complexo da Maré –, nasce o **Galpão Bela Maré**.[150] Esta iniciativa parte do *Observatório de Favelas do Rio de Janeiro*, uma organização não governamental dedicada à produção de conhecimento real e ao desenvolvimento de políticas públicas através de diversos projetos, entre os quais, este centro cultural.[151] Em parceria com a produtora *Automatica,*[152] buscam construir um espaço que fomente e contribua de forma positiva para a descentralização, a democratização e a difusão da cultura, da arte e da educação na cidade do Rio de Janeiro.

> "No Bela trabalhamos a partir da perspectiva primeira de que o campo artístico e todas as suas camadas e possibilidades de produção, difusão, formação e mobilização são instrumentos de desenvolvimento político, econômico, social e territorial, confirmando o papel da arte como central na ampliação das possibilidades existenciais de múltiplos grupos sociais."[153]

Este projeto pretende desafiar hierarquias e romper barreiras presentes no campo das artes contemporâneas, erguendo-se para desconstruir e eliminar os estigmas e preconceitos que há muito recaem sobre as periferias e os seus habitantes. Assim, a escolha da Maré, enquanto sede do Galpão, é fundamental, na medida em que o projeto atua diretamente a partir de uma favela, procurando reconhecer os moradores periféricos enquanto cidadãos plenos de direitos e, dessa forma, superar a segregação vivida por estes. Ademais, a equipa responsável pelo projeto é composta, maioritariamente, por pessoas de origem popular, facto que se torna relevante para a concretização dos ideais defendidos, ao promover uma ligação mais estreita e um diálogo mais autêntico com as realidades periféricas vividas.[154]

Em conjunto com educadores, artistas, curadores e designers, o Bela Maré pretende ser, simultaneamente, um lugar de formação, criação, produção e difusão artística, construindo coletiva e colaborativamente um ambiente confortável e familiar através de interações, partilhas e aprendizagens. Desta forma, não se limita somente a ser um espaço expositivo, destacando-se enquanto projeto de educação expandida pelas artes; através de encontros e conversas, formações artísticas, cinema, festas e intervenções, etc., tanto no espaço interior como no exterior, buscam fortalecer a sua relação com o público. Um espaço que expande os seus limites e narrativas a partir da produção cultural.

> "Desde o início nos sentimos responsáveis por fazer dessa experimentação um processo pedagógico que pudesse formar esse território, formar esses públicos potenciais e efetivos do Galpão que surgia. E não formar no sentido de que a gente sabe que essas pessoas não sabem, mas de formar para construir junto com a gente. Como é que a arte pode mediar essas experiências educativas?"[155]

150 (https://www.belamare.org.br/.)

151 Procuram a construção de experiências que superem as desigualdades e fortaleçam a democracia a partir das periferias como territórios de potências e direitos dentro dos eixos Arte e Território, Políticas Urbanas, Direito à Vida e Segurança Pública, Comunicação e Educação.

152 (https://automatica.art.br/).
Empresa que desenvolve projetos culturais desde 2005, atuando na criação, produção, curadoria, gestão, coordenação e consultoria de exposições, programas educativos, publicações e outras atividades ligadas à produção artística.

153 SANTOS, Jean; SILVA, Isabela. 2020. P74.

154 SILVEIRA, Willian. 2011. Excerto de entrevista a Isabela Silva.

155 Idem ib.









[131] GALPÃO BELA MARÉ
Fachada principal. Rua Bittencourt Sampaio.
Thais Valencio. 2023.

[132] ENTRADA PRINCIPAL
Galpão Bela Maré. Rua Bittencourt Sampaio.
Gabi Carrera. 2017.

[133] SALÃO PRINCIPAL
Galpão Bela Maré (vista do lado da entrada).
Gabi Carrera. 2017.

[134] SALÃO PRINCIPAL
Galpão Bela Maré (vista contrária à entrada).
Gabi Carrera. 2017.





[135] OFICINA ARTÍSTICA
Galpão Bela Maré. 2020.

[136] MISTURAS
Galpão Bela Maré celebra 10 anos de existência com exposição *Misturas*.
Matheus Affonso. 2022.

[137] BIBLIOTECA
Galpão Bela Maré.







[138] BELA VERÃO
Programação do *Bela Verão*, 2024.

[139] ENCRUZILHADA
Instalação no Galpão Bela Maré.
Thais Valencio, 2023.

[140] CONVERSAS
Galpão Bela Maré.
Thais Valencio. 2023.



O lugar físico adotado para acolher o projeto era uma antiga fábrica já desativada, ainda repleta de máquinas e materiais industriais. A ideia inicial foi logo a de transformar o local para dar lugar às artes visuais: assim, e por não possuírem ainda recursos monetários suficientes para uma verdadeira reabilitação, transformam o espaço através de um *mutirão*. A velha fábrica, no coração da Maré, torna-se então novamente num espaço habitável, útil e socialmente relevante.

O Galpão é inaugurado em 2011, com a exposição *Travessias* cuja missão passava por realizar exposições de arte contemporânea na favela, mas também proporcionar debates, oficinas e atividades educativas, contando com a participação de diversos artistas nacionais. Esta "travessia", realizada agora de forma anual, ultrapassa a dimensão geográfica onde se expõe, "referindo-se também à amplitude e à diversidade das interlocuções que a arte pode travar com a sociedade."[156]

> "(...) a favela é lugar de arte. E da mesma arte que a sociedade está acostumada a ver nos museus e espaços culturais da cidade. Isso significa impactar diretamente a geografia da desigualdade do Rio de Janeiro. Trazer o Marcos Chaves[157] para o Galpão, na inauguração, foi muito simbólico por esse motivo. Se esse artista, que está presente em outros territórios da arte que ninguém pode questionar, também está presente na favela, então **criamos uma fissura na ideia de associar favela e periferia a local de pobreza, precariedade, falta de segurança e educação.** Uma ação como essa desmobiliza o imaginário de que a favela é o espaço em que as coisas faltam, e de que essa falta afasta a favela de pertencer à cidade como um todo."[158]

Agora, com mais parcerias e maior investimento, o Bela Maré tem espaço para melhorar. O **Atelier Évora** (Arquitetura e Projetos Especiais)[159], parceiro institucional e responsável pelo projeto arquitetónico, procura uma reabilitação responsável do espaço, aliando-se aos ideais da organização e das necessidades do público. Mantendo a sua simplicidade, o espaço sobressai pelos significados que carrega, pelo conceito que o move e pelo que contém. Uma fábrica reinterpretada à luz das artes, sem intervenções fortes que apaguem a sua identidade: o edifício permanece com características inerentes a um espaço industrial, permitindo uma abordagem flexível e possibilitando múltiplas configurações do espaço.

O salão principal é amplo e praticamente despojado, sendo ideal para acolher tanto exposições, conversas e oficinas quanto aulas artísticas, atuações ou festas. O seu único elemento fixo, para além de algumas paredes pré-existentes, é uma enorme estante-biblioteca, desenhada à medida pelos colaboradores. Esta estante, assim como alguns bancos, cadeiras e mesas, foram construídos pela própria equipa do Bela, muitos enquanto parte de *workshops* e oficinas e alguns baseados no livro "Autoprojeção?"[160] de Enzo Mari, que ensina como fazer móveis *fáceis de montar* utilizando tábuas e pregos pelas próprias maõs. No piso de cima, dois mezaninos com dimensões e a alturas distintas permitem-nos uma visão geral de todo o espaço. O espaço exterior, apesar de não ser muito grande, faz fronteira com a rua, tornando-se ele próprio um convite à entrada, atraindo quem não conhece a visitar o Galpão. Inclusive, nos dias de maior calor, pode-se ver uma pequena piscina insuflável e dezenas de crianças, que brincam com mangueiras e salpicam os transeuntes.

156 "Observatório de Favelas: relatório de atividade". 2017.

157 Marcos Chaves é um artista visual e arquiteto brasileiro. Trabalha principalmente com a fotografia e participou em diversas exposições internacionais. Para mais informações, ver: https://artrio.com/marketplace/artists/view/marcos-chaves.

158 SILVEIRA, Willian. 2011.
Excerto de entrevista a Isabela Silva.

159 (https://www.pedroevora.com/).

160 MARI, Enzo. 1974.
"Uma técnica pedagógica para ensinar qualquer um a olhar para a produção atual com um olhar crítico.
(Qualquer pessoa, exceto fábricas e comerciantes, pode utilizar estes desenhos para fabricar os seus próprios móveis).
O autor espera que a ideia perdure no futuro e pede a todos os que construírem os móveis, e em particular as suas variações, que enviem fotografias para seu atelier em 10 piazzale Baracca, 10 - 20123 Milão)."













[141] ANTIGA FÁBRICA
Galpão Bela Maré no momento de aquisição. 2011.

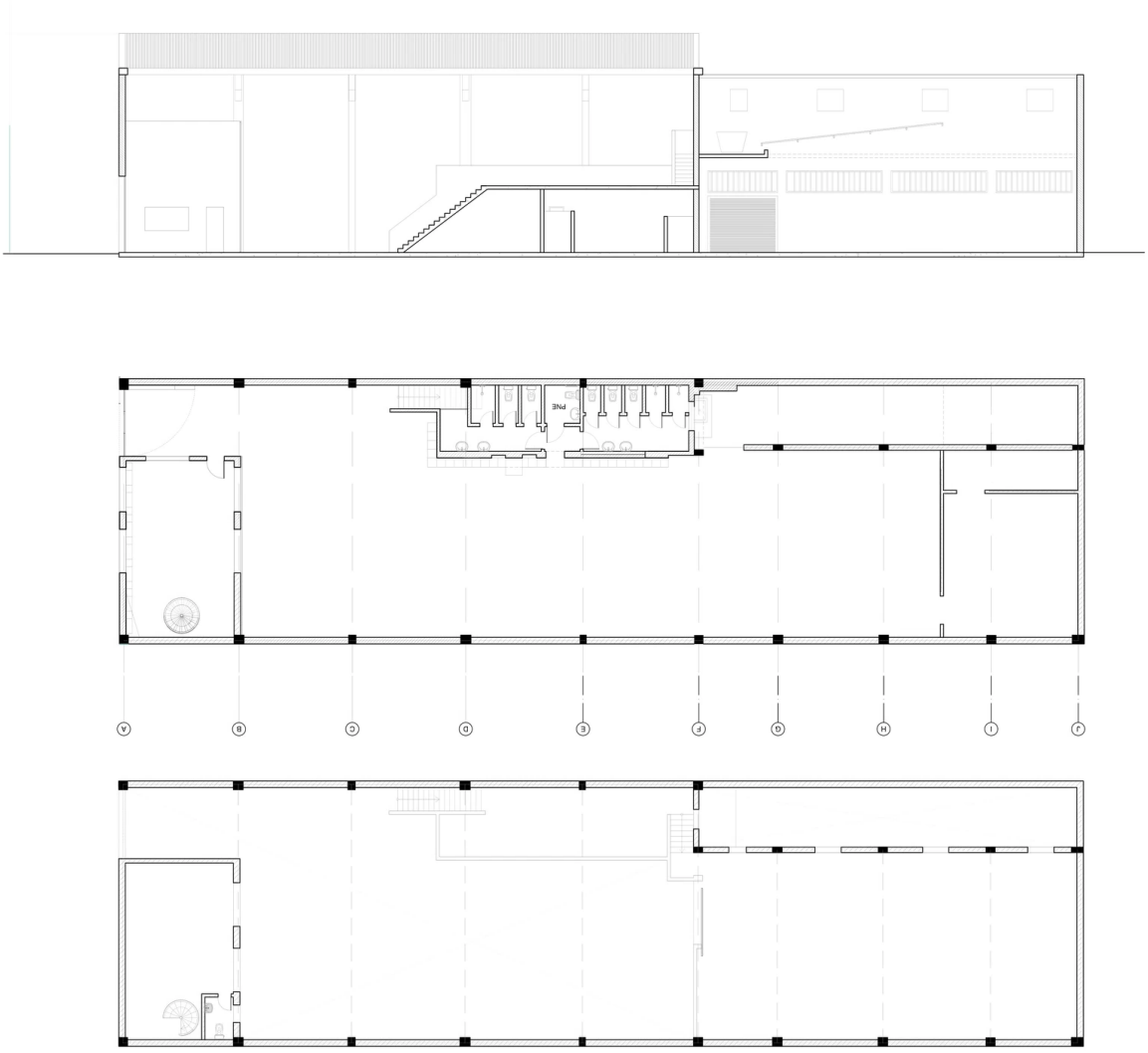
[142] GALPÃO
Galpão Bela Maré após reabilitação (Travessias 3).
Gabi Carrera. 2014.



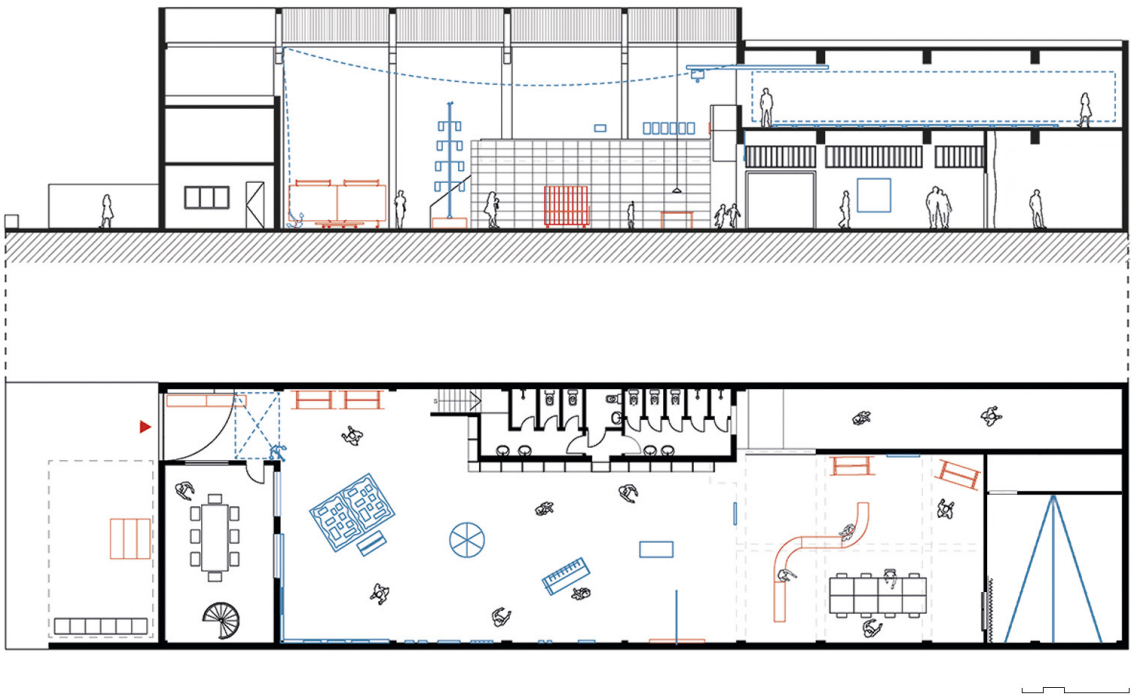
[143] [145] [147] INTERIOR ANTES
Galpão Bela Maré no momento de aquisição. 2011.

[144] [146] [148] INTERIOR DEPOIS
Galpão Bela Maré após reabilitação (Travessias 3).
Gabi Carrera. 2014.





[149] PLANTAS E CORTE LONGITUDINAL
Galpão Bela Maré.
Pedro Évora.



[150] EXEMPLO DE OCUPAÇÃO
Projeto de expografia para mostra "MISTURAS".
Galpão Bela Maré.
Grua Arquitetos. 2022.



A reabilitação do espaço vem sendo realizada ao longo dos anos, sempre dentro das possibilidades oferecidas pelos recursos obtidos através de parcerias, doações e algumas atividades promovidas. Aos poucos, o *galpão* foi ganhando forma como centro cultural, capaz de acolher diferentes públicos e eventos. Com a criação da *Escola Livre de Artes* (ELÃ)[161], a necessidade de ampliar o espaço tornou-se ainda mais evidente. Assim, em 2022, foi lançada uma campanha de arrecadação de fundos para viabilizar a obra.

> "Desenvolvemos um projeto e uma campanha que chamamos de *Bela Laje*, onde o foco era a construção de um novo pavimento para abrigar as atividades da escola e a construção de um cinema no térreo."[162]

Em novembro de 2024, após muito tempo fechado para obras, foi inaugurado o Cine Bela 1,[163] "(...) o primeiro cinema gratuito numa favela carioca, oferecendo conforto e qualidade comparáveis às melhores salas da cidade."[164]

Atualmente, o atelier procura trazer cada vez mais conforto aos colaboradores e restantes utilizadores, sem que as alterações propostas sobrecarreguem o espaço. Numa atitude respeitadora, que valoriza a história do lugar e permite que esta continue a ser narrada através da sua nova função, demonstram que a inovação habita muitas vezes na capacidade de reconhecer o valor daquilo que já existe.[165]





[161] A ELÃ é uma experiência artístico-pedagógica que promove um espaço de criação e reflexão estética e política, incentivando a produção artística contemporânea entre jovens artistas de favelas e periferias, através de turmas temáticas. Para mais informação, ver: https://www.belamare.org.br/ela/.

[162] Reforma do Galpão Bela Maré em: < https://www.youtube.com/watch?v=kblQDPw5CRE>.

[163] Texto sobre o Galpão Bela Maré fornecido pelo próprio Atelier Évora. Disponível nos anexos.

[164] Idem.

[165] "Não é um projeto de preservação nem uma nova arquitetura. Trata-se de respeito por aquilo que aqui esteve."
SHAW, Catherine. 2015. Excerto de entrevista a Rem Koolhas.

Adicionalmente, o próprio atelier de arquitetura contribui artisticamente nas atividades promovidas, participando no *Travessias* através do "Modelo Vivo da Maré": uma maquete em metamorfose constante, feita de pequenos blocos de madeira, que cresce a cada ano que passa pelas mãos de dezenas de estudantes e oficinas de arquitetura promovidas no próprio Galpão. Este Modelo discute a evolução urbana, representando a cidade a partir de Nova Holanda, convidando a um novo olhar sobre os espaços do Rio de Janeiro. Iniciado em 2013 com apenas 5m², hoje possui cerca de 80m² e representa quase na integra todos os territórios que compõem o bairro da Maré.

[151] TRAVESSIAS 3
Exposição no Galpão Bela Maré.
Gabi Carrera. 2014.

[152] CINEMA IMPROVISADO
Salão principal do Galpão Bela Maré.
Romulo Amorim

[153] CINE BELA 1
Galpão Bela Maré.
Pedro Évora. 2024.

Segundo o relatório anual feito pelo Observatório, em 2022 o Galpão Bela Maré alcançou mais de 13 mil pessoas através de 3 exposições, 19 atividades online, 249 atividades artístico-pedagógicas e 15 atividades curatoriais.[166] Além de abrigar a ELÃ a tempo inteiro, o espaço realizou um curso de história da arte periférica, em parceria com o SESC Rio,[167] e fez parte do "Vou Fazer Arte – Reencantando as Ruas", uma formação cujo objetivo principal passava por aproximar jovens periféricos das artes visuais contemporâneas por meio de produção artística. Ao longo de todo o ano realizaram 22 atividades com tradução para linguagem gestual e organizaram a "Jornada de Acessibilidade Cultural", que contou com diversas oficinas, debates e atividades sobre acessibilidade no contexto das artes. Afirmam que o "ponto alto" foi conseguirem selecionar 12 artistas, coletivas, performers e pesquisadores, via chamada pública, para participarem da *MIOLO*,[168] uma performance realizada no espaço exterior e entorno do Galpão.

166 Disponível em: "Transparência" (https://observatoriodefavelas.org.br/transparencia/).

167 (https://www.sescrio.org.br/).

168 (https://observatoriodefavelas.org.br/acervo/miolo-performances-e-territorialidades-na-mare/).

O Bela Maré coloca a favela e os seus moradores no mapa da cultura brasileira, recentrando o lugar da arte na cidade e mostrando como as periferias são também lugares férteis para a arte habitar. A panóplia de eventos e artistas apresentados são motivo pelo qual a cidade de desloca, física e simbolicamente, até Nova Holanda. Este movimento recupera o direito à cidade, à educação e ao lazer, tornando o espaço cultural coletivo um direito de todo o cidadão. O Galpão tornou-se território de encontro, troca, proposição, visibilidade e diálogo sobre as narrativas periféricas que compõe o Rio.

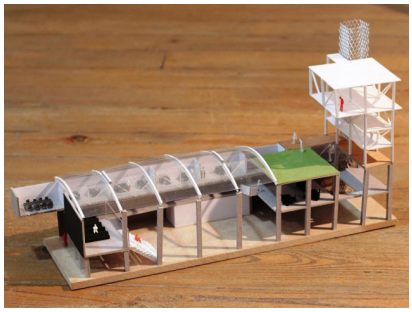
> "A construção de equipamentos culturais como o Bela Maré em territórios populares significa reconhecer os seus moradores como cidadãos com plenos direitos, afastando-os dos juízos que os estigmatizam ou criminalizam. O Bela quer trabalhar em sintonia com o mundo contemporâneo, onde o campo artístico é um instrumento de desenvolvimento econômico, social e territorial, confirmando o papel da arte como central na ampliação das possibilidades existenciais de múltiplos grupos sociais."[169]

169 "Observatório de Favelas: relatório de atividade." 2017.

[154] MODELO VIVO
Começo do Modelo.
Pedro Évora. 2013.

[155] MAQUETE EXPERIMENTAL
Galpão Bela Maré.
Pedro Évora. 2011.











[156] [158] [159] MODELO VIVO
Modelo em exposição.
Pedro Évora. 2013.

[157] GALPÃO BELA MARÉ
Galpão Bela Maré.
Pedro Évora. 2011.







[160] PISCINA PORTÁTIL
Piscina montada no espaço exterior do Galpão Bela Maré.
Ramon Vellasco. 2024.

[161] INSTALAÇÃO TEMPORÁRIA
Galpão Bela Maré.
Grua Arquitetos. 2022.

[162] TRAVESSIAS 3
Exposição no Galpão Bela Maré.
Gabi Carrera. 2014.

[163] CONVERSAS
Galpão Bela Maré.
Douglas Lopes. 2022.





O principal objetivo do Bela Maré é ser um ponto de referência, um espaço experimental e democrático, de convivência e partilha, que busca desenvolver um conjunto de práticas culturais não apenas como um ato de se expressar artisticamente, mas como um ato político. Não é apenas um espaço de exposição, mas um território de resistência e de celebração da diversidade cultural, onde as vozes marginalizadas encontram espaço para se expressar e para questionar as estruturas de poder estabelecidas. Um projeto que se destaca enquanto exemplo de como a arte, a cultura e a educação podem ser usadas como ferramentas de transformação social, contribuindo para a construção de uma cidade mais inclusiva e representativa de todas as suas partes.

> "A partir de onde olhamos, consideramos que as nossas práticas curatoriais e educativas contribuem efetivamente com esta tarefa de repensar, reimaginar, renarrar a(s) cidade(s), seus/sujeitos/as e seus conceitos, apontando para pluralidades que nos identificam com a diversidade de que somos de fato compostos/as."[170]

[170] SANTOS, Jean; SILVA, Isabela. 2020. P83.

O próprio espaço do Galpão reflete esta intenção, evoluindo à medida que novas questões despontam. E o envolvimento do escritório além do campo arquitetónico, estendendo-se à arte, evidencia a importância de uma abordagem integrada e comprometida na construção de um lugar mais atento, sensível e cuidado.

> "Daqui a 10 anos, eu quero que a gente continue respondendo ao que acontece no dia a dia, respondendo ao nosso tempo, às demandas do Rio de Janeiro, do Brasil e do mundo. Quero que, de certa forma, a gente viva o Galpão de acordo com a cidade e de acordo com a necessidade dos artistas."[171]

[171] SILVEIRA, Willian. 2011. Excerto de entrevista a Luiza Mello.

"Moacir dos Anjos, curador do Travessias 5, trouxe uma bonita reflexão sobre as instituições de arte: elas devem ser fortes, em termos estruturais, em termos das pessoas que trabalham; devem se fortalecer na sua missão, no seu poder de interlocução com os diversos agentes que estão para além dela, nas suas discussões/relações com artistas, curadores, parceiros, fornecedores etc.; se fortalecer na sua capacidade de falar para a sociedade, porque só assim podem se fragilizar frente às necessidades que estão fora dela. Mas, para além de um elogio da força, Moacir nos lembra que uma instituição também deve ser frágil, no sentido de que ela não pode ser rígida para dizer: "Isso aqui não pode, isso aqui não cabe." Ela tem de ser frágil para ser porosa em relação ao que está além dela, para entender o que está se passando no mundo e tentar estabelecer um diálogo com ele. Trazer para dentro dela e nela fazer as coisas que estão no mundo, conclui Moacir, desejando que o Bela seja forte para ser frágil."[172]

[172] "Misturas: Galpão Bela Maré". 2022. P8.

O espaço do Bela Maré corporifica uma ideia, uma vontade, uma mudança. Um espaço forte que, embora discreto na sua forma, tem o poder de fazer a diferença, abrindo caminho para resistir ao esquecimento. A sua fragilidade, neste caso, reside na sua capacidade de abertura à novidade e à diferença, aceitando e integrando cada participante sem impor barreiras ou preconceitos. Neste sentido, acreditamos que o Galpão Bela Maré, de facto, é forte para ser frágil.



[164] [165] [166] DENTRO DA MARÉ
Galpão Bela Maré inserido em Nova Holanda
Google Maps, 2024.




3D
Imagens ©2025 Google,Dados do mapa ©2025
Portugal
Termos
Privacidade
Enviar feedback do produto
100 m


BELA MARÉ



[167] UM CIEP NA MARÉ
Uma maquete de um CIEP da Maré dentro do *Modelo Vivo*.

(des)semelhanças

Embora não seja propriamente possível comparar os dois casos apresentados, dadas as diferenças de época, contexto, investimento e escala, consideramos importante refletir sobre ambos, em conjunto. Apesar de divergirem consideravelmente na forma como se materializam, influenciando assim o impacto que cada um tem nos territórios onde se inserem, convergem num mesmo objetivo: enfrentar e atenuar espacialmente as disparidades sociais presentes na cidade do Rio de Janeiro, democratizando e descentralizando o acesso à educação e à cultura.

Como percebemos anteriormente, os CIEPs tentaram implementar este ideal de forma massiva, priorizando, por isso, a eficiência e rapidez de construção. Porém, ao adotar uma solução arquitetónica genérica e repetida por toda a cidade, a proposta demonstrou não ser a mais eficaz, pois diferentes contextos sociais e urbanos, ainda que ténues, influenciam sempre um projeto. Para além disso, a grande dimensão do conjunto criou uma espécie de fronteira entre o espaço e os seus utilizadores, acabando por não se integrar da melhor forma na maioria dos territórios. Este primeiro caso de estudo, ao tentar responder a problemas complexos com uma abordagem única, desconsidera a multiplicidade de fatores que perpetuam a segregação socioespacial na cidade.

Por outro lado, o Galpão Bela Maré emerge como um projeto pontual, específico e sensível ao contexto que integra. A sua menor escala permite uma abordagem mais precisa e a sua construção ao longo do tempo, ainda que maioritariamente por razões monetárias, permite que o projeto dialogue e atue consoante as demandas da comunidade envolvente. Contudo, embora a sua atuação seja bastante eficaz na proximidade, este segundo caso de estudo não abrange a cidade num todo, atacando o problema somente em uma das suas múltiplas frentes.

A partir desta análise, compreendemos que estudar e refletir sobre este tipo de casos permite-nos chegar a respostas cada vez melhores. Ao identificar o que resulta, articulando sempre este conhecimento à pesquisa local e ao diálogo com a população, torna-se possível desenvolver abordagens mais equilibradas para a construção de uma cidade mais justa, inclusiva e atenta às reais necessidades dos seus cidadãos. Reconhecendo as qualidades e limitações de cada exemplo, torna-se evidente que, apesar de distintos, ambos os projetos se apresentam como elementos de transformação social e urbana, buscando compensar carências históricas nas regiões onde se inserem. Assim, numa simbiose entre os dois exemplos, aliando a implementação ideológica a larga escala dos CIEPs com a flexibilidade e sensibilidade contextual do Galpão, poderíamos talvez caminhar em direção a soluções mais ajustadas e eficazes.

REFLEXÕES FINAIS

Esta dissertação, que nasceu de uma vontade pessoal, rapidamente se transformou em algo mais profundo e consciente. Ao longo da investigação, fui compreendendo que a cidade do Rio de Janeiro é imensamente complexa. A sua realidade vai muito além da magia e da imagem turística amplamente difundida, não podendo também ser reduzida à narrativa de perigo e criminalidade que tantas vezes a acompanha.

Aquela que é celebrada como a *cidade maravilhosa*, não o é para todos: os dias de sol, praia e calor, ou da vida descontraída levada pelos cariocas, não reflete a realidade de muitos. Essa verdade é que grande parte da população permanece à margem – dos direitos, do acesso às coisas comuns, ao trabalho, aos transportes, ao lazer, etc.. Vivendo em territórios segregados, onde as oportunidade são limitadas e onde o resto da cidade parece distante, apesar de tão próxima, esta fatia da população vai permanecendo à margem do Rio.

Reconhecer que a *urbanização periférica* não é uma exceção à regra nesta cidade, mas uma forma muito comum e legítima de produção do espaço urbano, é primordial. Trata-se de uma resposta da população marginalizada às ausências do poder público, uma construção que emerge da sua necessidade, resistência e criatividade. Por isso, não podem ser vistas como um problema, mas como territórios de inovação social e urbana, elementos essenciais na construção da identidade carioca. Desconstruir a ideia de periferia como um lugar de ausência, de carência, é o primeiro passo para que estas possam, de facto, pertencer à cidade.

> "Não conseguir ver na favela mais do que a precariedade, a insalubridade e os riscos do crime é não permitir que a favela seja mais do que isso. Assim, há o incômodo da favela como lugar de desejo, subjetividade, afeto, complexidade, criação e criatividade – e não exclusivamente como espaço de resistência e sobrevivência."[173]

[173] ANJOS, Ana C.; CASTILHO, Amanda; SANTOS, Amália. 2023.

O Rio de Janeiro não é um caso isolado. Muitas outras cidades, países inteiros até, são marcados por este tipo de urbanização. E uma solução realista para que estas cidades sejam mais equitativas para todos os seus habitantes não passa por eliminar estes territórios, numa tentativa falsa de *erradicar a pobreza*, mas passa por mitigar as desigualdades e a segregação que estas populações enfrentam há décadas. Para isso, é preciso valorizar as suas especificidades e reconhecer a sua autenticidade, promovendo políticas, projetos, iniciativas e intervenções públicas mais eficazes que coloquem as periferias no mesmo patamar de importância que o da restante cidade. Integrar a própria população nos processos de diagnóstico, planeamento e execução dessas intervenções é fundamental, pois não existe uma *fórmula* de intervenção para estas áreas: cada periferia tem as suas particularidades, e o que pode ser benéfico para uma pode não ter qualquer aplicabilidade noutra, mudando também isso com o tempo.

Por isso, também o tempo é um fator determinante: as políticas e projetos não podem ser estanques, mas também não podem ser interrompidos abruptamente a cada mudança de governo, comprometendo os avanços conquistados (como se notou acontecer historicamente, tanto nas políticas de urbanização de favelas referidas quanto no caso dos CIEPs). É, no entanto, crucial que as decisões e critérios que orientam estas intervenções sejam continuamente revistas, refletindo-se sobre o que foi feito, avaliando os pontos positivos e negativos, adaptando-se às novas necessidades e desafios e, assim, garantir que a mudança seja um processo dinâmico e sustentável a longo prazo.

E os arquitetos não podem permanecer alheios a estas questões: a arquitetura deve estar ativamente envolvida neste processo. Mais do que uma disciplina técnica ou estética, a arquitetura deve ser encarada como um serviço que tem um papel fundamental na construção de uma cidade mais una. Um dispositivo que pode fornecer as ferramentas necessárias para quebrar uma sociedade desigual. É necessário articular as políticas urbanas com a integração social, garantindo que o espaço construído contribua para reduzir, e não reforçar, as desigualdades. Projetar e construir ignorando a realidade social não é opção, sobretudo quando a cidade é um direito de todos. É preciso promover um ambiente urbano que ofereça oportunidades mais justas, minimizando os privilégios de alguns em detrimento de outros. Permanecer indiferente a soluções que aprofundam a segregação significa, inevitavelmente, ser cúmplice do problema.

> "Certamente que não está nas nossas mãos a harmonia das famílias ou a felicidade dos homens. Mas pode estar nelas, se forem descuidadas, inábeis ou menos corajosas, grandes somas, aterradoras somas de infelicidade e sofrimento. É uma tremenda responsabilidade de que nem sempre teremos tido a nítida consciência."[174]

[174] PEREIRA, Nuno T. 1996. P37.

Conclui-se que, apesar de todas as intervenções a que estiveram sujeitas, as favelas e restantes periferias da cidade são, ainda hoje, periféricas. Os seus moradores são, ainda hoje, postos de lado, segregados e privados de direitos básicos, sendo precário o acesso a espaços, serviços e bens comuns de uma maneira geral. Não se pode afirmar que o Estado esteja ausente das periferias, mas as suas ações são muitas vezes insuficientes ou fora de contexto, acabando por reforçar aquilo que dizem querer combater. Assim, as iniciativas particulares e a insurgência e mobilização popular continuam a ser a melhor estratégia para conquistar o direito à cidade, reivindicando uma inclusão que, ainda hoje, lhes tem sido negada.

Reforçamos que tanto as políticas de urbanização de favelas quanto os dois equipamentos explorados são meros exemplos de uma vasta panóplia de intervenções semelhantes na cidade do Rio de Janeiro. Cada uma dessas iniciativas, com os seus sucessos e limitações, reflete as diferentes abordagens para enfrentar a segregação espacial e mitigar desigualdades históricas. Ao analisá-las criticamente, compreendemos os desafios inerentes a cada processo, o que defendem e como, por vezes, algumas se disfarçam de soluções que não são. Reconhecemos também o potencial de cada iniciativa e de que forma poderiam ter sido mais eficazes, mais enraizadas no contexto e verdadeiramente comprometidas com as necessidades locais.

A arquitetura tem, sem dúvida, o poder de questionar e desafiar a segregação socio espacial, mas não pode, por si só, desfazer as desigualdades estruturais de uma sociedade. Apenas através de uma abordagem multidisciplinar a cidade poderá deixar de perpeturar barreiras para passar a criar possibilidades. E por isso, é necessário articular políticas públicas consistentes, continuidade nas ações, investimento social e, sobretudo, reconhecer e envolver ativamente a população nos processos de transformação. Só assim o espaço urbano deixará de ser um reflexo da exclusão para se tornar um território de encontros, oportunidades e pertença.

> “Mantenho a convicção de que só profundas mudanças sociais na estrutura política em que vivemos poderão fazer com que a nossa arquitetura encontre equilíbrio entre a forma e o conteúdo, entre a beleza e a finalidade.”[175]

175 ARTIGAS, Vilanova. 2004. P195.

“Meus jovens colegas. (...) Vós sois os dignos herdeiros dessas valiosas qualidades e honrosas tradições. Está agora em vossas mãos preservá-las e desenvolvê-las, através de um trabalho honesto, da infatigável procura da verdade, da subordinação constante dos interesses individuais aos interesses mais gerais da sociedade em que vivemos.

Jovens arquitetos. Ao saírdes da vossa querida faculdade para enfrentar a vida profissional, tão cheia de lutas mas ao mesmo tempo tão fértil em alegrias e estímulos de trabalho e criador, abrem-se diante de vós as avenidas de um futuro radioso e feliz ponto tendo a certeza de que o vosso futuro se confunde com o do nosso povo e da nossa pátria – o futuro de progresso e de felicidade.”

(“Aos formandos da FAUUSP”. Discurso de 1955.
Em: ARTIGAS, Vilanova. 2004. P63.)

AGRADECIMENTOS

Chegamos então ao fim deste percurso. Um caminho que nunca foi solitário, só sendo possível percorrer ao lado de diversas pessoas, que me impulsionaram nos momentos de dúvida.

Aos meus pais, o meu porto seguro, por nunca me negarem nenhuma experiência e por me darem o mundo como campo de aprendizagem. À minha família, por me ajudarem a ser quem sou e pelo amor, sempre.

Ao meu orientador, por aceitar embarcar nesta investigação comigo, pelas leituras, sugestões e pelo incentivo.

Ao Atelier Évora, por me acolher, mesmo que brevemente, deixando-me fazer parte de algo maior. Pela informação e ajuda que proporcionaram a este trabalho.

Aos do norte, por se transformarem tão rapidamente em lar, por partilharem comigo cada fase destes últimos anos e por me ensinarem tanto – sobre a vida, sobre o outro, sobre mim. Aos do sul, por me abraçarem sempre que voltava, como se nunca tivesse saído, e por serem refúgio quando precisei de parar. Aos do Rio, cariocas ou não, por me mostrarem que se pode ser muito feliz num lugar do outro lado do oceano. Pelas memórias, pelas experiências que me moldaram e por tudo o que partilharam comigo.

E, acima de tudo, aos do coração, que nunca precisaram de estar perto para estarem comigo. Pelo apoio, pela amizade e pelas palavras certas nos momentos incertos.

A todos os que, de alguma forma, fizeram parte deste percurso, o meu sincero obrigada. Esta dissertação pode ter o meu nome na capa, mas é, sem dúvida, uma construção coletiva.

BIBLIOGRAFIA

ALVITO, Marcos; ZALUAR, Alba. ***Um século de Favela***. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ARANTES, Pedro F. **"Pequenas Construções Literárias sobre Arquitectura: o lugar da arquitectura num «planeta de favelas»"** *opúsculo 11*. 2008.

ARTIGAS, Vilanova. ***Caminhos da Arquitetura***. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

AZEVEDO, Lena; FAULHABER, Lucas. ***SHM 2016: remoções no Rio de Janeiro Olímpico.*** Rio de Janeiro: Mórula, 2015.

BACHELARD, Gaston. ***A poética do espaço***. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BARBOSA, Jorge; DIAS, Caio. ***Solos Culturais***. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2013.

BARBOSA, Jorge; FAUSTINI, Marcus; SILVA, Jailson. ***O Novo Carioca***. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2012.

BARBOSA, Jorge; SILVA, Jailson. "**As favelas como territórios de reinvenção da cidade."** C*adernos do Desenvolvimento Fluminense*, nº1. 2013.

BORJA, Jordi; MUXI, Zaida. ***El espacio público:ciudad y ciudadanía***. Barcelona: Electa, 2003.

BRASILEIRO, Alice; DUARTE, Cristiane. **"O Favela-Bairro no Rio de Janeiro, início dos anos 90: o contexto de uma política habitacional municipal, os espaços de uso comunitário e a integração das favelas à cidade"** em DICKMAN, Ivo; DICKMAN, Ivanio. *A questão da habitação popular.* 79-97. Curitiba: Base Editorial, 2015.

CALDEIRA, Teresa. **"Peripheral urbanization: Autoconstruction, transversal logics, and politics in cities of the global south."** *Environment and Planning D: Society and Space*, Vol. 35(1), 3-20. 2017.

CALDEIRA, Teresa. ***Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo***. São Paulo: Editora 34 Ltda. / Edusp, 2000.

CALVINO, Italo. ***As Cidades Invisíveis***. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2015.

CARDOSO, Adauto; DENALDI, Rosana. ***Urbanização de favelas no Brasil: um balanço preliminar do PAC***. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018.

CARDOSO, Adauto; LUFT, Rosangela; XIMENES, Luciana. ***Urbanização de Favelas no Rio de Janeiro.*** Rio de Janeiro: Letra Capital, 2023.

CAVALIERI, Ana M; COELHO, Lígia M. **"Para onde caminham os CIEPs? Uma análise após 15 anos"**. *Cadernos de Pesquisa*, n. 119, 147-174. 2003.

CRAWFORD, Margaret. ***Everyday Urbanism.*** Nova Iorque: The Monacelli Press, 1999.

DAVIS, Mike. ***Planeta Favela.*** São Paulo: Boitempo, 2006.

DELECAVE, Jonas; LEITÃO, Gerônimo. **"O programa Morar Carioca: novos rumos na urbanização das favelas cariocas?"** *O Social em Questão* nº19, 265-283. 2013.

DOMINGUES, Álvaro. **"(Sub)úrbios e (sub)urbanos – o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos?"** *Revista da Faculdade de Letras - Geografia*, Vol. X/XI(1), 5-18. 1994/5.

DUARTE, Hélio. **"O problema escolar e a arquitetura"**. *Habitat*, n. 4, 1951.

FERREIRA, Lara; IACOVINI, Victor; OLIVEIRA, Paula. ***Dimensões do Intervir em Favelas: desafios e perspectivas***. São Paulo: Peabiru TCA / Coletivo LabLaje, 2019.

FILGUEIRAS, Octávio L. ***Da função social do arquitecto***. Porto: ESBAP - Arquitectura, 1985.

HARVEY, David. ***Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana.*** São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HOLSTON, James. ***Cidadania Insurgente: disjunções da democracia e da modernidade no Brasil.*** São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

JAENISCH, Samuel; XIMENES, Luciana. "**As favelas do Rio de Janeiro e suas camadas de urbanização. Vinte anos de políticas de intervenção sobre espaços populares da cidade."** *Anais XVIII ENANPUR*. 2019.

JESUS, Carolina M. ***Quarto de Despejo: diário de uma favelada.*** Lisboa: VS. Editora, 2020.

LEFEBVRE, Henri. **"Prefácio - A produção do espaço".** *Estudos Avançados* 27 (79), 123-132. 2013.

LEFEBVRE, Henri. ***O Direito à Cidade***. São Paulo: Centauro, 2001.

MARI, Enzo. ***Autoprogettazione?*** Mantova: Edizioni Corraini. 1974.

NIEMEYER, Oscar. ***As Curvas do Tempo***. Porto: Campo das Letras, 2000.

PEREIRA, Nuno T. ***Escritos - 1947-1996, Selecção***. Porto: FAUP. 1996.

PERLMAN, Janice. ***Favela: four decades of living on the edge in Rio de Janeiro.*** Nova Iorque: Oxford University Press, 2010.

PORTAS, Nuno. ***A Cidade como Arquitectura***. Lisboa: Livros Horizonte, 2011.

PORTAS, Nuno. ***Os Tempos das Formas, volume I: A Cidade Feita e Refeita.*** Guimarães: DAAUM, 2005.

SILVA, Aline. **"Bibliotecas Parque no Rio de Janeiro: breve histórico"**. *PontodeAcesso*, v.10, n.1, p.32-45. 2016.

SILVA, Jailson. ***O que é a favela, afinal?*** Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2009.

SOBRINHO, José A. ***Descentralização da Educação Básica: Lições da Experiência. Texto para discussão***. Brasília: IPEA, 1995.

SOLÀ-MORALES, Manuel. ***De cosas urbanas.*** Barcelona: Gustavo Gili, 2008.

TAVARES, André. ***Novela Bufa do Ufanismo em Concreto***. Porto: Dafne, 2009.

VALLADARES, Lícia. ***A invenção da favela. Do mito de origem a favela.*** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

"Misturas: Galpão Bela Maré". Rio de Janeiro. 2022.

WEBGRAFIA

ANELLI, Renato. **"Centros Educacionais Unificados: arquitetura e educação em São Paulo".** *Vitruvius, Arquitextos.* 2004. <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/05.055/517>. (28/01/2025)

ANGLÉS, Magda; CARRERA, Judit. **"Interview with Rafael Moneo."** *Public Space*. 2010. <https://www.publicspace.org/web/guest/multimedia/-/post/interview-with-rafael-moneo-1?refererPlid=20137>. (27/01/2025)

ANJOS, Ana C.; CASTILHO, Amanda; SANTOS, Amália. **"(In)Cômodos: reflexões sobre uma casa de favela premiada".** *ArchDaily*. 2023. <https://www.archdaily.com.br/br/1007765/in-comodos-reflexoes-sobre-uma-casa-de-favela-premiada>. (28/01/2025)

BARBOSA, Jorge Luiz. **"Remover ou conter as Favelas? Eis uma falsa questão"**. *Observatório de Favelas*. 2009. <https://observatoriodefavelas.org.br/acervo-producao-textual/>. (17/11/2024)

BERTOLUCCI, Rodrigo; CANDIDA, Simone; LIMA, Ludmilla. **"Morar Carioca em compasso de espera"**. *O Globo*. 2014. <https://oglobo.globo.com/rio/morar-carioca-em-compasso-de-espera-12521373>. (17/01/2025)

CABRAL, Andressa. **"Favela-Bairro: 20 anos depois".** *Viva Favela*. 2014. <http://vivafavela.com.br/513-favela-bairro-20-anos-depois/>. (23/10/2024)

CARDOSO, Rafael. **"Favela-Bairro, 30 anos: legado do programa desaparece aos poucos."** *Agência Brasil.* 2024. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-03/favela-bairro-30-anos-legado-do-programa-desaparece-aos-poucos>. (15/01/2025)

CAVALLIERI, Fernando. **"Programa Favela-Bairro – 1ª fase."** *WikiFavelas*. 2007. <https://wikifavelas.com.br/index.php/Programa_Favela-Bairro_-_1%C2%AA_fase#cite_note-1>. (15/01/2025)

FERREIRA, Luiz. **"Lula lança programa de urbanização de favelas Periferia Viva."** *Agência Brasil.* 2024. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2024-11/lula-lanca-programa-de-urbanizacao-de-favelas-periferia-viva>. (17/01/2025)

GOMES, Kathleen. **"Vila Autódromo, a favela que se recusa a desaparecer por causa das Olimpíadas"**. *Público*. 2016. < https://www.publico.pt/2016/02/28/mundo/reportagem/vila-autodromo-a-favela-que-se-recusa-a-desparecer-por-causa-das-olimpiadas-1724706>. (27/01/2025)

HOLSTON, James. **"Insurgent Citizenship in an Era of Global Urban Peripheries."** *City & Society: Volume 21*, Issue 2, 245-267. 2009. < https://doi.org/10.1111/j.1548-744X.2009.01024.x>. (23/01/2025)

LEONIDIO, Otavio. **"Favela, bairro, cidade. O programa Favela-Bairro e a violência contra as favelas."** *Arquitextos - Vitruvios nº242.07.* 2020. <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/21.242/7824>. (23/12/2024)

MAGALHÃES, Sérgio; PAES, Eduardo. **"Morar Carioca".** *O Globo*. 2010. <https://vitruvius.com.br/revistas/read/drops/11.038/3653>. (17/01/2025)

MEKARI, Danilo. **"CEUs: a construção coletiva do espaço público".** *ArchDaily.* 2018. <https://www.archdaily.com.br/br/896499/ceus-a-construcao-coletiva-do-espaco-publico>. (28/01/2025)

OSBORN, Catherine. **"A História das Urbanizações nas Favelas Parte II: Favela-Bairro (1988-2008)".** *RioOnWatch*. 2013. <https://rioonwatch.org.br/?p=5042>. (17/01/2025)

OSBORN, Catherine. **"A História das Urbanizações nas Favelas Parte III: Morar Carioca na Visão e na Prática (2008 – Presente)".** *RioOnWatch*. 2013. <https://rioonwatch.org.br/?p=5735>. (17/01/2024)

PEREZ, Maria A. **"Os Centros Educacionais Unificados (CEU) na cidade de São Paulo e sua relação com o território na perspectiva da Pedagogia Social".** *Trama Interdisciplinar*, v9 n2, 51-64. 2018. <http://dx.doi.org/10.5935/2177-5672/trama.v9n2p51-64>. (28/01/2025)

RIBEIRO, Geraldo. **"Teleféricos no Alemão e na Providência que surgiram como opção de mobilidade e turismo estão largados".** *O Globo*. 2019. <https://oglobo.globo.com/rio/telefericos-no-alemao-na-providencia-que-surgiram-como-opcao-de-mobilidade-turismo-estao-largados-23807715>. (15/01/2025)

ROLLER, Zoe. **"Programa de Aceleração do Crescimento Freado na Rocinha"**. *RioOnWatch*. 2011. <https://rioonwatch.org.br/?p=2191>. (15/01/2025)

SÁNCHEZ, Fernanda; OLIVEIRA, Fabrício; MONTEIRO, Poliana. **"Vila Autódromo em disputa: sujeitos, instrumentos e estratégias para a reinvenção do espaço"**. *Revista Brasileira De Estudos Urbanos E Regionais,* 18(3), 408. 2016. <https://doi.org/10.22296/2317-1529.2016v18n3p408> (27/01/2025).

SANTOS, Jean; SILVA, Isabela. **"Galpão Bela Maré: sentidos e práticas curatoriais urgentes".** *Poiésis,* v21 n35, 71-86. 2020. <https://doi.org/10.22409/poiesis.v21i35.40411>.

SARTOR, Carlos. *"Imagem da cidade – cidade da imagem: o modelo de intervenção urbana do Rio Cidade". Cadernos Metrópole*, (04), 65–91. 2012. Recuperado de https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/9302.

SEGADAS, José. "**Cieps, um fenômeno positivo na educação do RJ que teve seu fim como modelo educacional."** *Instituto Lula*. 2022. <https://institutolula.org/jornalista-relata-ciclo-encerrado-do-cieps-como-modelo-educacional>. (28/01/2025)

SHAW, Catherine. "**Rem Koolhaas Talks Prada and Architecture's Relationship to Art".** *Metropolis Magazine*. 2015. <https://metropolismag.com/viewpoints/rem-koolhaas-talks-prada-architecture-relationship-art/>. (28/01/2025)

SILVEIRA, Willian. *"***Amarello Visita: Galpão Bela Maré"**. *Revista Amarello.* 2011. <https://amarello.com.br/2021/10/cultura/amarello-visita-galpao-bela-mare/>. (28/01/2025)

VILLELA, Renato. **"Equipamentos Culturais no RJ".** *Enactamar*. 2019. <https://rpubs.com/Renato-Villela/551011> (03/12/2024)

"Cidades feitas para excluir." *Carta Capital.* 2008. <https://www.ecodebate.com.br/2008/09/09/cidades-feitas-para-excluir-entrevista-com-raquel-rolnik-relatora-especial-da-onu-para-assuntos-de-moradia/>. (17/01/2025)

"Cieps completam 30 anos". *CartaCapital.* 2015. <https://www.cartacapital.com.br/educacao/criados-por-darcy-ribeiro-cieps-completam-30-anos>. (28/01/2025)

"Observatório de Favelas: relatório de atividade." *Observatório de Favelas.* 2017. <https://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2021/07/Relatorio-de-Atividades-0F-2017.pdf> (28/01/2025)

"Panorama Palace, o hotel de luxo que nunca inaugurou em Ipanema". *Bafafá*. 2022. <https://bafafa.com.br/turismo/bairros/panorama-palace-o-hotel-de-luxo-que-nunca-inaugurou-em-ipanema#google_vignette>. (28/01/2025)

"Periferia Viva - Urbanização de Favelas." 2024. <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/novopac/selecoes/eixos/cidades-sustentaveis-e-resilientes/periferia-viva-urbanizacao-de-favelas>. (17/01/2025)

"Programa dos Cieps chega aos 40 anos como um exemplo de inclusão pela Educação". *Clube de Engenharia.* 2023. <https://portalclubedeengenharia.org.br/artigo/programa-dos-cieps-chega-aos-40-anos-como-um-exemplo-de-inclusao-pela-educacao/>. (28/01/2025)

"Transparência". (https://observatoriodefavelas.org.br/transparencia/).(28/01/2025)

PUBLICAÇÕES ACADÉMICAS

ALMEIDA, Gabriel W. ***474 JACARÉ-COPACABANA: o projeto de uma linha***. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Aquitetura da Universidade do Porto (FAUP), 2022.

BARBOSA, Diogo J. M. ***Favelas do Rio de Janeiro: um estudo sobre o Urbanismo Informal Carioca.*** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Aquitetura da Universidade do Porto (FAUP), 2022.

CASTRO, Carlos. ***O Espaço da Escola na Cidade: CIEP e Arquitetura Pública Escolar.*** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAU UnB). 2009.

COELHO, Rodrigo. ***Formas e desígnios do espaço público na cidade contemporânea. O projecto do espaço público na construção da cidade: casos portugueses***. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (FAUP). 2011.

GOMES, Miguel. ***Rio de Janeiro: breves apontamentos sobre a segregação social presente na cidade***. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Aquitetura da Universidade do Porto (FAUP).

SOUSA, Marta P. ***A Arquitectura do Direito à Cidade: entre a densidade urbana e a condição de habitar.*** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Aquitetura da Universidade do Porto (FAUP), 2019.

WEBSITES

AfroReggae. Disponivel em: <https://afroreggae.org/sobre/>

Atelier Évora (Arquitetura e Projetos Especiais). Disponivel em: <https://www.pedroevora.com/>.

Automatica Produtora. Disponivel em: <https://automatica.art.br/>

Centros Educacionais Unificados – CEUs. Disponível em: <https://ceu.sme.prefeitura.sp.gov.br/sobre/>

Dicionário de Favelas. Disponível em: <https://wikifavelas.com.br/index.php/Dicion%C3%A1rio_de_Favelas_Marielle_Franco>

ELÃ. Disponivel em: https://www.belamare.org.br/ela/.

Galpão Bela Maré. Disponivel em: <https://www.belamare.org.br/>

Marcos Chaves. Disponivel em: <https://artrio.com/marketplace/artists/view/marcos-chaves>.

MIOLO. Disponivel em: (https://observatoriodefavelas.org.br/acervo/miolo-performances-e-territorialidades-na-mare/).

Observatório de Favelas do Rio de Janeiro. <https://observatoriodefavelas.org.br/>

Reforma do Galpão Bela Maré. Disponivel em: < https://www.youtube.com/watch?v=kbIQDPw5CRE>.

RioOnWatch. Disponível em: <https://rioonwatch.org/>

ICONOGRAFIA

[1] LAJE DA TIA ANDREA

Favela do Vidigal. Rio de Janeiro.

Fotografia da autora. 2022.

[2] CIDADE DE CONTRASTES

Bairro de Ipanema e Favela de Cantagalo. Rio de Janeiro.

Johnny Miller. s/d. Disponível em: https://unequalscenes.com/brazil. (03/03/2025).

[3] DIREITO À CIDADE

Protesto no Rio de Janeiro.

Matthew Richmond. 2013. Disponível em: https://rioonwatch.org.br/?p=9784. (18/03/2025).

[4] **Bairro do Leblon e Favela da Rocinha, Rio de Janeiro.**

Johnny Miller. s/d. Disponível em: https://unequalscenes.com/brazil. (03/03/2025).

[5] **Morro da Providência, Rio de Janeiro (espelhado).**

Johnny Miller. s/d. Disponível em: https://unequalscenes.com/brazil. (03/03/2025).

[6] **Apapa, Lagos (Nigeria).**

Johnny Miller. s/d. Disponível em: https://unequalscenes.com/lagos. (03/03/2025).

[7] **Morro do Papagaio, Belo Horizonte (Brasil).**

Johnny Miller. s/d. Disponível em: https://unequalscenes.com/brazil. (03/03/2025).

[8] **Villa 31, Buenos Aires (Argentina).**

Johnny Miller. s/d. Disponível em: https://unequalscenes.com/buenos-aires. (03/03/2025).

[9] **Paraisopolis, São Paulo (Brasil).**

Johnny Miller. s/d. Disponível em: https://unequalscenes.com/brazil. (03/03/2025).

[10] **Manila (Filipinas).**

Johnny Miller. s/d. Disponível em: https://unequalscenes.com/manila. (03/03/2025).

[11] **Buenos Aires (Argentina).**

Johnny Miller. s/d. Disponível em: https://unequalscenes.com/brazil. (03/03/2025).

[12] **Santa Fé, Cidade do México (México).**

Johnny Miller. s/d. Disponível em: https://unequalscenes.com/mexico. (03/03/2025).

[13] **Mumbai (India).**

Johnny Miller. s/d. Disponível em: https://unequalscenes.com/mumbai. (03/03/2025).

[14] SER FAVELA

Favela da Rocinha. Rio de Janeiro.

Fotografia da autora. 2022.

[15] ÁREAS DE PLANEJAMENTO

Cidade do Rio de Janeiro.

Desenho da autora (com base de Google Maps, 2024. e informação de “Mapa de Bairros e Regiões Administrativas da cidade do Rio de Janeiro”. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Mapa_de_Bairros_e_Regi%C3%B5es_Administrativas_da_cidade_do_Rio_de_Janeiro_-_imagem.jpg). (18/03/2025).

[16] MOLEQUES

AF Rodrigues. 2023. Disponível em: https://www.theguardian.com/world/gallery/2010/apr/15/brazil#img-1. (18/03/2025).

[17] REFORMA PEREIRA PASSOS

Sátira.

Revista *O Malho.* 1905. Disponível em: https://cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=487#prettyPhoto. (03/03/2025).

[18] AVENIDA CENTRAL

João Martins Torres. 1906. Disponível em: https://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/historia-do-brasil/rio-de-janeiro/66-o-rio-de-janeiro-como-distrito-federal-vitrine-cartao-postal-e-palco-da-politica-nacional/2913-a-avenida-central. (03/03/2025).

[19] MORRO DA FAVELLA

Morro da Providência.

s/a. 1992. Disponível em: https://riothen.wordpress.com/tag/morro-da-providencia/. (03/03/2025).

[20] MORRO DA PROVIDÊNCIA

Agência *O Globo*. 1966. Disponível emhttps://encurtador.com.br/iRiBA. (03/03/2025).

[21] UMA LIMPEZA INDISPENSÁVEL

Caricatura: Oswaldo Cruz passa pente fino no Morro da Favella.

Revista *O Malho* Nº 247. Alfredo Storni. 1907. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Oswaldo_Cruz_passa_o_pente_fino_da_%E2%80%9CDelegacia_da_Hygiene%22_no_Morro_da_Favela.jpg. (05/03/2025).

[22] LAZER

Favela da Catacumba.

António Nery. 1970. Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/incoming/favelas-incendios-remocao-no-rio-21650350. (05/03/2025).

[23] FAVELA DA CATACUMBA

Lagoa, Zona Sul.

s/a. 1969. Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/incoming/favelas-incendios-remocao-no-rio-21650350. (05/03/2025).

[24] DESTRUIÇÃO

Remoção dos moradores da Favela de Catacumba

s/a. 1970. Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/incoming/favelas-incendios-remocao-no-rio-21650350. (05/03/2025).

[25] FAVELA PRAIA DO PINTO

Leblon, Zona Sul.

s/a. 1950. Disponível em: https://riomemorias.com.br/memoria/praia-do-pinto/. (05/03/2025).

[26] FOGO

Favela Praia do Pinto.

s/a. 1957. Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/incoming/favelas-incendios-remocao-no-rio-21650350. (05/03/2025).

[27] FOGO POSTO

Remoção forçada na Favela Praia do Pinto.

s/a. 1969. Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/incoming/favelas-incendios-remocao-no-rio-21650350. (05/03/2025).

[28] LIMPEZA

Favela Praia do Pinto.

s/a. 1969. Disponível em: https://testemunhaocular.ims.com.br/2022/02/19/a-favela-banida/. (05/03/2025).

[29] ESCOMBROS

Favela Praia do Pinto.

s/a. 1969. Disponível em: https://acervo.oglobo.globo.com/incoming/favelas-incendios-remocao-no-rio-21650350. (05/03/2025).

[30] [31] VILA KENNEDY

s/a. 1966. Disponível em: https://memorialdademocracia.com.br/card/kennedy-cria-alianca-para-o-progresso. (05/03/2025).

[32] CIDADE DE DEUS

Fotoclube CDD. 1964. Disponível em: https://matheusgraciano.com.br/cidade-de-deus-historia-real-a-parte/. (05/03/2025).

[33] CIDADE DE DEUS

Rosalia Brito. 1966. Disponível em: https://cidadededeus-rosalina.blogspot.com/2011/05/verdadeira-historia-da-cidade-de-deus.html. (05/03/2025).

[34] VILA KENNEDY

Voz da Vla Kennedy. 2018. Disponível em: https://rioonwatch.org.br/?p=38410. (05/03/2025).

[35] CIDADE DE DEUS

Pablo Jacob. 2014. Disponível em: https://matheusgraciano.com.br/cidade-de-deus-historia-real-a-parte/. (05/03/2025).

[36] DIREITO À CIDADE

Correio da Manhã. 1964. Disponível em: https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/centrais-de-conteudo/imagens-e-documentos-do-periodo-de-1964-1985/imagens-correio-da-manha/em-novembro-de-1964-moradores-ameacados-de-despejo-da-favela-de-bras-de-pina-no-rio-de-janeiro-acampam-nos-jardins-do-palacio-das-laranjeiras-tentando-ser-recebidos-pelo-marechal-castelo-branco/view. (05/03/2025).

[37] PROTESTOS

Moradores da favela de Brás de Pina protestam contra a remoção de suas casas.

Correio da Manhã. 1964. Disponível em: https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/servicos/publicacoes/copy_of_remocoes_de_favelas_no_rio_de_janeiro.pdf. (05/03/2025).

[38] REMOÇÃO NÃO

Faixa do União F. C., de Brás de Pina, defende a urbanização local e opõe-se à remoção da favela.

Correio da Manhã. 1964. Disponível em: https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/servicos/publicacoes/copy_of_remocoes_de_favelas_no_rio_de_janeiro.pdf. (05/03/2025).

[39] FAFEG

Sessão do III Congresso da Federação das Associações de Favelas do Estado da Guanabara.

Correio da Manhã. 1972. Disponível em: https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/servicos/publicacoes/copy_of_remocoes_de_favelas_no_rio_de_janeiro.pdf. (05/03/2025).

[40] ÁREAS DE INTERVENÇÃO DO *FAVELA-BAIRRO*

Cidade do Rio de Janeiro.

Desenho da autora (com base de Google Maps, 2024. e informação do mapa “Áreas de intervenção do Programa Favela Bairro na cidade do Rio de Janeiro”, disponível em CARDOSO, Adauto. P146.).

[41] [42] SANTA MARIA (AP4)

Favela-Bairro. Antes e depois.

Disponível em: http://www0.rio.rj.gov.br/habitacao/s_maria_antes.htm e http://www0.rio.rj.gov.br/habitacao/s_maria_depois.htm. (05/03/2025).

[43] [44] JD. PRIMAVERA (AP3)

Favela-Bairro. Antes e depois.

Disponível em: http://www0.rio.rj.gov.br/habitacao/j_prim_antes.htm e http://www0.rio.rj.gov.br/habitacao/j_prim_depois.htm. (05/03/2025).

[45] [46] VILA ELZA (AP1)

Bairrinho. Antes e depois.

Disponível em: http://www0.rio.rj.gov.br/habitacao/v_elza_antes.htm e http://www0.rio.rj.gov.br/habitacao/v_elza_depois.htm (05/03/2025).

[47] [48] VILA CARUMBÉ (AP5)

Bairrinho. Antes e depois.

Disponível em: http://www0.rio.rj.gov.br/habitacao/carumbe_antes.htm e http://www0.rio.rj.gov.br/habitacao/carumbe_depois.htm (05/03/2025).

[49] [50] RIO DAS PEDRAS (AP4)

Grandes Favelas. Antes e depois.

Disponível em: http://www0.rio.rj.gov.br/habitacao/rio_pedras_antes.htm e http://www0.rio.rj.gov.br/habitacao/rio_pedras_depois.htm (05/03/2025).

[51] [52] JACAREZINHO (AP3)

Grandes Favelas. Antes e depois.

Disponível em: http://www0.rio.rj.gov.br/habitacao/jacare_antes.htm e http://www0.rio.rj.gov.br/habitacao/jacare_depois.htm (05/03/2025).

[53] PANFLETO PARA A COMUNIDADE

Vidigal. Favela-Bairro.

Jorge Mario Jáuregui. 1996. Disponível em: http://www.jauregui.arq.br/favela-bairro-vidigal.html. (06/03/2025).

[54] INTERVENÇÕES

Vidigal. Favela-Bairro.

Portfólio Jorge Mario Jáuregui. 1996. Disponível em: http://www.jauregui.arq.br/portfolio-atelier-metropolitano.pdf. (06/03/2025).

[55] CENTRALIDADES

Fubá Campinho. Favela-Bairro.

Jorge Mario Jáuregui. 1999. Disponível em: http://www.jauregui.arq.br/favelas-fuba-campinho.html. (06/03/2025).

[56] VILA OLÍMPICA

Fubá Campinho. Favela-Bairro.

Jorge Mario Jáuregui. 1999. Disponível em: http://www.jauregui.arq.br/favelas-fuba-campinho.html. (06/03/2025).

[57] CENTRO COMUNITÁRIO DO CAMPINHO

Fubá Campinho. Favela-Bairro.

Jorge Mario Jáuregui. 1999. Disponível em: http://www.jauregui.arq.br/favelas-fuba-campinho.html. (06/03/2025).

[58] VILA OLÍMPICA

Fubá Campinho. Atualidade.

Google Maps. 2025.

[59] CENTRO COMUNITÁRIO DO CAMPINHO

Fubá Campinho. Atualidade.

Google Maps. 2025.

[60] CIDADE OLÍMPICA

Remoções, intervenções do PAC e implementação de UPPs nas periferias da cidade do Rio de Janeiro.

Desenho da autora (com base de Google Maps, 2024. Informação dos mapas “O Rio de Janeiro dos Jogos da Exclusão” e “Favelas que receberam recursos do PAC na RMRJ”. Disponíveis em: https://issuu.com/justicaglobal/docs/mapa-jogos-da-exclusa__o (09/03/2025) e CARDOSO, Adauto; DANALDI, Rosana. 2018. P113. (respetivamente)

[61] REMOÇÃO OLÍMPICA

Favela do Metrô-Mangueira, removida sem uma explicação clara.

Tânia Rêgo. 2010. Disponível em: https://www.anf.org.br/rio-pos-olimpico-77-mil-removidos-vila-autodromo-vira-rua/. (09/03/2025)

[62] UNIDADE DE POLÍCIA "PACIFICADORA"

UPP de Turano.

Gustavo Sirelli. 2011. Disponível em: https://gustavosirelli.wordpress.com/2011/07/25/pique-esconde-animal/upp-turano/ (18/03/2025)

[63] TELEFÉRICO DO ALEMÃO

Complexo do Alemão.

Bruno Itan. 2014. Disponível em: https://rioonwatch.org.br/?p=11751. (09/03/2025).

[64] ABANDONO

Teleférico do Alemão.

Jorge Mario Jáuregui. 2021. Disponível em: http://www.jauregui.arq.br/escritos-la-pandemia.html. (09/03/2025).

[65] ELEVAÇÃO DA VIA FÉRREA DE MANGUINHOS

Favela de Manguinhos.

Boletim de Obras de Estado de Obras. 2009. Disponível em: http://www.jauregui.arq.br/works-rambla-manguinhos.html. (09/03/2025).

[66] [67] ELEVAÇÃO DA VIA FÉRREA DE MANGUINHOS

Favela de Manguinhos. Antes e depois.

Google Maps. 2014 e 2022.

[68] PASSARELA NIEMEYER

Favela da Rocinha.

Camilla Piccolo. 2020. Disponível em: https://rioonwatch.org.br/wp-content/uploads/2020/03/Passarela-Niemeyer-Foto-Camilla-Piccolo.jpg. (09/03/2025).

[69] ÁREAS DE INTERVENÇÃO DO MORAR CARIOCA

Cidade do Rio de Janeiro.

Desenho da autora (com base de Google Maps, 2024. e informação do mapa “Favelas atendidas pelo Morar Carioca e pelo Bairro Maravilha”, disponível em JAENISCH, Samuel; XIMENES, Luciana. 2019. P13.)

[70] CONCURSO MORAR CARIOCA

Premiados com Louvor. 2010.

140: João Carlos Laufer Calafate. Disponível em: https://concursosdeprojeto.org/2010/12/18/premiados-concurso-morar-carioca/, (09/03/2025).

[71] CONCURSO MORAR CARIOCA

Premiados com Louvor. 2010.

151: Jonathas Magalhães Pereira da Silva. Disponível em: https://concursosdeprojeto.org/2010/12/18/premiados-concurso-morar-carioca/. (09/03/2025).

[72] [73] CONCURSO MORAR CARIOCA

Premiado. Agrupamento 21.

Jorge Mario Jáuregui. 2010. Disponível em: http://www.jauregui.arq.br/works-dique-morar-carioca.html. (09/03/2025).

[74] CAMADAS DE URBANIZAÇÃO

Cidade do Rio de Janeiro.

Desenho da autora (com base Google Maps, 2024. e informação de todos os mapas anteriores).

[75] FAVELA OLÍMPICA 1

Favela Vila Autódromo. Bruno com o seu pai, que segura “tocha olímpica”, a sua avó, a sua mulher e o seu filho.

Marc Ohrem-Leclef. 2015. Disponível em: https://www.artspace.com/marc_ohrem_leclef/bruno-with-his-father-and-grandmother-his-wife-and-his-son-favela-vila-autodromo-rio-de-janeiro. (09/03/2025).

[76] FAVELA OLÍMPICA 2

Favela Cantagalo. Susana com os seus filhos e vizinhos.

Marc Ohrem-Leclef. 2015. Disponível em: https://www.artspace.com/marc_ohrem_leclef/suzana-with-her-sons-and-neighbors-cantagalo-rio-de-janeiro. (09/03/2025).

[77] FEIRA DA GLÓRIA

Feira livre, esplanadas e rodas de samba ocupam parte da Avenida Augusto Severo na Glória, todos os domingos. Rio de Janeiro.

Alexandre Cassiano. 2024. Disponível em: https://extra.globo.com/entretenimento/noticia/2024/03/no-dia-do-aniversario-do-rio-artistas-dao-dicas-de-programas-imperdiveis-pela-cidade-veja-roteiro.ghtml. (09/03/2025).

[78] [79] PRAÇA "PÚBLICA"

Praça General Osório gradeada e com horários.

Bairro de Ipanema.

Google Maps Street View. 2021. (09/03/2025).

[80] CONDOMÍNIOS FECHADOS

Barra da Tijuca.

s/a. s/d. Disponível em: https://www.barradatijuca.com.br/historia. (09/03/2025).

[81] *CROQUI* CIEP

Oscar Niemeyer. 1984. Disponível em: https://www.oscarniemeyer.org.br/obra/pro192. (18/03/2025).

[82] [83] [84] ESCOLA-PARQUE

Salvador da Bahia.

Disponível em: http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/Visita_Guiada/imagens_pq/visita5-1.html. (18/03/2025).

[85] PLANTA

Planta esquemática da Escola-Parque.

Disponível em EBOLI, Terezinha. 1969. P21.

[86] CIEP PADRÃO

CIEP demonstração.

Disponível em: RIBEIRO, Darcy. 1986. P44.

[87] FACHADA PRINCIPAL

CIEP de demonstração.

Acervo Fundação Darcy Ribeiro. s/d. Disponível em: https://redeglobo.globo.com/globoeducacao/noticia/2013/08/para-1008-darcy-ribeiro-e-anisio-teixeira-exemplos-de-luta-pela-educacao.html. (19/03/2025)

[88] *CROQUI* CIEP

Oscar Niemeyer. 1984.

Disponível em: RIBEIRO, Darcy. 1986. P105.

[89] ESQUEMA PADRÃO

CIEP padrão.

Disponível em: RIBEIRO, Darcy. 1986. P104.

[90] PLANTAS, CORTES E ALÇADOS

CIEP padrão.

Disponível em: RIBEIRO, Darcy. 1986. P106-107.

[91] PÁTIO COBERTO

Edifício Principal, CIEP.

Hermes de Paula. 2015. Disponível em: https://oglobo.globo.com/rio/design-rio/desenhados-por-oscar-niemeyer-os-tracos-dos-cieps-fizeram-escola-mundo-afora-16837124. (03/02/2025).

[92] SALA DE AULA

Sala com meia-parede. Edifício Principal, CIEP.

Disponível em: RIBEIRO, Darcy. 1986. P128.

[93] RAMPA CENTRAL

Edifício Principal, CIEP.

Aberrant Architecture. 2013. Disponível em: https://www.theguardian.com/artanddesign/architecture-design-blog/2013/mar/15/flatpack-flexible-oscar-niemeyer-schools. (18/03/2025).

[94] FACHADA PRINCIPAL

Edifício Principal, CIEP.

Disponível em: https://www.oscarniemeyer.org.br/obra/pro192. (18/03/2025).

[95] BIBLIOTECA

CIEP demonstração.

Disponível em: RIBEIRO, Darcy. 1986. P34.

[96] PRAÇA

CIEP padrão.

Acervo Fundação Darcy Ribeiro. 1985. Disponível em: https://redeglobo.globo.com/globoeducacao/noticia/2013/08/para-1008-darcy-ribeiro-e-anisio-teixeira-exemplos-de-luta-pela-educacao.html. (19/03/2025)

[97] CIEP TANCREDO NEVES

Salão Polivalente e Edifício Principal no fundo.

David Medd. 1986. Disponível em: https://www.ribapix.com/ciep-tancredo-neves-school-rio-de-janeiro_riba55255. (19/03/2025)

[98] SALÃO POLIVALENTE

Aula de balé. CIEP Prof. Manoel Maurício de Albuquerque.

s/a. 2024. Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=980730217393210&id=100063687212948&set=a.980744387391793. (19/03/2025)

[99] SALÃO POLIVALENTE

Festival de Pipa. CIEP Helio Smidt.

Arthur Viana. 2023. Disponível em: www.imagensdopovo.org.br. (19/03/2025)

[100] FACHADA PRINCIPAL

Festival de Pipa. CIEP Helio Smidt.

Arthur Viana. 2023. Disponível em: www.imagensdopovo.org.br. (19/03/2025)

[101] [103] CONSULTAS MÉDICAS

CIEP demonstração.

Disponível em: RIBEIRO, Darcy. 1986. P114,117.

[102] MOMENTO LIVRE

CIEP demonstração.

Disponível em: RIBEIRO, Darcy. 1986. P46.

[104] BIBLIOTECA E EDIFÍCIO PRINCIPAL

CIEP padrão.

Aberrant Architecture. 2013. Disponível em: https://x.com/cervus/status/1395750421470273539/photo/2. (19/03/2025)

[105] [106] [107] PRÉ FABRICAÇÃO

Construção das peças pré-fabri¬cadas dos CIEPs.

Disponível em: RIBEIRO, Darcy. 1986. P112.

[108] [109] CIEP AYRTON SENNA DA SILVA

Perto da Rocinha, no outro lado da estrada.

Aberrant Architecture. 2016. Disponível em: https://www.park-books.com/en/product/wherever-you-find-people/68. (19/03/2025)

[110] PRÉ FABRICADO

Fachada principal, CIEP.

Aberrant Architecture. 2012. Disponível em: https://www.dezeen.com/2012/10/07/the-uk-can-learn-lessons-from-school-building-in-brazil-says-aberrant-architecture/. (19/03/2025)

[111] CONSTRUÇÃO

Peças pré-fabricadas, CIEP

Disponível em: RIBEIRO, Darcy. 1986. P111.

[112] CIEP DOUTOR BENTO RUBIÃO

Rocinha.

Aberrant Architecture. 2012. Disponível em: https://www.dezeen.com/2012/10/07/the-uk-can-learn-lessons-from-school-building-in-brazil-says-aberrant-architecture/. (19/03/2025).

[113] CIEP DE IPANEMA

CIEP Presidente João Goulart. Morro de Cantagalo.

RIBEIRO, Darcy. 1986. P91.

[114] CIEP NO MORRO

CIEP Presidente João Goulart. Morro de Cantagalo.

Disponível em: RIBEIRO, Darcy. 1986. P91.

[115] ESTRUTURA DO CIEP DE IPANEMA

CIEP Presidente João Goulart. Morro de Cantagalo.

Disponível em: RIBEIRO, Darcy. 1986. P87.

[116] CIEP AVENIDA DOS DESFILES

Sambódromo.

Disponível em: RIBEIRO, Darcy. 1986. P93.

[117] PASSARELA PROFESSOR DARCY RIBEIRO

Sambódromo.

Odebrecht Online. 1984. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/01-32045/passarela-professor-darcy-ribeiro-sambodromo-do-rio-de-janeiro-oscar-niemeyer/32045_32146?next_project=no. (19/03/2025).

[118] MEIAS PAREDES

Entrevista a Oscar Niemeyer para o jornal O Globo.

Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Oscar-Niemeyers-interview-to-newspaper-O-Globo-with-the-title-A-class-does-not-need-to_fig1_337823701. (19/03/2025).

[119] CIEP JOSÉ PEDRO VARELA

Centro.

Ismar Ingber. 2015. Disponível em: https://shre.ink/ciepjosevarela. (19/03/2025).

[120] CIEP ESTHER BOTELHO

Niterói.

Disponível em: https://www.atribunarj.com.br/wp-content/uploads/2019/07/IMG-6168.jpg. (19/03/2025).

[121] CIEP COMPACTO

Maricá.

Luca Atalla. 2015. Disponível em: https://shre.ink/ciepmarica. (19/03/2025).

[122] CEU

São Paulo.

Disponível em: https://pbs.twimg.com/media/Ff9GkNiXgAMt6JV.jpg. (19/03/2025).

[123] CEU CANTOS DO AMANHECER

São Paulo.

Gustavo M. 2013. Disponível em: https://pt.foursquare.com/v/ceu-cantos-do-amanhecer/4f52ba35e4b0e14ed75c1edb?openPhotoId=5135d3ade4b0b348560eefbd (19/03/2025).

[124] [125] CEU JOSÉ ANCHIETA

Território (antes e depois). São Paulo.

Disponível em: https://capital.sp.gov.br/web/obras/w/empreendimentos/unidades_da_educacao/208306 (19/03/2025).

[126] TÉNIS SOCIAL

CEU Casa Blanca.

Disponível em: https://institutopatriciamedrado.org.br/wp-content/uploads/2019/02/Projeto-T%-C3%AAnis-no-CEU-Casa-Blanca-3.jpg. (19/03/2025).

[127] PISCINA ABERTA

CEU Casa Blanca.

Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=2023979404333887&set=p-cb.2023979767667184. (19/03/2025).

[128] CIEP GUSTAVO CAPANEMA

Pintura durante um evento.

Rosilene Miliotti. 2023. Disponível em: www.imagensdopovo.org.br. (19/03/2025)

[129] *CROQUI* CIEP

Oscar Niemeyer. 1984. Disponível em: https://www.oscarniemeyer.org.br/obra/pro192. (19/03/2025)

[130] IMPLEMENTAÇÃO DOS CIEPS

Cidade do Rio de Janeiro.

Desenho da autora (com base de Google Maps, 2024. e mapa “Localização de CIEPs” disponível em: CASTRO, Carlos. 2009. P68.)

[131] GALPÃO BELA MARÉ

Fachada principal. Rua Bittencourt Sampaio.

Thais Valencio. 2023. Disponível em: https://www.belamare.org.br/wp-content/uploads/2024/12/2023_08_12_Observatorio-de-Favelas_Ela_Thais-Valencio-9904-2-2-1-1024x683.jpg. (19/03/2025)

[132] ENTRADA PRINCIPAL

Galpão Bela Maré. Rua Bittencourt Sampaio.

Gabi Carrera. 2017. Disponível em: https://www.pedroevora.com/portfolio/travessias-5?pgid=lmh-s5u6u1-342e06_fe2e79c9e9df46099d89e78abdb4b73fmv2.jpg (19/03/2025)

[133] SALÃO PRINCIPAL

Galpão Bela Maré (vista do lado da entrada).

Gabi Carrera. 2017. Disponível em: https://www.pixfolio.com.br/midia/5/5_1499712906.jpg (19/03/2025)

[134] SALÃO PRINCIPAL

Galpão Bela Maré (vista contrária à entrada).

Gabi Carrera. 2017. Disponível em: https://www.pixfolio.com.br/midia/5/5_1499712982.jpg (19/03/2025)

[135] OFICINA ARTÍSTICA

Galpão Bela Maré. 2020.

Disponível em: https://2020.travessias.org.br/conteudo/educativo/site-educativo-05.jpg (19/03/2025)

[136] MISTURAS

Galpão Bela Maré celebra 10 anos de exis¬tência com exposição Misturas.

Matheus Affonso. 2022. Disponível em: https://mareonline.com.br/wp-content/uploads/2022/06/1-1024x1024.jpg. (19/03/2025)

[137] BIBLIOTECA

Galpão Bela Maré.

Disponível em: https://www.pedroevora.com/portfolio/galp%C3%A3o-bela-mar%C3%A9- (19/03/2025)

[138] BELA VERÃO

Programação do Bela Verão. 2024.

Disponível em: (19/03/2025)

[139] ENCRUZILHADA

Instalação no Galpão Bela Maré.

Thais Valencio. 2023. Disponível em: https://www.instagram.com/idramaria_/p/CwQL4iwr9gJ/?img_index=1 (19/03/2025)

[140] CONVERSAS

Galpão Bela Maré.

Thais Valencio. 2023. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CtrWIYBLh2U/?api=postMessagehttps%3A%2F%2Fwww.instagram.com%2Fp%2FC6ik27WJvMP%2F%3Fapi%3DpostMessage&hl=-ja&img_index=3 (19/03/2025)

[141] ANTIGA FÁBRICA

Galpão Bela Maré no momento de aquisição. 2011.

Disponível em: https://www.pedroevora.com/portfolio/galp%C3%A3o-bela-mar%C3%A9-. (19/03/2025).

[142] GALPÃO

Galpão Bela Maré após reabilitação (Tra¬vessias 3).

Gabi Carrera. 2014. Disponível em: https://www.pedroevora.com/portfolio/travessias-3?pgid=lmhs5u6u1-342e06_64dcbe61b10b4f0c88c0524921bb40c0mv2.jpg. (19/03/2025)

[143] [145] [147] INTERIOR ANTES

Galpão Bela Maré no momento de aquisição. 2011.

Disponível em: https://www.pedroevora.com/portfolio/galp%C3%A3o-bela-mar%C3%A9- (19/03/2025)

[144] [146] [148] INTERIOR DEPOIS

Galpão Bela Maré após reabilitação (Travessias 3).

Gabi Carrera. 2014. Disponível em: https://www.pedroevora.com/portfolio/galp%C3%A3o-bela-mar%-C3%A9-. (19/03/2025).

[149] PLANTAS E CORTE LONGITUDINAL

Galpão Bela Maré.

Disponível em: https://www.pedroevora.com/portfolio/galp%C3%A3o-bela-mar%C3%A9-. (19/03/2025).

[150] EXEMPLO DE OCUPAÇÃO

Projeto de expografia para mostra ''MISTURAS''. Galpão Bela Maré.

Grua Arquitetos. 2022. Disponível em: https://www.grua.arq.br/projetos/expografia-bela-mare. (19/03/2025).

[151] TRAVESSIAS 3

Exposição no Galpão Bela Maré.

Gabi Carrera. 2014. Disponível em: https://www.pedroevora.com/portfolio/travessias-3?pgid=lmhs5u6u1-342e06_f175fd43f2594c96913b0f3f331bca6emv2.jpg (19/03/2025).

[152] CINEMA IMPROVISADO

Salão principal do Galpão Bela Maré.

Romulo Amorim

[153] CINE BELA 1

Galpão Bela Maré.

Pedro Évora. 2024. Disponível em: https://www.pedroevora.com/portfolio/cine-bela. (19/03/2025).

[154] MODELO VIVO

Começo do Modelo.

Pedro Évora. 2013. Disponível em: https://www.pedroevora.com/portfolio/modelo-vivo. (19/03/2025).

[155] MAQUETE EXPERIMENTAL

Galpão Bela Maré.

Disponível em: https://www.pedroevora.com/portfolio/galp%C3%A3o-bela-mar%C3%A9-?pgid=lmhs5u6u1-342e06_cbbde03015c74553bdc9c69628831f58mv2.jpg. (19/03/2025).

[156] [158] [159] MODELO VIVO

Modelo em exposição.

Disponível em: https://www.pedroevora.com/portfolio/modelo-vivo. (19/03/2025).

[157] GALPÃO BELA MARÉ

A vermelho, inserido no Modelo Vivo.

Disponível em: https://www.pedroevora.com/portfolio/modelo-vivo. (19/03/2025).

[160] PISCINA PORTÁTIL

Piscina montada no espaço exterior do Galpão Bela Maré.

Ramon Vellasco. 2024. Disponível em: https://mareonline.com.br/feriasnamare/ (19/03/2025).

[161] INSTALAÇÃO TEMPORÁRIA

Grua Arquitetos. 2022. Disponível em: https://www.grua.arq.br/projetos/expografia-bela-mare. (19/03/2025).

[162] TRAVESSIAS 3

Exposição no Galpão Bela Maré.

Gabi Carrera. 2014. Disponível em: https://www.pedroevora.com/portfolio/travessias-3. (19/03/2025).

[163] CONVERSAS

Galpão Bela Maré.

Douglas Lopes. 2022. Disponível em: https://artsoftheworkingclass.org/assets/blog/2022/Douglas-Lopes_Galpao-Bela-Mare_Metropolis__FitWzEwMjQsNTc2XQ.png. (19/03/2025).

[164] [165] [166] DENTRO DA MARÉ

Galpão Bela Maré inserido em Nova Holanda

Google Maps, 2024.

[167] UM CIEP NA MARÉ

Uma maquete de um CIEP da Maré dentro do *Modelo Vivo*.

Disponível em: https://2020.travessias.org.br/modelo-vivo.html. (19/03/2025).

ANEXOS

GALPÃO BELA MARÉ

SÍNTESE

O Galpão Bela Maré expande a visão da cidade, superando fronteiras físicas e simbólicas para promover a integração urbana por meio da arte e educação. Fundado em 2011, o espaço democratiza e difunde expressões artísticas. Localizado na Favela Nova Holanda, próximo à Av. Brasil e ao BRT, é um ponto estratégico que fomenta encontros diversos e a reinvenção do território.

JUSTIFICATIVA

As definições usuais para as favelas refletem um histórico descompromisso político com essas áreas. Para o IBGE, elas são “aglomerados subnormais”; para o Ministério das Cidades, “assentamentos precários”; e, para a grande mídia e a população, “comunidades carentes”. Essa dicotomia evidencia a dificuldade de transpor as barreiras físicas e simbólicas que impedem a plena integração das favelas e seus moradores no projeto urbano da cidade.

O Observatório de Favelas propõe políticas culturais que promovam protagonismo social e superem desigualdades, incorporando a diversidade da vida urbana. Com isso, busca criar territórios inclusivos que aproximem diferentes sujeitos, sem exclusões ou controles impostos.

Fundado em 2011, o Centro Cultural Bela Maré tem como objetivo democratizar e difundir expressões artísticas. Localizado na entrada da Favela Nova Holanda, próximo à Avenida Brasil e ao BRT, o espaço se tornou estratégico na reinvenção do território e na promoção de encontros entre diferentes públicos. O desafio foi criar um Centro de Cultura de alta qualidade, que poderia estar em qualquer parte do território.

A democratização das linguagens artísticas é crucial para um projeto de cidade baseado no direito à diferença e na valorização das subjetividades.

O Centro abriga o projeto Travessias, que descentraliza o acesso à cultura, integrando a agenda cultural do Rio de Janeiro desde 2013. Espaços como o Bela Maré reafirmam o papel da arte no desenvolvimento econômico, social e territorial, combatendo estigmas e reconhecendo os direitos dos moradores.

ARQUITETURA

O Galpão Bela Maré nasceu ocupando uma antiga fabrica desativada. Reformas foram sendo feitas a cada ano, com os recursos que eram possíveis a partir das exposições de arte que ali se realizaram. Ao longo dos anos a estrutura física do galpão foi se adequando a finalidade de um centro de cultura para acomodar seu publico e suas atividades.

A criação da Escola (Elã) fez crescer a demanda por ampliação e em 2022 foi feita uma campanha de arrecadação de recursos para a obra. Desenvolvemos um projeto e uma campanha que chamamos de Bela Laje, onde o foco era a construção de um novo pavimento para abrigar as atividades da escola e a construção de um cinema no térreo.

Em 2024 a obra foi realizada e em novembro o cinema foi inaugurado.

ODS E O PROJETO

10º ODS – Redução das Desigualdades

O Galpão Bela Maré democratiza o acesso à arte no Rio de Janeiro, promovendo exposições, programas educativos, cinemateca e eventos. Alinhado ao 10º Objetivo de Desenvolvimento Sustentável da ONU, o espaço destaca artistas e coletivos locais, ampliando oportunidades de geração de renda e inclusão social, econômica e política.

Entre seus principais projetos estão a escola de arte ELÃ, o CINE BELA e Travessias, mostra anual de arte contemporânea que integra o calendário cultural carioca desde 2013. A construção de espaços como o Bela Maré em territórios populares fortalece o reconhecimento de direitos e combate estigmas históricos associados às favelas.

TRAVESSIAS 1 a 6

Travessias é uma iniciativa do Observatório de Favelas e da Automática, em colaboração com a RUA Arquitetos e Redes de Desenvolvimento da Maré. Realiza exposições anuais de arte contemporânea na Maré, com artistas renomados, debates, oficinas e atividades educativas. O projeto ultrapassa as fronteiras geográficas sugeridas pelo nome, explorando os diálogos que a arte estabelece com a sociedade. Já em sua sexta edição a exposição Travessias permitiu o reconhecimento e a afirmação do espaço físico do Galpão Bela a partir dos investimentos realizados em cada edição.

CINE BELA

Desde 2017, o Bela Maré mantém seu Clube de Cinema, que atrai cinéfilos e moradores locais. Em 2023, com recursos obtidos em um leilão beneficente, o centro iniciou uma reforma para incluir uma sala de exibição. Em novembro de 2024, nasceu o Cine Bela 1, o primeiro cinema gratuito em uma favela carioca, oferecendo conforto e qualidade comparáveis às melhores salas da cidade.

Ficha Técnica:

Local: Nova Holanda, Maré, Rio de Janeiro

Cliente: Observatório de Favelas

Data: 2011-2023

Área: 800m²

Parcerias:

Évora Arquitetura: Pedro Évora, Gabriel Mesquita, Alessandra Marques, Carolina Barbieri, Jean Zampier

Automática: Luiza Mello, Mariana Mello, Marisa Mello

Observatório de Favelas: Elionalva Silva, Isabela Souza, Gesem Moraes, Anna Luiza Santos, Sarah Horsth, Jailson de Souza, Renato K Queiroz.

COMO FAZER UM MODELO DO RIO DE JANEIRO A PARTIR DA MARÉ?

O trabalho Modelo Vivo da Maré discute a evolução urbana e convida para novos olhares sobre os espaços da cidade. Feito com tijolinhos de madeira sobre base modular é ampliado progressivamente assumindo nova forma a cada exposição. Teve início em 2013 medindo 5m2 e hoje possui cerca de 80m2, representando quase integralmente as comunidades que compõem o bairro Maré.

Ficha Técnica:

Local: Galpão Bela Maré, Nova Holanda, Rio de Janeiro

Data: 2013-...

Área: 80 m²

Participantes:

Afonso Botelho, Alana de C. Pacheco, Ana Nieda Melo, Ambre Doussain, Antía Fernández, Bhener Luis de Carvalho, Caroline Entrielli, Catalina Crisóstomo, David Mendonça, Dhoy Assumpção, Edith Medeiros, Ellen Nascimento Silva, Fabiano Pires, Felipe Machado, Gabriel Mesquita, Gabriella Bicalho, Gleicy Pereira, Guilherme Erthal, Isabel Barboni, Isabel Sousa, Isabela Cavallero, Isabela Couto, Jessica Lage da Silva, Joana Muzy Lopes, Jorge Lucas, Juliana Biancardini, Juliana de Oliveira Estevo, Júlio da Silva, Kamissy Poletto, Kelly Regis, Larissa Ling, Lidia Haddad, Letícia Gomes da Silva, Luana Pereira Rocha Balthazar, Lucas Keller, Marcella Fernandes, Marcelo Cardia, Marco Aurélio B. Cunha, Mariana Albuquerque, Mariana Pimentel Pires, Mariana Periauld, Mariana Sales, Marina Boaretto, Matheus Lima, Naiara Yumiko, Natasha Ferraiolo, Natasha Silveira, Nathalia Nascimento, Nathalia Paula Arruda De Meireles, Nathália Possamai, Nicolle Alves C. B. do Prado, Olivia Vigneron, Patrícia Brandão de Souza, Paula Maggi, Pedro Rivera, Rafaela Senceite, Raizza Talon, Raquel Zapff, Ravísia S. Avelar Neves, Renan Roque, Rita D' Aguilar, Roberio Catelani, Suellen Cunha Lima Neves, Suka Neves, Thaínes Marti, Thomaz Whately, Tiago Coutinho, Victor Huggo de Amorim Xavier, Vitor Kibaltchich Coelho, Vinícius Medeiros, Vivian Dias Gerheim Santos, Yana Inoue, Yrvin Gomes Duarte.